

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



DANIELA FLORÊNCIO DA SILVA

**TRANSPASSAR LIMITES E RESSIGNIFICAR ESPAÇOS:
EXPERIÊNCIAS EM MOVIMENTO EM BUSCA DE
REFÚGIO NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE
(PE)**

RECIFE
2024

DANIELA FLORÊNCIO DA SILVA

**TRANSPASSAR LIMITES E RESSIGNIFICAR ESPAÇOS: EXPERIÊNCIAS EM
MOVIMENTO EM BUSCA DE REFÚGIO NA REGIÃO METROPOLITANA DO
RECIFE (PE)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em geografia. Área de concentração: regionalização e análise regional.

Orientador: Prof. Dr. Bertrand Roger Guillaume Cozic

Recife

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Daniela Florencio da.

Transpassar limites e ressignificar espaços: experiências em movimento em busca de refúgio na Região Metropolitana do Recife (PE) / Daniela Florencio da Silva. - Recife, 2024.
160f.: il.

Tese (Doutorado)- Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2024.

Orientação: Prof. Dr. Bertrand Roger Guillaume Cozic.

1. Refúgio; 2. Espacialidade; 3. Fenomenologia; 4. Espaços urbanos; 5. Região Metropolitana do Recife (PE). I. Cozic, Bertrand Roger Guillaume. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

DANIELA FLORÊNCIO DA SILVA

**TRANSPASSAR LIMITES E RESSIGNIFICAR ESPAÇOS: EXPERIÊNCIAS EM
MOVIMENTO EM BUSCA DE REFÚGIO NA REGIÃO METROPOLITANA DO
RECIFE (PE)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em geografia. Área de concentração: regionalização e análise regional.

Aprovada em: 30/08/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bertrand Roger Guillaume Cozic (Orientador – Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Scheila Cristiane Thomé (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Jan Bitoun (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Liliانا Lyra Jubilut (Examinadora Externa)
Universidade Católica de Santos

Dedico essa tese às pessoas refugiadas em todo o mundo, a todos os pesquisadores que perderam suas vidas assassinados, tentando compreender e revelar a outra face do refúgio, suas causas estruturais - o front-, dedicando o seu olhar para uma ciência essencialmente humana. Em especial à Zaida Catalán, a Michael Sharp e a Giulio Regeni.

Ao saudoso Professor Joaquim Correia de Andrade, suas palavras de incentivo guiam minha jornada geográfica.

A Sérgio Vieira de Mello...

Agradecimentos

A experiência do conhecimento passa por diferentes reconstruções não só no pensamento, assim como na forma de pesquisar, ou dirigir-se ao mundo da vida (HUSSERL, 2012), onde buscamos inspiração para a pesquisa. Esse caminho não é solitário, muitas pessoas colaboram nesta construção/formação de diferentes formas. Suas presenças estão nas entrelinhas desta tese.

À família sempre presente durante todas as pesquisas desenvolvidas desde a graduação, agradeço pelo apoio essencial nessa longa formação. Aos meus irmãos e aos meus queridos pais, principais incentivadores desta jornada, registro os meus eternos agradecimentos. Aos meus pais que não conseguiram acompanhar a finalização da pesquisa, pois não resistiram à Pandemia, deixo o meu muito obrigada, e a mensagem de que ainda hoje sinto os seus incentivos e apoio. Às queridas amigas da família, Mércia Dias e Maria do Socorro dos Santos Lima, agradeço pela presença nos momentos mais difíceis e pelo carinho, assim como o incentivo ao Doutorado. Obrigada!

Ao meu orientador, Professor Dr. Bertrand Cozic, agradeço imensamente pelo incentivo ao método da Fenomenologia, pela liberdade de criação e pela compreensão nos momentos difíceis vivenciados durante a Pandemia e a longa fase de dificuldade para dar vida à tese após este período. Ao Professor Dr. Caio Maciel, agradeço imensamente pelas importantes orientações desde a graduação, período em que a palavra fenômeno foi assim inserida na minha trajetória de pesquisa sobre o refúgio e pelo acolhimento institucional nos momentos difíceis e também nos de muita alegria. Muito obrigada Professor!

Ao Ministério da Educação, agradeço imensamente a sensibilidade e compreensão do difícil momento da Pandemia prorrogando o prazo da finalização das pesquisas em curso dos Mestrados e Doutorados no Brasil.

Às pessoas refugiadas que contribuíram na pesquisa através dos nomes de Rafael Del Nogalez Mendez e José Martí agradeço a permissão da pesquisa, compartilhando momentos tão difíceis vivenciados durante a jornada para o Brasil, assim como as percepções de seu refúgio na Região Metropolitana do Recife (PE). *¡Muchas gracias por compartir!*

Às pessoas queridas migrantes, refugiadas e brasileiras que compartilharam um espaço/mundo de muito afeto em Pernambuco agradeço o carinho e a partilha: Rafael Del Nogalez Mendez (Venezuela), José Martí (Venezuela), Irina Diaz (Peru), Luis Angel Urrunaga (Peru), Francisco Marcelino Pujaico (Peru), Francisco Hubi (Peru), Johana Ojeda (Colômbia), Juan Carlos (Peru), Lerderis Guerra Sierra (Venezuela), Brainerd Mendonza (Venezuela), Josefina Sierra (Venezuela), Patricia Flores (Venezuela), Ericka Giannima (Peru), Jorge Felix

(Cuba), Jose Castillho (Venezuela), Gisele Carvalho (Venezuela), Noelis Quijada (Venezuela), Maria Moreno (Venezuela), Lucineide Santos (Brasil), Rose Michelle Rodrigues (Brasil), Andrea Albuquerque (Brasil), Polyana Lins (Brasil) e Marta Oliveira (Brasil).

Agradeço imensamente a oportunidade de vivenciar os momentos de escuta e de trocas entre as pessoas migrantes, refugiadas e brasileiras durante o projeto Rodas de Conversa 50+ do Serviço de Atenção à Pessoa Idosa do Departamento de Psicologia da Universidade Católica (Unicap) desenvolvido pelos psicólogos e pesquisadores Teresa Motta, Sandra Lorenzato, Ana Cristina de Araújo, Rodrigo Aureliano e coordenado pela Professora Dra. Cirlene Sales. A saúde mental é essencial no processo de integração social.

O movimento direcionado à pesquisa no estado de São Paulo teve a ajuda de algumas pessoas para a sua execução e planejamento. Agradeço à Profa. Dra. Ana Carolina Leite (UFPE), aos pesquisadores na área de migração em São Paulo Allan e Luís Felipe Aires Magalhães, à equipe da Missão Paz, Padre Paolo Parise e José Carlos Pereira, aos acolhedores integrantes do LECgeo da UFPE, ao Prof. Dr. Luís Venturi (USP), à Coordenadora Pedagógica da Bibliaspa, Nanami Sato, e ao Prof. Dr. Eduardo Marandola (Unicamp).

No estado de Pernambuco algumas pessoas e instituições foram importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Agradeço ao Procurador de Justiça do Ministério Público de Pernambuco, Dr. Marco Aurélio Farias da Silva, ao Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de Pernambuco (MPPE) e integrante do Grupo de Trabalho Migrações, Tráfico de Pessoas e Vulnerabilidades, Dr. Fabiano de Melo Pessoa, ao Defensor Público do Estado de Pernambuco, Henrique da Fonte Araújo de Souza, à coordenadora do setor de Migração da Prefeitura de Igarassu, Lucineide Santos, à Presidente da Comissão de Migração e Refúgio da OAB-PE, Rose Michelle Rodrigues, ao Gabinete Português de Leitura, à Cáritas Brasileira Regional NE2 e às fotógrafas Gisele Carvalho e Cláudia Della Nora.

Assim como no mestrado, uma rede de solidariedade acadêmica no mundo foi formada através de pesquisadores, escritores e artistas que compartilharam e disponibilizaram seus trabalhos, assim que solicitados, sempre receptivos às trocas acadêmicas. Entre eles: Marie Ange Bordas (Brasil/Mundo), Profa. Dra. Patricia Ehrkamp (Estados Unidos), Profa. Dra. Eveliina Lyythinen (Finlândia), Prof. Dr. Alan Latham (Reino Unido), Profa. Dra. Heaven Crawley (Reino Unido), Prof. Dr. Stuart Elden (Reino Unido), Bruna Kadletz (Brasil), Renata Franco Ribeiro (Portugal), Coronel e pesquisador Eduardo Migon (Brasil), 1ª Tenente Angélica Rodrigues Botelho (Brasil) e Profa. Dra. Nadja Serrano (Brasil). Muito obrigada!

“Pisa suavemente na Terra.”
Ailton Krenak (2022a).



Resumo

Os que caminham direcionados pela construção ou vivência de algo essencial - a proteção de suas vidas - impulsionam, com seus passos, os limites de estruturas soberanas injustas e violentas, contrapondo a fragilidade imposta através de seu movimento. Eles são chamados de refugiados. Em sua história, no ano de 1951 foi formulado seu instrumento jurídico internacional de proteção, mas os desafios em sua jornada persistem e se reconfiguram em novas feições. Por isso é cada vez mais necessário compreender os fatores responsáveis por esse fenômeno, repensando a maneira como pesquisamos e propomos medidas de proteção (KWEKA, 2007). A seguinte tese propõe aprofundar a compreensão sobre o fenômeno do refúgio na Região Metropolitana do Recife (PE) analisando os espaços de proteção (BARNES, 2009) não só em sua forma institucional, assim como através de uma informalidade desenvolvida por eles em seu cotidiano (LYYTINEN, 2015, 2016) nos espaços urbanos narrados, observando as especificidades da espacialidade desenvolvida. A construção da pesquisa parte da importância da subjetividade nas pesquisas científicas abordada nas contribuições da abordagem filosófica da fenomenologia de Edmund Husserl, fator importante na composição das geografias do refúgio (EHRKAMP, 2017) direcionadas também pelo “olhar atento” (TISHMAN, 2024) do pesquisador ao observar as experiências de refúgio de venezuelanos desde a saída de seu país de origem, passando por distintas trilhas até a chegada em cidades pernambucanas, destacando a importância das jornadas, pouco analisadas nas pesquisas sobre refúgio e nas migrações forçadas, possibilitando um aprofundamento da compreensão do seu “impacto psicossocial, das resiliências desenvolvidas e da adaptação à nova sociedade” (BENEZER; ZETTER, 2015, p. 303, tradução nossa). Essas vozes mostram a capacidade de transpassar os limites ao seu acolhimento e aos seus direitos, e as dificuldades desse processo, mesmo em um país (Brasil) em que existe a liberdade para sua mobilidade interna. O pensamento da Travessia de Achille Mbembe em oposição ao atual contexto de restrição à mobilidade humana no mundo ao destacar o direito de circular e de atravessar o mundo, assumindo um “*status* de passantes” (2013, p. 61) no qual durante o momento da travessia, “deixa-se algo” e “leva-se algo”, movimentando a subjetividade humana e o conhecimento, complementa as reflexões e direciona o pensamento para a transposição das fronteiras cotidianas e urbanas, compreendidas aqui como espaços de comunicação e de trocas (MACHADO, 2000, 2022). Seguindo estas linhas de composição metodológica, o movimento também foi desenvolvido pela pesquisadora como instrumento de análise, em conjunto com a realização de entrevistas, pesquisa documental e a observação e convivência cotidiana com pessoas migrantes e refugiadas de diferentes nacionalidades no espaço da Casa de Direitos do Recife (PE), no período de dois anos. A reflexão da análise dessas experiências mostrou a construção e a vivência de espacialidades intrinsecamente influenciadas pelo chão do refúgio ainda não desfeito após alguns anos no Brasil. Medo, resistência e esperança compõem os principais traços dessas geografias marcadas por uma extrema vulnerabilidade humana.

Palavras-chave: Subjetividade; Fenomenologia; Espacialidade do Refúgio; Movimento; Espaços Urbanos; Região Metropolitana do Recife (PE).

Abstract

Those who walk, driven by the construction or experience of something essential - the protection of their lives - push, with their steps, the limits of unjust and violent sovereign structures, countering the fragility imposed through their movement. They are called refugees. In their history, their international legal instrument of protection was formulated in 1951, but the challenges along their journey persist and reconfigure themselves in new ways. Therefore, it is increasingly necessary to understand the factors responsible for this phenomenon, rethinking the way we research and propose protective measures (KWEKA, 2007). The following thesis proposes to deepen the understanding of the phenomenon of refuge in the Metropolitan Region of Recife (PE) by analyzing the spaces of protection (BARNES, 2009) not only in their institutional form, but also through an informality developed by them in their daily lives (LYYTINEN, 2015, 2016) in the narrated urban spaces, observing the specificities of the developed spatiality. The construction of the research starts from the importance of subjectivity in scientific research addressed in the contributions of the philosophical approach of Edmund Husserl's phenomenology, an important factor in the composition of the geographies of refuge (EHRKAMP, 2017) also guided by the "attentive gaze" (TISHMAN, 2024) of the researcher when observing the refugee experiences of Venezuelans from the moment they leave their country of origin, going through different paths until their arrival in cities in Pernambuco, highlighting the importance of the journeys, little analyzed in research on refuge and forced migrations, enabling a deeper understanding of their "psychosocial impact, the resilience developed and the adaptation to the new society" (BENEZER; ZETTER, 2015, p. 303, our translation). These voices demonstrate the ability to transcend the limits of their acceptance and rights, as well as the difficulties of this process, even in a country (Brazil) where internal mobility is free. Achille Mbembe's *Travessia* approach, in contrast to the current context of restrictions on human mobility worldwide, highlights the right to move and cross the world, assuming a "passerby status" (2013, p. 61), in which, during the moment of crossing, "something is left behind" and "something is taken," moving human subjectivity and knowledge. This complements these reflections and directs thought toward the transposition of everyday and urban borders, understood here as spaces of communication and exchange (MACHADO, 2000, 2022). Following these methodological lines, the researcher also developed the movement as an analytical tool, along with interviews, documentary research, and daily observation and interaction with migrants and refugees of different nationalities at the Recife House of Rights (Casa de Direitos) over a two-year period. The main reflection of this research revealed the construction and experience of spatialities intrinsically influenced by the ground of refuge, still undone, after some years in Brazil. Fear, resistance and hope build the main features of these geographies marked by extreme human vulnerability.

Keywords: Subjectivity; Phenomenology; Spatiality of Refuge; Movement; Urban Spaces; Metropolitan Region of Recife (PE).

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Resumo dos principais questionamentos iniciais da pesquisa.....	22
Figura 02 - Aspectos da Geografia analisada na pesquisa sobre refúgio.....	23
Figura 03 - Entrelaçando reflexões.....	24
Figura 04 - A Casa Tombada na cidade de São Paulo.....	25
Figura 05 - Posto de Triagem da Operação Acolhida (PTRIG) em Pacaraima (RR).....	26
Figura 06 - Exposição sobre refúgio no jardim do Museu da Imigração na cidade de São Paulo.....	26
Figura 07 - Um dos abrigos para migrantes e refugiados venezuelanos em Boa Vista (RR).....	27
Figura 08 - Palavras em destaque da Fenomenologia de Edmund Husserl pesquisada.....	35
Figura 09 - Reflexão sobre a metodologia da pesquisa.....	40
Figura 10 - Momento de chegada dos venezuelanos na cidade de Pacaraima (RR).....	42
Figura 11 - Lembranças deixadas na Casa de Direitos.....	42
Figura 12 - Evolução do número de refugiados no mundo entre 1951 a 2023.....	47
Figura 13 - Recordações de uma travessia (Venezuela-Brasil).....	49
Figura 14 - <i>Gran Sabana</i> registrada entre Pacaraima e Boa Vista em Roraima.....	50
Figura 15 - Maracas do Brasil e da Venezuela.....	55
Figura 16 - Espaço de rituais da ancestralidade indígena na Ocupação Marataro Kaeté em Igarassu (PE).....	57
Figura 17 - Espaço de convivência na Ocupação Marataro Kaeté em Igarassu (PE).....	57
Figura 18 - Espaço das famílias warao na Ocupação Marataro Kaeté em Igarassu (PE).....	58
Figura 19 - Artesanato warao na Ocupação Marataro Kaeté em Igarassu (PE).....	58
Figura 20 - Encontro com uma <i>charla</i> do Club Venezuelano em julho de 2024.....	60
Figura 21 - Estátua de Simón Bolívar em uma Praça do Recife (PE).....	60
Figura 22 - Bairro de Eastleigh em Nairóbi (Quênia).....	65
Figura 23 - Travessa e Pátio de São Pedro no final da década de 1970.....	66

Figura 24 - Escultura do poeta Solano Trindade.....	67
Figura 25 - Poema de Mauro Mota.....	67
Figura 26 - Pátio da Igreja de Nossa Senhora do Terço em 1904.....	68
Figura 27 - Imagem em homenagem à memória de Frei Caneca exposta na entrada da Igreja de Nossa Senhora do Terço.....	69
Figura 28 - Muros da resistência da ancestralidade africana no Bairro do Bexiga (SP).....	71
Figura 29 - Poesia expressa em um dos muros de uma escola pública no bairro do Bexiga (SP).....	72
Figura 30 - Fachada-semblante na Travessa do Arsenal de Guerra no centro do Recife.....	73
Figura 31 - Recordações da Família Priori em Recife (PE).....	76
Figura 32 - Arquivos do Museu da Imigração de São Paulo.....	77
Figura 33 - Padaria de imigrante italiano no bairro do Brás em São Paulo em 1926.....	78
Figura 34 - Exposição sobre os Direitos Humanos na Estação Luz do Metrô de São Paulo.....	72
Figura 35 - Exposição sobre os Direitos Humanos na Estação Luz do Metrô de São Paulo.....	79
Figura 36 - Cais da Lingueta no ano de 1905.....	81
Figura 37 - Escavação arqueológica na Rua Barão Rodrigues Mendes no ano de 2001.....	82
Figura 38 - Piso do século XVII descoberto na Sinagoga Kahal Zur Israel.....	83
Figura 39 - Vestígios históricos da Sinagoga Kahal Zur Israel.....	83
Figura 40 - Rua do Bom Jesus em 1880.....	84
Figura 41 - Presença do teatro Ídiche em Recife destacado na Sinagoga Kahal Zur Israel.....	84
Figura 42 - Placa de identificação da casa de Clarice Lispector no Recife.....	85
Figura 43 - Casa onde morou a escritora Clarice Lispector no Recife.....	85
Figura 44 - Igreja dos Ingleses no ano de 1943 na rua da Aurora.....	86
Figura 45 - Frente da Igreja dos Ingleses no ano de 1910 na rua da Aurora.....	86
Figura 46 - Registro da população chinesa na cidade do Recife na década de 1930.....	87
Figura 47 - Escultura Flor Kapok no Parque Santana na cidade do Recife.....	87
Figura 48 - Escultura Flor Kapok no Parque Santana na cidade do Recife.....	88

Figura 49 - Moradia de um migrante venezuelano em uma ocupação espontânea na cidade do Recife (PE).....	92
Figura 50 - Documentos e memórias de Rafael Nogales Méndez da Venezuela.....	100
Figura 51 - Roda de Terapia para pessoas migrantes e refugiadas na Casa de Direitos do Recife.....	103
Figura 52 - Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.....	107
Figura 53 - Cátedra José Martí da Universidade Federal de Pernambuco.....	108
Figura 54 - Centro histórico de Igarassu (PE).....	116
Figura 55 - Projeto Precious Plastic (UFPE).....	118
Figura 56 - Projeto em andamento para exposição em um museu da cidade do Recife (PE)....	119
Figura 57 - Projeto Conexões Viscerais no Centro de Artes e Comunicação da UFPE.....	119
Figura 58 - Carpas (tendas em espanhol) no Abrigo Rondon 3 em Boa Vista (RR).....	124
Figura 59 - Abrigo Rondon 3 em Boa Vista (RR).....	125
Figura 60 - Pequena venda de artesanato da etnia warao no abrigo <i>Janokoida</i> em Pacaraima (RR).....	125
Figura 61 - Mensagem da etnia warao no espaço de convivência do abrigo <i>Janokoida</i> em Pacaraima (RR).....	126
Figura 62 - Posto de Triagem da Operação Acolhida em Pacaraima (RR).....	127

Observação: Imagem da capa da Tese: Daniela Florêncio da Silva (Mai. 2023).

LISTA DE SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
ALEPE	Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco
ASSICUKA	Associação Indígena em Contexto Urbano Karaxuwanassu
BPC	Benefício de Prestação Continuada (BPC)
CAO	Centro de Apoio Operacional de Defesa da Cidadania
CBNE2	Cáritas Brasileira Regional Nordeste2
CEPMIGRA-PE	Comitê Estadual de Políticas Públicas para a Promoção dos Direitos dos Migrantes, Refugiados e Apátridas no Estado de Pernambuco
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
DPPC	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural
DPPE	Defensoria Pública do Estado de Pernambuco
DPU	Defensoria Pública da União
DSEI	Distrito Sanitário Especial Indígena
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
ENCCEJA	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
GTP+	Grupo de Trabalhos em Prevenção Posithivo
IOM	International Organization for Migration
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MPPE	Ministério Público do Estado de Pernambuco
ONU	Organização das Nações Unidas
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PTRIG	Posto de Triagem e Interiorização
R4V	Plataforma Regional de Coordenação Interagencial
SINTEPE	Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de PE
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNHCR	United Nations High Commissioner For Refugees
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco

UNRWA	United Nations Relief and Works Agency
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE CARTOGRAFIAS *VIVENCIAS DE TRAVESÍA EN BUSCA DEL REFUGIO*

CARTOGRAFIA 01 - <i>La salida de un paria</i>	105
CARTOGRAFIA 02 - <i>La salida de un paria</i> (De Manaus-AM a Recife-PE).....	106
CARTOGRAFIA 03 - Uma saída, uma vida, uma esperança.....	113

Sumário

Prelúdio - “A Geografia se faz andando e pensando: convergências, “acazos”, encontros, atravessamentos e vivências.....	19
--	-----------

Parte I - A profundidade do olhar

1. O “Espaço Emaranhado”: entrelaçando sentidos.....	33
1.1. O Transbordar da Fenomenologia como método: experiência, vivências, subjetividade e o “olhar atento”.....	34
1.2. As nuances do caminhar como trajetória metodológica: o movimento.....	38
1.2.1. <i>A experiência na Casa de Direitos do Recife (PE): a realidade bate à porta.....</i>	<i>41</i>
1.3. O Pensamento da Travessia: a fronteira que nos acompanha.....	43
2. O Refúgio como fenômeno.....	47
2.1. As experiências em movimento: “Trilhas”, “escarpas” e “caminhos secundários”.....	48
2.2. A voz da jornada.....	50
2.3. Reconfigurações dos espaços de proteção.....	54
2.3.1. <i>Dos abrigos à experiência na Aldeia Indígena Urbana Marataro Kaetés do Povo Karaxuwanassu em Igarassu (PE).....</i>	<i>54</i>
2.3.2. Um clube venezuelano em formação.....	59
3. Refúgios Urbanos em Terras Pernambucanas.....	62
3.1. Recantos urbanos: impressões, singularidades e resistências.....	63
3.2. Porto, ruas e incrustados: marcas e vestígios de povos de outros países nos espaços urbanos pernambucanos em seus diferentes processos migratórios.....	75
3.3. Limites transpostos ou contornados? Cidades que acolhem ou delimitam? As “práticas” políticas de acolhimento e a integração social dos refugiados nos espaços urbanos da Região Metropolitana do Recife (PE).....	88
3.3.1. <i>A importância do refúgio como instrumento jurídico de proteção.....</i>	<i>95</i>

Parte II - Sentindo a textura das experiências de refúgio

4. La libertad de um académico itinerante hacia Recife (PE) - Rafael de Nogales Méndez.....	99
4.1. Rede de proteção solidária.....	101
4.2. Distanciamento do limite territorial com a Venezuela: o receio da perseguição.....	102
4.3. Reconhecimento espacial da cidade do Recife (PE): construindo vínculos.....	107
4.4. O sentimento de apatridia.....	109
5. Atravessando o deserto (Meu labirinto) - José Martí.....	110
5.1. Das ruas de Boa Vista (RR) para um abrigo na cidade de Igarassu em Pernambuco.....	111
5.2. “Uma pequena Venezuela”?.....	114
5.3. O difícil recomeço em uma cidade universitária do Recife (PE).....	117
5.4. Revivendo projetos.....	120
6. Lugar, movimento e refúgio.....	121
6.1. O lugar como uma “prática de resistência” e complexa “constelação de trajetórias”.....	122
6.2. A importância do movimento nas experiências de refúgio acompanhadas na Região Metropolitana do Recife (PE) e sua relação com o lugar.....	129

Considerações Finais.....	132
Referências.....	137
Anexos.....	148



Prelúdio

**“A Geografia se faz andando e pensando”: convergências, “acazos”,
encontros, atravessamentos e vivências.**

Ponte Duarte Coelho (Centro do Recife/PE)

Obra intitulada O Caminhante

Fonte: Fotógrafa Gisele Carvalho (2021).

Prelúdio - “A Geografia se faz andando e pensando”: convergências, acasos, encontros, atravessamentos e vivências.

“É evidente, mas muito frequentemente esquecido, que a ciência é feita por homens. Isso é aqui lembrado na esperança de reduzir o hiato entre duas culturas, a arte e a ciência” (HEISENBERG, 2011).

“O enriquecimento que a arte pode nos trazer origina-se em seu poder de nos lembrar harmonias que ficam fora do alcance da análise sistemática” (BOHR, 2012).

Certos apontamentos, anotações e palavras, mesmo criados durante uma pesquisa de mestrado ou doutorado, algumas vezes não são usados. São guardados, sem a necessidade de escrever, pois ressurgem no pensamento como um fluxo constante, esperando o momento do amadurecimento do pesquisador/pesquisadora para o seu uso. Outros surgem no momento da defesa, como palavras-sementes do porvir. Emoção surgiu assim, através das observações de um dos geógrafos que constituíram a banca de mestrado¹, sobre a sua presença no espaço geográfico, em maio de 2016. Ela não foi esquecida. Seu significado convergiu com a palavra fenomenologia, dita pelo meu orientador semanas após a defesa. Traços desse método foram percebidos por ele na escrita final da dissertação. O método aparece nas entrelinhas da escrita do autor, como observa o geógrafo Eliseu Savério Sposito (2020). O que parecia um pouco distante para o contexto de estudo até então, tornou-se uma busca através de uma reflexão interna e por memórias. Como seria compor uma pesquisa fenomenológica? Como iniciar a sua parte introdutória na tese?

Na memória veio uma experiência de 2006, sempre presente no fluxo ativo de retorno de algumas emoções. Ocorreu no penúltimo dia da 3ª Mostra Internacional de Música de Olinda (MIMO) na Igreja da Sé, durante os primeiros acordes de um Prelúdio, provavelmente as Bachianas Brasileiras de número quatro de Heitor Villa-Lobos² sob a regência do maestro Isaac Karabtchevsky. Mesmo distante da orquestra, uma súbita e inesperada emoção eclodiu sem que nenhuma ação de controle pudesse conter as lágrimas e um lamento interno durante sua execução. Ouvir uma orquestra ao vivo foi a primeira e única experiência até o momento. A desconhecida experiência de sentir o movimento dos acordes transpassar o corpo, assim como “o processo de viver uma emoção” e de perceber “as alterações no seu corpo” com suas viagens neurais e químicas, “por meio da corrente sanguínea, entre outras vias” (DAMÁSIO, 2020, p. 18, 140 e 141), marcaram a admiração pela linguagem da Arte. Refletindo sobre as observações

¹ Professor Dr. Jan Bitoun (Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE).

² A programação da apresentação desta noite não foi guardada para confirmar com precisão a primeira obra executada pela orquestra. De acordo com a memória foi a citada, ou outra composição em formato de um adágio (composição musical lenta).

do neurologista António Damásio sobre a etimologia da palavra emoção, “como uma direção externa a partir o corpo”, significando “literalmente movimento para fora” (DAMÁSIO, 2020, p. 135), percebidas por um observador externo, embora como destacado por Damásio, algumas alterações emocionais são apenas apreendidas internamente, a subjetividade humana surge como um processo complexo. O movimento 1 (prelúdio), assim chamado nas estruturas da música clássica das Bachianas Brasileiras, inspirou este início.

Outro apontamento guardado na memória durante o mestrado foi a figura do caminhante percebido através de uma citação do geógrafo Manuel Correia de Andrade (SILVA, 2021a). As reflexões só foram desenvolvidas durante o doutorado. Para a tese, a fotografia intitulada O Caminhante da migrante venezuelana Gisele Carvalho feita de forma espontânea durante o amanhecer no centro da cidade do Recife em 2021, foi escolhida pela expressiva sensibilidade dos que caminham muitas vezes sem um rumo específico como o caminhante registrado na fotografia. Em entrevista realizada em março de 2024, Gisele contou um pouco da história desta fotografia que ocorreu de forma inesperada nas ruas do centro³ do Recife durante o amanhecer. Caminhar faz parte da metodologia da pesquisa. Uma experiência construída em conjunto com as pessoas refugiadas pesquisadas sobre seus passos, trilhas (KNOWLES, 2017) e “caminhos escarpados” (MBEMBE, 2013, p. 61).

Através de uma “busca intuitiva” com uma “força consciente” de pesquisa (CHRISTOV, 2023, p. 8) em transformação para escrever e pensar, com diferentes etapas para percorrer, é necessário também “coragem” (CHRISTOV, 2023, p. 18) para revelar os processos internos de criação subjetiva do conhecimento.

Toda escrita acadêmica é escrita de si por ser gesto de um corpo, de uma mão, de um sistema de nervos emocionados. E toda escrita de si é de muitos, porque um corpo carrega e é carregado pelos contos herdados, pela língua herdada, por discursos alheios. E toda escrita acadêmica, quando convida ao conhecimento e comove leitores, é de si para todos, com todos. (CHRISTOV, 2023, p. 18)

Ao longo dos anos da formação na Pós-graduação (mestrado e doutorado), o processo da escrita acadêmica foi incorporando traços que iam além da pesquisa mapeada e pré-definida, delineadas pelos objetivos e hipóteses. Na verdade, foi compreendido que este processo não é fragmentado, destinado apenas aos laboratórios ou às experiências selecionadas nos trabalhos de campo. A reflexão é contínua. Faz parte da vida do pesquisador e do seu olhar para o mundo, sempre sensível e atento às singularidades do conhecimento científico, em um espaço

³ A entrevista foi realizada de forma online pelo Google Meet na tarde do dia 1 de março de 2024. Gisele mora em Recife, mas no momento da entrevista estava em Porto Alegre (RS).

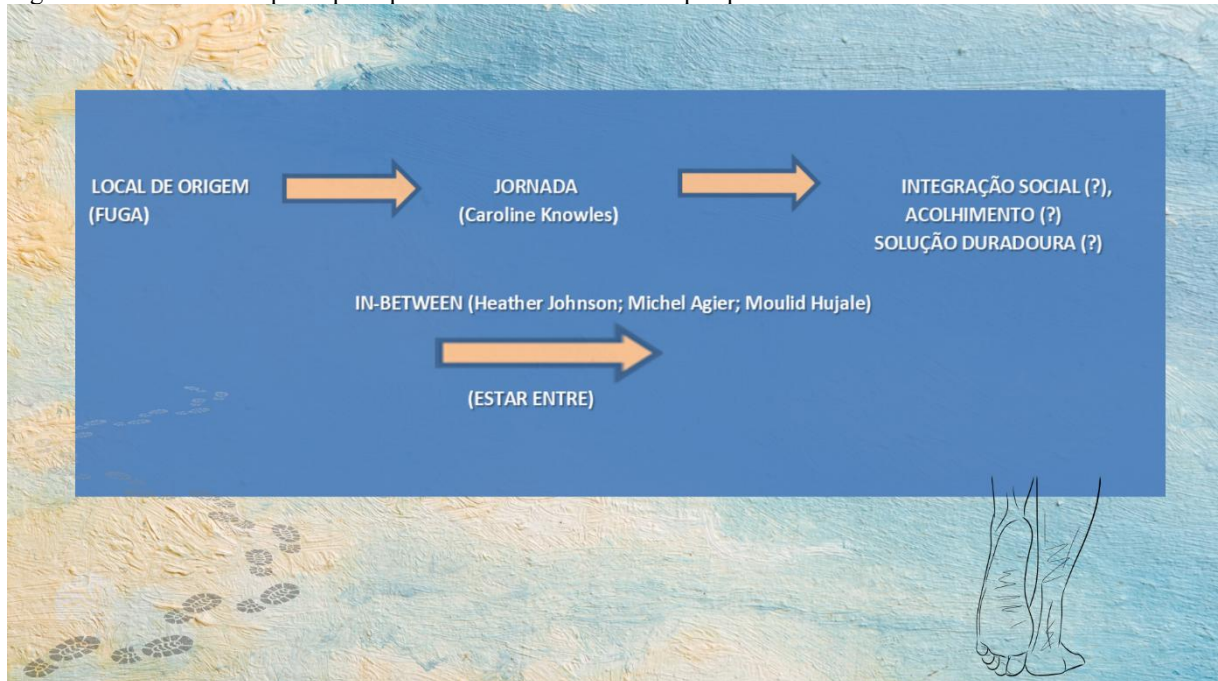
emaranhado de informações e conexões. Como geógrafa, este emaranhado é percebido geograficamente, embora essa percepção esteja atenta à leitura das outras ciências, ou por que não dizer, da Ciência. Os entrelaçamentos nele constituído, nem sempre são compreendidos. Outras formas de reflexão das realidades do mundo e de suas constituições mais profundas são criadas ou sentidas a partir da expressão artística, por exemplo, ou simplesmente durante o ato de caminhar. O antropólogo Tim Ingold destaca esses “acazos” do processo de pesquisa ao relatar que “às vezes, as melhores ideias não surgem ao seguir as linhas principais de uma investigação, mas ao se desviar do rumo, em breves encontros com coisas, obras de arte e pessoas que desencadeiam reflexões sobre temas pouco familiares e inesperados” (INGOLD, 2017, p. 5, tradução nossa).

A construção da pesquisa do doutorado foi uma continuidade do trabalho desenvolvido no mestrado sobre a formação de um campo de refugiados⁴⁴ na África Oriental, além de toda a trajetória de pesquisa desde a graduação sobre a mesma temática que envolve refúgio e o continente africano. A expressividade desse fenômeno nesse continente exigiu a mudança de perspectiva metodológica. As abordagens de securitização, gestão de pessoas e do recrudescimento das fronteiras nacionais, expressas nas geografias do refúgio abordadas pela autora Patricia Ehrkamp (2017), por exemplo, foram abordadas nas pesquisas anteriores, como a do campo de refugiados de Dadaab no Quênia durante o mestrado. A geógrafa Patricia Ehrkamp refletiu sobre essas geografias do refúgio, ressaltando a necessidade da abordagem dos seus aspectos subjetivos, nas quais o cotidiano vivenciado é transformado por eles através de novos olhares. A compreensão da dimensão dos impactos do refúgio na vida de quem vivencia essa experiência é a proposta desta tese, tendo como recorte espacial as cidades do Recife e de Igarassu na Região Metropolitana do Recife (PE).

Os aspectos observados no processo de refúgio no mestrado têm uma continuidade de análise na tese, mas a partir de outra perspectiva. O estar entre ou a experiência do *in-between*, analisados desde o momento da saída de seus países, da experiência da jornada ao longo de todo caminho da travessia e da chegada no país de acolhimento, observando a partir deste momento, o processo de integração social e das soluções adotadas para seu acolhimento (Figura 01) compõe a estrutura de questionamentos da pesquisa.

⁴⁴ **Das migrações forçadas à contenção territorial:** as geografias do campo de refugiados de Dadaab no Quênia. 2016. 234 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Figura 01 - Resumo dos principais questionamentos iniciais da pesquisa.



Fonte: Daniela Florêncio (Jun. 2019).

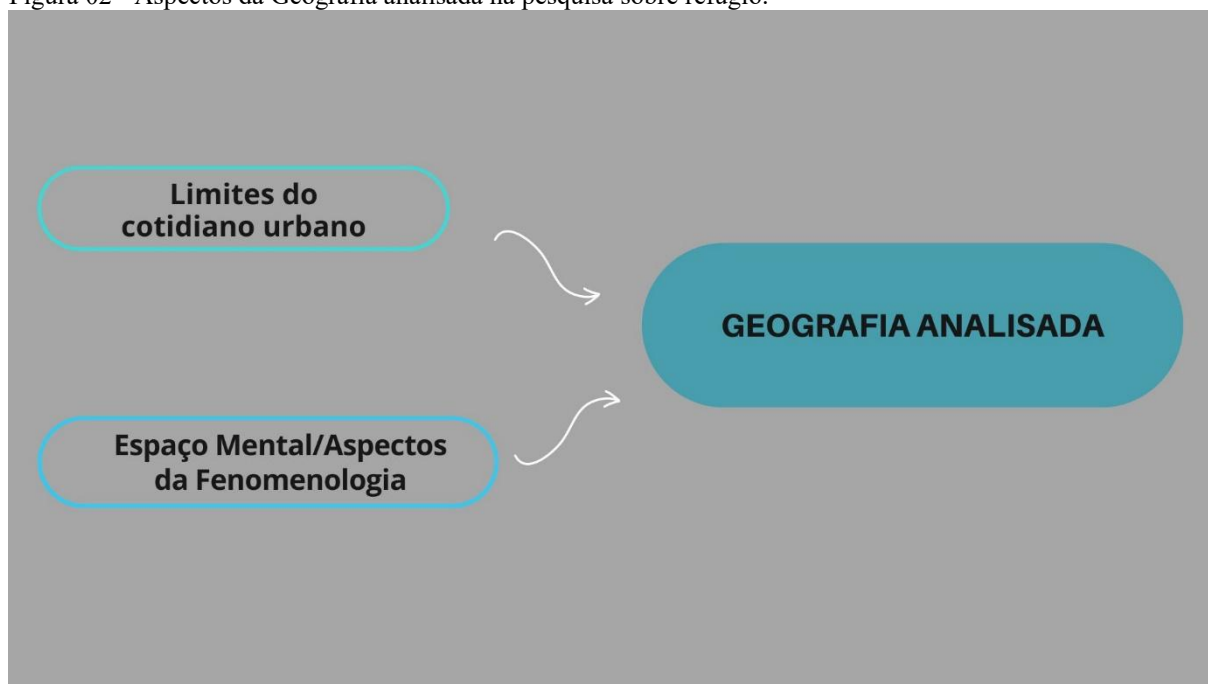
Essas geografias do refúgio são baseadas a partir da perspectiva da subjetividade “cujo intuito está na recondução da reflexão aos princípios constituintes da realidade, ou seja, a subjetividade e o mundo em sua plena correlação”, nas quais a “geografia deve focar sua reflexão inicialmente a partir da vida cotidiana; vida essa em que não prestamos atenção”, mas que é “a vida que flui como consciência constituidora do mundo e do ambiente habitual”, como uma mudança da abordagem positivista, “reorientando o espírito humano à esfera do mundo-da-vida em detrimento de um mundo abstrato referido às idealidades matemáticas” (GOTO, 2013, p. 33, 39, 43 e 44).

Esse incentivo à aproximação do olhar do pesquisador está presente em uma reflexão de Saskia Sassen (2016). Apesar de não utilizar o método fenomenológico, sua sociologia ao propor “ficar perto do chão, para descobrir por meio da suspensão do peso esmagador das categorias” (2016, p. 15) que auxiliam na compreensão da conjuntura mundial atual, tornando visível os processos sistêmicos responsáveis pela expulsão de pessoas no mundo, entre elas as pessoas refugiadas, é convergente com a proposta dos aspectos da fenomenologia, sublinhando a importância de se aproximar das realidades sem afirmações pré-concebidas. É preciso caminhar no chão do fenômeno.

O Brasil tem muitos aspectos positivos em relação ao refúgio, mas o seu principal desafio é percebido no cotidiano urbano, onde os limites do acolhimento e da inserção social são vivenciados através das dificuldades da estrutura social (saúde, educação, moradia, inserção

laboral, compreensão da língua portuguesa, diferenças culturais) existentes no país. Foi para esse espaço que a pesquisa direcionou os seus principais questionamentos e um olhar inspirado em alguns aspectos da profundidade da reflexão trazida pela Fenomenologia (Figura 02). O espaço da mente forma essa composição, porque é necessária a análise das recordações e da percepção das pessoas refugiadas pesquisadas, como atos de consciência ou vivências psíquicas abordadas na Fenomenologia Husserliana, utilizadas como direcionamentos durante as entrevistas.

Figura 02 - Aspectos da Geografia analisada na pesquisa sobre refúgio.



Fonte: Daniela Florêncio (Jun. 2024).

A percepção de que o trabalho do pesquisador ou a forma como a construção científica devem estar entrelaçados e atuantes neste processo, encontrou nas reflexões sobre a importância da subjetividade para a ciência, deste autor, o fio condutor, como costumava mencionar Edmund Husserl em seus textos. Mas, não só a subjetividade do pesquisador, assim como uma intersubjetividade criada através de uma empatia entre o pesquisador e o “objeto” pesquisado, na perspectiva da compreensão do fenômeno em análise. Esses aspectos então mencionados pelo autor, foram essenciais para uma construção científica também voltada a outros olhares sobre a importância da subjetividade, como um entrelaçar de sentidos (Figura 03). Nestes fios de conexão do pensamento que seguem um fluxo corporal ainda desconhecido, o conceito de experiência de Jorge Larrosa (2015), o olhar atento de Shari Tishman (2024), o pensamento da Travessia de Achille Mbembe (2018b), os aspectos da fronteira de Lia Machado e o olhar da perspectiva indígena de Ailton Krenak (2020; 2022) foram observados.

Figura 03 - Entrelaçando reflexões.



Fonte: Cáritas Brasileira (2021).

Continuando no percurso da construção da pesquisa, é importante ressaltar as alterações ao longo dos anos de seu desenvolvimento. Inicialmente o local de pesquisa determinado foi a cidade de São Paulo, e assim foram iniciadas as primeiras visitas dos locais mapeados no ano de 2019. O cenário da Pandemia atrasou e tornou difícil o retorno. Mas, o movimento inicial da pesquisa já tinha sido constituído. Nada foi perdido, apenas deram outros tons nesta construção do pensamento. A Casa Tombada na cidade de São Paulo é um destes exemplos (Figura 04). Mapeada em 2018 e visitada no ano de 2019, tornou-se um espaço de inspiração do pensamento, com suas reflexões criativas e filosóficas. Diferentes referências bibliográficas produzidas por este espaço, chegaram trazendo alívio às reflexões e à escrita endurecidas⁵. A filósofa e professora da Unesp e da Casa Tombada, Luiza Christov, descreve sobre esse processo da experiência do conhecimento e do momento de colocar no papel os registros das reflexões da pesquisa, argumentando a necessidade da inserção das vivências, questionamentos e sentidos, como traços participantes desta evolução. Para Luiza:

A marca da escrita reflexiva é explicitar perguntas e descobertas, conceitos e sínteses que revelem a construção de conhecimentos. A escrita reflexiva revela também os caminhos percorridos para o conhecimento da própria experiência e das referências que fundamentam a experiência. A escrita

⁵ É importante destacar que durante o período da Pandemia, os encontros online produzidos pela Casa Tombada diminuíram a dificuldade de acesso a este espaço e a seus organizadores. O pensar artístico de Edith Derdyk (2023) e suas obras, o livro *Narra-te cidade* organizado por Giuliano Tierno e Leticia Liesenfeld Erdtmann e o livro *Abrigar a impermanência* organizado também pela Casa Tombada são exemplos que compõem importantes partes da estrutura da tese.

reflexiva mobiliza nosso repertório pelo trabalho da memória e oferece a possibilidade de atualizarmos pensamentos com os quais nos identificamos e, que sem dúvida, inspiram nossa ação no mundo. (CHRISTOV, 2023, p. 17 e 18)

Figura 04 - A Casa Tombada na cidade de São Paulo.



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da (Set. 2019).

A reconstrução metodológica teve início durante a primeira ida ao estado de Roraima em junho de 2019, durante um curso de Direito Internacional sobre refúgio na Universidade Federal de Roraima (UFRR), com trabalhos de campo realizados nas instalações da Operação Acolhida nas cidades de Boa Vista e de Pacaraima. Nesta experiência, a compreensão da centralidade do aspecto do movimento na realidade dos migrantes forçados e das pessoas refugiadas no Brasil, e de um movimento fronteiriço extremamente significativo, não só na chegada ao Brasil, mas em momentos de retorno para Venezuela quando possível e necessário, a espera pela interiorização organizada pelo governo do Brasil, ou de forma espontânea, impactaram na estrutura da tese e no olhar que deveria ser desenvolvido. Ter presenciado os movimentos de chegada dos venezuelanos na cidade de Pacaraima (RR) neste período, e conhecer a imensa estrutura de emergência humanitária (Figura 05) montada neste estado foi

determinante para que as experiências vivenciadas nesta travessia pelos venezuelanos fossem registradas na pesquisa.

Figura 05 - Posto de Triagem da Operação Acolhida (PTRIG) em Pacaraima (RR).



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da (Jun. 2019).

Como mencionado anteriormente, a pesquisa em São Paulo não foi possível como espaço urbano de referência, mas alguns aspectos da pesquisa foram registrados nestas experiências urbanas da cidade que tem um histórico de acolhimento e de recepção de migrantes internacionais e de pessoas refugiadas no Brasil. Alguns recantos urbanos formados por eles ou onde residem atualmente foram visitados. Espaços de pesquisa sobre a temática como o Museu da Imigração do estado de São Paulo e o seu acervo histórico impressionam pela dimensão e sensibilidade dos registros e das exposições (Figura 06).

Figura 06 - Exposição sobre refúgio no jardim do Museu da Imigração na cidade de São Paulo.



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da (Ago. 2019).

O retorno no ano de 2021 para Roraima, mesmo durante a Pandemia, através de um trabalho voluntário em uma organização internacional durante o mês de setembro (Figura 07), possibilitou a vivência nos 12 abrigos administrados pela instituição em parceria com a Operação Acolhida. O cotidiano dos abrigos e da cidade de Boa Vista aprofundou a compreensão da experiência de refúgio de muitos venezuelanos no Brasil. Se fosse possível resumir o que foi visto desta experiência de deslocamento forçado dos venezuelanos nestas cidades do estado de Roraima em uma expressão, seria a exaustão humana. Os momentos de chegada nos abrigos ou nos postos de triagem da Operação Acolhida eram os mais difíceis de se presenciar. Se no ano de 2019 essa exaustão humana era mais visível nas ruas da cidade de Boa Vista e de Pacaraima ao presenciar sua busca por comida ou atendimento médico nas ruas, principalmente de Boa Vista, no ano de 2021 sua inserção social nesta capital já era mais expressiva, inclusive dando treinamento para brasileiros em grandes estabelecimentos comerciais. A exaustão não era apenas da jornada, já estava presente em muitos venezuelanos em seu país. Alguns chegavam muito debilitados na cidade de Pacaraima e não resistiam, de acordo com relatos durante entrevista da 1ª Tenente (Enfermeira) Angélica Rodrigues Botelho e da Professora Dra. Nadja Serrano da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)⁶. Entre as causas com maior ocorrência de falecimentos estavam a desidratação excessiva em pessoas com doenças de base (cardíaca, câncer, entre outras) com posterior falência múltipla de órgãos. Em setembro de 2021, durante uma visita de acompanhamento dos venezuelanos internados na área médica emergencial do abrigo Pricumã na cidade de Boa Vista (RR), ao lado de uma funcionária de uma organização humanitária responsável pelo programa de voluntariado em que participei, alguns casos desta exaustão emocional e física, com desenvolvimento de quadros convulsivos e de confusão mental foram presenciados.

Figura 07 - Um dos abrigos para migrantes e refugiados venezuelanos em Boa Vista (RR).



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da (Set. 2021).

⁶ Entrevistas realizadas em março de 2022 de forma online pelo Google Meet.

Mesmo exaustos, a disposição de muitos em continuar sorrindo, inclusive nas longas filas de atendimento no posto de triagem, lançava questionamentos sobre a nossa própria capacidade de passar por essa experiência e seguir... Entre os voluntários e alguns profissionais que trabalhavam na Operação, essa indagação era constante.

Além das proposições teóricas e das contribuições narradas, as contribuições da Arte nos aspectos metodológicos, principalmente através das fotografias, dão visibilidade a muitos aspectos da subjetividade, inserida na construção do pensamento da pesquisa. A “visualidade” das expressões artísticas utilizadas, incentivam o aprofundamento do olhar, em busca da compreensão das “camadas distintas de sentidos” e de diferentes dimensões da reflexão (ESBELL, 2018), criadas ou não por pessoas em distintos processos migratórios.

Para aprofundar um pouco mais sobre a contribuição da arte, é necessário ressaltar a importância das produções artísticas das pessoas refugiadas. O trabalho de Behrouz Boochani, jornalista iraniano da minoria curda e refugiado, é um exemplo. Lançando um olhar incisivo e esclarecedor sobre a experiência do refúgio através da sua escrita, a força de suas palavras ultrapassou as cercas e muros de um centro de detenção para migrantes e solicitantes de refúgio na Austrália, onde escreveu o livro *No friend but the mountains: the true story of na illegally imprisoned refugee* de 2018. Apesar das adversidades e precariedades existentes durante o processo da escrita no centro de detenção, Behrouz recebeu o prêmio de literatura mais importante deste mesmo país em que se encontrava detido por buscar refúgio. Para a jornalista Naomi Paik, as palavras de Behrouz criaram uma linguagem diferente, como uma crítica, ressaltando a importância do conhecimento produzido pelas pessoas aprisionadas por este sistema. Para Naomi:

A literatura era forte o suficiente, finalmente, não apenas para chamar a atenção para as circunstâncias, mas para realmente desafiar o sistema. Porque quando você escreve usando uma linguagem literária, quando você cria arte, na verdade, você desafia as principais perspectivas em relação aos refugiados; você desafia as imagens; você desafia o entendimento geral. A arte é a linguagem mais poderosa para desafiar essa perspectiva. Não se trata apenas dos refugiados, mas de todos os povos minoritários, de todas as pessoas marginalizadas. Não é apenas consciência. Conscientização não é suficiente. Em vez disso, você desafia a linguagem e cria uma linguagem diferente e transformadora. (PAIK, 2021, tradução nossa)

Outra contribuição da arte através da escrita veio das reflexões do migrante venezuelano Brainerd Miguel Mendoza Hernandez ao recordar o processo migratório para o Brasil no ano de 2018. As anotações em seu diário começaram antes da saída da Venezuela, prevendo a difícil jornada para um país desconhecido, mesmo sendo vizinho do estado Bolívar, onde residia. A escrita o ajudou nas dificuldades de inserção social no estado de Roraima. Brainerd só escrevia,

não conseguia falar. A dificuldade não era com a nova língua, mas com o choque emocional da chegada, que se transformou em dor corporal ao longo dos meses na cidade de Boa Vista (RR). Sua regularização migratória foi através da residência. Os motivos de sua saída, assim como de seus familiares, era a precariedade das condições de sobrevivência em seu país. Como não sofreu perseguição, não solicitou refúgio. Ao chegar, não sentia que seria necessário o refúgio. Mas, o cotidiano mostrou que independente do seu documento de identificação no Brasil, “o modo refugiado” era acionado na “dinâmica diária” de insegurança vivenciada no Brasil (HERNANDEZ, 2024, p. 114). A escrita também o ajudou a “transcender o modo refugiado”. Sua escrita no Brasil já era em português⁷.

Todas as entrevistas com as pessoas migrantes e refugiadas foram realizadas no espaço da Casa de Direitos da Cáritas Brasileira Regional NE2 localizada no campus da Universidade Católica de Pernambuco. Além das entrevistas citadas, foram realizadas também de forma online, entrevistas com profissionais que atuaram no processo de acolhimento, com funcionários do poder público do estado, com profissionais militares da área da saúde que atuaram na Operação Acolhida no estado de Roraima e com fotógrafas que desenvolveram uma reflexão artística sobre a cidade do Recife (PE). A revisão bibliográfica, a pesquisa documental, os trabalhos de campo, as visitas técnicas do Programa de Migração e Refúgio da Cáritas Brasileira Regional NE2 como Educadora Social e Articuladora Local da Instituição, assim como a observação e convivência cotidiana com pessoas migrantes e refugiadas de dezoito nacionalidades⁸ na Casa de Direitos do Recife, no período de dois anos, entre 2022 a 2024 auxiliaram neste processo de composição⁹. Neste espaço houve a possibilidade de conhecer as duas pessoas refugiadas venezuelanas selecionadas para as entrevistas e o acompanhamento de suas realidades. A experiência do refúgio possui traços muito específicos, então infelizmente só duas pessoas foram selecionadas para essa reflexão. Outras nacionalidades com jornadas distintas ou diferentes gêneros, por exemplo, não conseguiram ser incluídas na pesquisa, seja pelo tempo curto de permanência no estado impedindo a construção da relação para a pesquisa, ou pelo não interesse em participar.

⁷ Entrevista foi realizada em julho de 2024.

⁸ Nacionalidades atendidas no período de agosto de 2022 a outubro de 2024 na Casa de Direitos do Recife do Programa de Migração e Refúgio da Cáritas Brasileira Regional NE2: venezuelana, cubana, peruana, colombiana, chilena, argentina, ucraniana, russa, grega, palestina, paquistanesa, afegã, angolana, guineense (Guiné-Bissau), guineense (Guiné), nigeriana, egípcia e estadunidense.

⁹ Trabalhando nesta Instituição no período de agosto de 2022 a outubro de 2024 nas funções mencionadas, foram feitos os registros na Casa de Direitos do Recife de 1.017 atendimentos entre as especificidades de regularização migratória, assistência social, cursos de português e de capacitação profissional, inserção laboral, orientação psicológica e atividades culturais.

O capítulo 1 da tese aborda a proposição de um exercício interdisciplinar na elaboração da ciência, entrelaçando os aspectos da fenomenologia, destacando a importância da subjetividade neste processo, observando as nuances do movimento das pessoas em processo de deslocamento forçado, suas experiências, travessias e as fronteiras do cotidiano. Nessa reflexão metodológica que constitui este capítulo, a Casa de Direitos do Recife (PE) surge como um espaço onde aspectos relevantes das realidades da migração forçada na Região Metropolitana do Recife foram encontrados e vivenciados.

No capítulo 2 a complexidade do fenômeno do refúgio é ressaltada através da perspectiva das pessoas refugiadas e dos migrantes forçados venezuelanos, observando as reconfigurações dos espaços de proteção desenvolvidas por elas nas cidades destacadas na pesquisa. Suas vozes narram além das experiências de deslocamento forçado, a capacidade de transpassar as dificuldades do processo de inserção social.

O capítulo 3 destaca a importância das cidades como refúgio no mundo. Estima-se que 60% das pessoas refugiadas no mundo vivam em espaços urbanos (EARLY, 2020). Esses espaços são destacados e discutidos a partir das possibilidades de integração social e de proteção, assim como as configurações singulares desenvolvidas pelo refúgio na Região Metropolitana do Recife. Através de arquivos históricos, os vestígios da migração internacional são assinalados ao lado da contemporaneidade urbana observada durante a pesquisa. Neste cenário histórico pouco conhecido, além das antigas hospedarias de migrantes (TEIXEIRA, 2022), um registro histórico de deslocados de guerra (SPERANZA, 2021) que desembarcaram em Recife no ano de 1949 foi encontrado (Anexo 1)¹⁰. A evolução da estrutura pública social e os instrumentos jurídicos locais específicos para o acolhimento e integração de migrantes internacionais e das pessoas refugiadas, também serão analisados observando, principalmente, os desafios encontrados neste cenário da Região Metropolitana do Recife.

As texturas das experiências de refúgio nas cidades do Recife e de Igarassu, selecionadas para compor a análise, são descritas/narradas nos capítulos 4 e 5. Mesmo com as identidades não reveladas, a força dos depoimentos mostra as especificidades desse fenômeno a partir da realidade da migração forçada venezuelana. O contexto do país que impulsionou a fuga de milhões de pessoas é abordado nos depoimentos. A jornada e os processos de inserção social no Brasil, observados durante a caminhada/movimento até o estado de Pernambuco também são discutidos nestes capítulos. O sentimento de apatridia e de recomeço são destacados por eles. As recordações de suas vivências da travessia para o Brasil em busca de

¹⁰ Pesquisa realizada de forma online nos documentos do Arquivo Nacional.

refúgio foram recuperadas em suas criações cartográficas através das memórias guardadas e dos instantes marcantes desse processo, além de suas principais percepções dos espaços brasileiros percorridos e inspiradas nas Cartografias Afetivas de Ana Paula do Val (2013) e no Projeto *Cartographies traverses, des espaces où l'on ne finit jamais d'arriver* (MEKDJIAN; SZARY, 2015) apresentada na dissertação sobre o Campo de Refugiados de Dadaab no Quênia, mas não trabalhada na metodologia da pesquisa. Cartografias que expressam além de suas jornadas, “onde diversas fronteiras são vivenciadas; as visíveis,” “e as humanas, através do preconceito” e da solidariedade. Seus traços “expressaram mais do que rotas, setas de sentidos ou lugares percorridos durante essa jornada, trazendo a complexidade desses deslocamentos através da perspectiva dos refugiados e de suas experiências, transformando-as assim em legenda, como uma cartografia de sentidos” (SILVA, 2016, p. 63).

O capítulo 6 traz uma reflexão sobre o importante conceito de lugar para a Geografia e a compreensão de sua vivência a partir das realidades das pessoas refugiadas entrevistadas, observando o aspecto do movimento nesta constituição.

As mudanças estruturais na tese durante o doutorado com a alteração para a centralidade do movimento, a necessidade da mudança do local de pesquisa da cidade de São Paulo para a Região Metropolitana do Recife (PE), ocasionada pela Pandemia, foram moldando alternativas para a realização da pesquisa, incompatíveis com as exigências dos limites de modificação no projeto durante o processo de submissão ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco. A impossibilidade da mudança do título da tese e das autorizações de pesquisa institucionais, é um exemplo significativo. Foram conseguidas autorizações de pesquisa por uma instituição de São Paulo e de Recife, mas com as alterações, só a de Recife foi usada. O amadurecimento de sua construção, não foi proporcional ao tempo exigido para a sua submissão. No entanto, todas as regras e direcionamentos éticos e de responsabilidade do pesquisador¹¹, foram seguidos de acordo com os procedimentos disponibilizados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco, tendo sempre “o cuidado com a palavra daqueles que nos ensinam sobre suas experiências nas diferentes pesquisas” (CHRISTOV, 2023, p. 17).



¹¹ Cartas de apresentação da pesquisadora e da pesquisa, termos de autorização do uso de imagem artísticas de fotografos e de outras obras artísticas, termos de uso de documentos institucionais (Fundações ou Institutos) foram assinados apenas para o uso na tese. Nenhuma imagem das pessoas refugiadas entrevistadas foi feita, assim como seus nomes e a divulgação de qualquer localização exata de suas residências, tanto em seus países de origem quanto na Região Metropolitana do Recife.

PARTE 1
A profundidade do olhar

Avenida Engenheiro José Estelita (Recife/PE)
Obra intitulada Pinceladas de Van
Gogh
Fonte: Fotógrafa Gisele Carvalho (2021)

1. O “Espaço Emaranhado”: entrelaçando sentidos...

“É indispensável uma preocupação ontológica, um esforço interpretativo de dentro” (SANTOS, 2020, p. 19).

A inspiração do olhar da Física na tese, surgiu com a leitura do livro *O Tecido do Cosmo* de Brian Green (2005) e sua descrição de um espaço emaranhado através da mecânica quântica e as conexões entre elementos ou partículas, independente da distância. Esse acesso ao mundo do que é essencialmente pequeno e invisível ao olhar humano, com vínculos distantes, mas muito delicados (GREEN, 2005) questiona a compreensão das realidades possíveis. Essas evoluções trazidas pelo conhecimento científico influenciam também os conceitos em Geografia. Para o geógrafo Ruy Moreira:

Todo esse sistema de ideias começa a desmoronar quando a própria física clássica descobre a segunda lei da termodinâmica (e a lei da entropia), dando num início de reformulação de paradigmas que vai ter ainda que incorporar a lei da relatividade e depois a ausência de leis no mundo quântico. Todas essas mudanças alteram a concepção moderna de tempo, de espaço, de natureza e de homem dando origem a um novo ciclo de criação dos conceitos (de natureza e do homem, e assim, da arquitetura do espaço-tempo). (MOREIRA, 2015, p. 122)

Esse não é o propósito da tese, mas o exercício proposto por Milton Santos na citação de abertura deste capítulo, relembra que “uma disciplina é uma parcela autônoma, mas não independente, do saber geral. É assim que se transcendem as realidades truncadas, as verdades parciais, mesmo sem a ambição de filosofar ou de teorizar” (SANTOS, 2020, p. 20). As citações dos físicos Niels Bohr e Werner Heisenberg utilizadas na parte introdutória desta pesquisa, mostram como a reflexão filosófica e o olhar da arte, por exemplo, são importantes para a composição da ciência, assim como a interdisciplinaridade mostra que os limites para o pensamento devem ser transpostos, as reflexões precisam de inspirações diversas. A filosofia de Edmund Husserl foi importante para os trabalhos de físicos importantes como Werner Heisenberg (HUSSLERL, 2019). Os dois conviveram no mesmo ambiente acadêmico da universidade alemã de Göttingen.

Essa imensidão do espaço e sua constituição por descobrir, com percepções diferenciadas, dependendo do olhar humano, ganha expressividade na fotografia de Gisele Carvalho apresentada na página inicial desta reflexão. A poética Avenida José Estelita da cidade do Recife, na despedida da madrugada, com o início ainda tímido da luz solar, recebeu os tons das pinceladas de Van Gogh com o brilho das luzes das gotas de chuva momentânea. Essas pequenas gotas preencheram o espaço retratado, direcionando o olhar para o “ponto de fuga”

com tonalidade amarela, como “elementos que levam ao infinito ou a lugares desconhecidos”, como mencionou Gisele Carvalho, durante a entrevista mencionada anteriormente.

Uma outra forma de pensar sobre esse mundo muito pequeno, mas que conseguiu ser captado e compreendido por humanos através da mecânica quântica, é vista na instalação *Le silence des particules* do artista e cenógrafo francês Guillaume Cousin ao revelar em sua criação “um mundo silencioso, invisível e ao mesmo tempo ao nosso alcance”¹², como um exercício de um aumento da percepção através dos elementos do Ar, da Água, da Luz e do Tempo, atraído pelas reflexões da Física Quântica¹³. Essa é a proposta da tese: um aumento da percepção para a realidade do “mundo circundante” (HUSSERL, 2012, p. 82) e que, às vezes, nos afeta, por isso direcionamos o olhar.

O geógrafo Denis Cosgrove ao afirmar que a “geografia está em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós” (2012, p. 236), ressalta a importância da espacialidade e do olhar do geógrafo, embora a espacialidade não seja apenas do interesse da Geografia (CORRÊA, 2018). Para o Roberto Lobato Côrrea, “a espacialidade está impregnada de significados” (CORRÊA, 2018, p. 296), sua interpretação geográfica não está limitada aos aspectos econômicos, sociais ou geopolíticos, assim como sua leitura está inserida no mundo das vivências também. O “coração” é uma dessas partes onde a Geografia pode estar, caso seja vivenciada “24 horas por dia”, ou melhor dizendo, o tempo todo (CORRÊA, 2018, p. 297). A subjetividade do pesquisador-geógrafo é assim percebida.

1.1. O Transbordar da Fenomenologia como método: experiência, vivências, subjetividade e o “olhar atento”.

A vivência transborda muitas vezes através das emoções.

Assim como para Tim Ingold, a Fenomenologia “cresceu em mim de forma mais ou menos acidental e se infiltrou em meu pensamento sem que eu realmente percebesse” (INGOLD, 2017, p. 40, tradução nossa). Como antropólogo, Tim Ingold esclarece que a melhor forma de se aproximar das “profundezas da experiência humana” seria prestar atenção ao

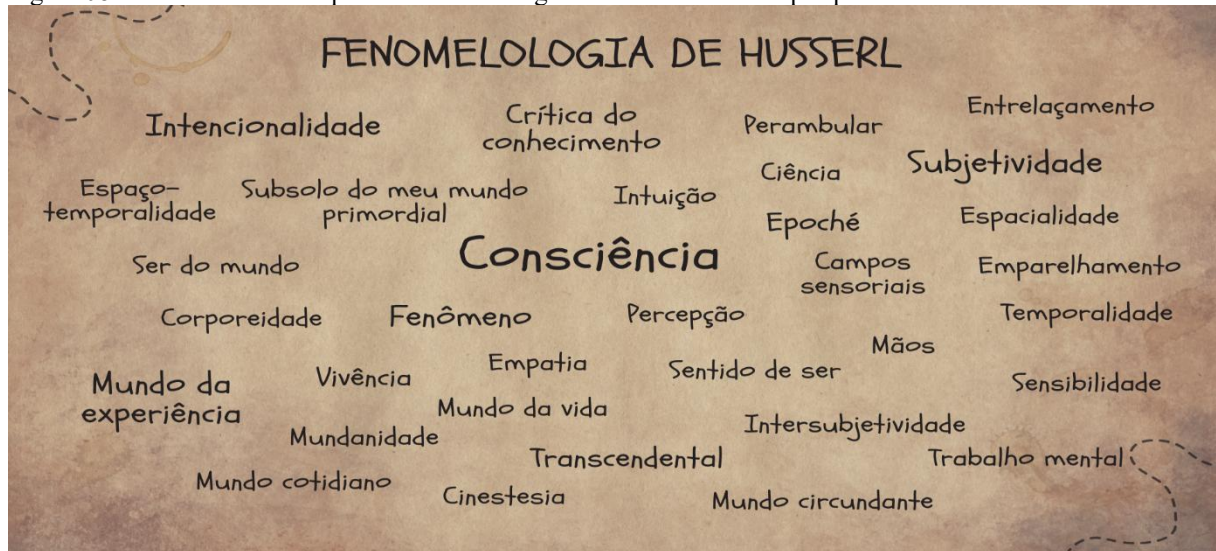
¹² A instalação artística *Le silence des particules* de Guillaume Cousin fez parte da programação do espaço cultural Le Grand R, na cidade de La Roche-Sur-Yon (França) em outubro de 2023. Ela pode ser visualizada no site da referência. Disponível em: <https://www.legrandr.com/saisons/23-24/le-silence-des-particules/>. Acesso em 10 jan. 2024.

¹³ Kikk Festival (Bélgica, 2021). Disponível em: <https://2021.kikk.be/fr/programme/kikk-in-town/guillaume-cousin>. Acesso em 10 jan. 2024.

próprio mundo e aprender diretamente com o que ele tem a nos dizer”, “no seu dia a dia” (INGOLD, 2017, p. 40).

Ao iniciar o caminho pelo olhar da Fenomenologia, as reflexões do seu fundador Edmund Husserl, convergiram com o direcionamento do pensamento que seria desenvolvido na tese. Como análise principal, duas de suas obras foram referência para esta fundamentação: *Meditações Cartesianas* e *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Sua fenomenologia (Figura 08) centraliza-se em uma crítica da construção do conhecimento científico, destacando a importância da subjetividade do pesquisador neste processo, onde a dicotomia entre sujeito e objeto não deve existir, descrevendo o trabalho mental e a importância da consciência na compreensão de fenômenos, compreendidos assim em sua fenomenologia como algo “tal como e enquanto se apresenta a consciência” (ZILLES, 2012, p. 18). Scheila Thomé acrescenta que para Husserl, fenômeno é o modo como o objeto aparece para a consciência, através de seus “conteúdos sensíveis (cor e formato, por exemplo) que afetam o eu/consciência” impulsionando assim, o direcionamento intencional da consciência a partir de um ato (percepção, imaginação, recordação, entre outros) (O QUE É TUDO ISSO, 2019). O transcendental de sua fenomenologia vem desse mundo interior, intuitivo, uma “volta às coisas mesmas” (ZILLES, 2012, p. 16), “da análise reflexa” (ZILLES, 2012, p. 8) do conteúdo de pensar. Essa é a atitude transcendental descrita por ele.

Figura 08 - Palavras em destaque da Fenomenologia de Edmund Husserl pesquisada.



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da (Mar. 2024).

As vivências estudadas pelo autor são vivências intencionais da consciência “para descobrir e apreender as essências diretamente da intuição” (ZILLES, 2012, p. 25). O movimento da consciência para o mundo ou do sujeito para o objeto é descrito por Husserl através da intencionalidade, como uma correlação que produz um “sentido que permite perceber

os fenômenos humanos em seu teor vivido” (ZILLES, 2012, p. 29). Essa profundidade da abordagem filosófica da Fenomenologia de Husserl não é só vista como um método por autores como Urbano Zilles (2012) e Edward Relph (1981), mas transborda em uma “atitude ou postura filosófica”, assim como “um movimento de ideias com método próprio, visando sempre o rigor radical do conhecimento” (ZILLES, 2012, p. 11). Nas linhas descritas por Husserl, na pequena parte lida para a tese, pode-se perceber, assim como Zilles e Relph destacaram, um posicionamento ou postura do pesquisador no ato de desenvolvimento da ciência e de uma ética no mundo da vida.

Com o conceito tão central da subjetividade no pensamento de Husserl, houve um questionamento sobre a necessidade de revisar um possível solipsismo em suas reflexões. O que foi realizado pelo autor em *Meditações Cartesianas* (2019) em sua quinta meditação e em *A crise da humanidade europeia e a filosofia*, onde a intersubjetividade é contextualizada em sua fenomenologia. A autora Scheila Thomé ressalta que no próprio processo de redução fenomenológica de Husserl, a intersubjetividade pode ser percebida através de “uma análise atenta das diversas camadas da constituição” presentes no processo de redução fenomenológica (THOMÉ, 2019, p. 532). Ao elaborar uma reflexão sobre a intencionalidade no espaço geográfico de acordo com as relações entre objeto e ação, o geógrafo Milton Santos destaca uma observação importante, mencionando o trabalho de Husserl neste conceito, acrescentando também uma reflexão sobre esta questão da intersubjetividade. Citando Luijpen (1966), a conexão profunda entre sujeito e objeto ou em suas palavras “sujeito e mundo” é vista como um “encontro”, ou de uma melhor forma: um “diálogo”, “já que nenhum dos dois participantes (...) pode ser pensado se o separarmos do outro” (LUIJPEN, 1966, p. 88 e 89 apud SANTOS, 2020, p. 90).

Tim Ingold vai além da intersubjetividade na Fenomenologia propondo uma aproximação maior. Para o autor, a partilha seria a melhor descrição do ato da pesquisa com os que são observados.

Há muito que tenho dúvidas sobre o postulado fundamental da fenomenologia, nomeadamente que a consciência deve sempre ser consciência de, precisamente porque isso coloca o telescópio ao contrário. Da mesma forma, quando invocamos a fenomenologia ou a antropologia disto ou daquilo, parece que giramos em torno da coisa em questão, transformando os lugares ou os caminhos a partir dos quais observamos em tópicos circunscritos de investigação. A palavra-chave, penso eu, não deveria ser de, mas com. Eu partiria então do postulado de que a consciência é sempre consciência com, antes de ser consciência de. Enquanto de é intencional, com, eu diria, é atencional. E o que ela estabelece são relações não de intersubjetividade, mas de correspondência. (INGOLD, 2017, p. 40 e 41, tradução nossa, grifos nosso)

Para a análise desta pesquisa, a abordagem da fenomenologia é principalmente importante porque o seu foco “está na interseção entre mente e mundo, nenhum dos quais pode ser compreendido separadamente um do outro. Para falar mais concretamente, uma investigação fenomenológica de uma experiência perceptiva ou de uma experiência de medo também deve investigar o correlato intencional, o objeto percebido ou temido” (ZAHAVI, 2020, p. 4, tradução nossa). Esta interseção ou encontro também é desenvolvida pelo conceito de empatia e do momento do emparelhamento em que o sujeito que pesquisa apreende o sujeito pesquisado.

Muitos questionamentos metodológicos surgem sobre a aplicabilidade da fenomenologia de Husserl em áreas de pesquisa diferentes da Filosofia (ZAHAVI, 2019). Como ela poderia ser usada? “Quão profundamente enraizada na filosofia fenomenológica deve estar uma disciplina ou prática para que possa ser qualificada como fenomenológica? Quantos dos compromissos centrais da fenomenologia ela deve aceitar?” (ZAHAVI, 2020, p. 1, tradução nossa). De acordo com o autor Dan Zahavi, atualmente não há consenso sobre isto.

O mesmo autor enfatiza que “a fenomenologia nos faz retornar aos fenômenos experienciais eles mesmos, ao invés de contentar-se com meras especulações e teorias acerca de sua natureza” (ZAHAVI, 2019, p. 334). A interpretação da fenomenologia, assim percebida, é um convite à reflexão sobre a construção do conhecimento, onde a subjetividade do pesquisador é ressaltada. Através dela podemos entender melhor o mundo das pessoas refugiadas, aprofundando a análise da dimensão emocional dessa experiência, através das relações espaciais então constituídas.

Observando o significado das palavras em diferentes línguas, o filósofo e educador espanhol Jorge Larrosa argumenta que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2015, p. 18). Para o autor, é preciso um tempo lento para pensar, olhar, para sentir... Na modernidade este tempo para perceber o que nos afeta, está cada vez mais difícil de acontecer, ressalta o autor. Jorge Larrosa acrescenta:

Vamos agora ao que nos ensina a própria palavra *experiência*. A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de

travessia: a palavra *peiratês*, pirata. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o *ex* de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. (LARROSA, 2015, p. 26 e 27).

Essa reflexão de Jorge Larrosa converge com o sentido da palavra experiência para as pessoas refugiadas: a travessia perigosa. O mesmo tempo lento necessário para que se possa perceber a experiência, é o tempo necessário para o olhar atento da pesquisadora na área de educação Shari Tishman, embora como a autora adverte, “a aprendizagem por meio da observação prolongada pode ocorrer por todos os sentidos” (TISHMAN, 2024, p. 2). Essa abordagem de Shari Tishman também foi usada como parte integrante da metodologia desta pesquisa, como uma imersão em busca dos detalhes da complexidade do refúgio.

1.2. As nuances do caminhar como trajetória metodológica: o movimento.

Construir e pensar com os sentidos.

Uma face importante da trajetória metodológica, como mencionada anteriormente nas páginas introdutórias desta pesquisa, iniciou sua construção com olhar voltado para o movimento da pesquisadora nos espaços urbanos selecionados, mas ainda sem uma centralidade do movimento na pesquisa. Durante a pesquisa nas cidades de Boa Vista e de Pacaraima em Roraima em junho de 2019, o movimento foi percebido como base constituinte da experiência de refúgio dos venezuelanos, como importante instrumento de sobrevivência e de busca por “vida”. Neste contexto, o corpo compõe aspectos importantes, tanto como instrumento de análise para o pesquisador quanto de fator de observação das pessoas refugiadas pesquisadas. As reflexões de Juliana Missaggia convergem com o pensamento exposto. Para a autora:

Nosso corpo também é um objeto entre outros, mas é, por assim dizer, o objeto que serve de instrumento para a percepção por se relacionar com os outros objetos e permitir a interação “sensorial” no mundo das coisas efetivamente dadas. Podemos, no contato com os objetos, vê-los, tocá-los, ouvi-los, e assim por diante, mas tudo isso também envolve nossa situação de corpo no espaço - espaço esse compartilhado, evidentemente, com todos os demais entes - e nossa possibilidade de nos movermos nesse ambiente de contato, alterando a percepção de acordo com nossa posição em relação às coisas as quais nos dirigimos. (MISSAGGIA, 2017, p. 199)

Observar o corpo humano como componente da produção do conhecimento através das conexões e relações entre suas diferentes partes constituintes, como o ato da reflexão, por exemplo, aproxima e ressalta a continuidade entre o observador e certos aspectos do mundo observado. Essa “atenção pelo papel do corpo no conhecimento deriva da necessidade de escuta, da sensibilidade e da receptividade, funções garantidas pelo corpo na ação” (GIACONI et al, 2014, p. 337). Neste processo, introduzindo os aspectos metodológicos da pesquisa, as terminações nervosas presentes nos pés, conectadas a toda estrutura do corpo e seus sentidos, compõem as nuances do caminhar através do movimento dos corpos da Pesquisadora e das pessoas refugiadas acompanhadas na pesquisa. A ciência geográfica também é feita com o “constante pensar” dos “pés” (BERQUE, 2016 apud SILVA, 2021, p 140). A extrema complexidade existente nos estudos da mente humana ainda em processo de desenvolvimento, exige um rigor e contínuas descobertas para responder aos requisitos de uma produção científica, e como ressaltam os pesquisadores Giaconi et al de acordo com uma pesquisa sobre a experiência do professor e dos alunos durante o processo de aprendizagem em sala de aula:

A fronteira entre sentidos e dados físicos torna-se cada vez mais tênue. O corpo não é simplesmente um peso a ser carregado (...) e, em conjunto com os sentidos, forma um todo com a mente. A mente não é um órgão; aprendizagem não é somente um processo físico em nosso corpo. A mente está presente em todo o nosso corpo, resultando em nossas ações, pensamentos e sentimentos. Apesar da importância de tudo isso, muitos processos mentais continuam um enigma, alguns mais outros menos. (GIACONI et al, 2014, p. 343)

As reflexões da fenomenologia de Edmund Husserl destacam a importância da capacidade de movimentação do corpo para a composição da percepção, conectada aos “órgãos dos sentidos”, sendo assim um corpo que se movimenta e sente, e “que toca e é tocado” (MISSAGGIA, 2017, p. 200 e 202). Ao analisar o conceito de corpo de acordo com as reflexões de Husserl, Juliana Missaggia ressalta não só os seus aspectos físicos, assim como a dimensão da sua consciência:

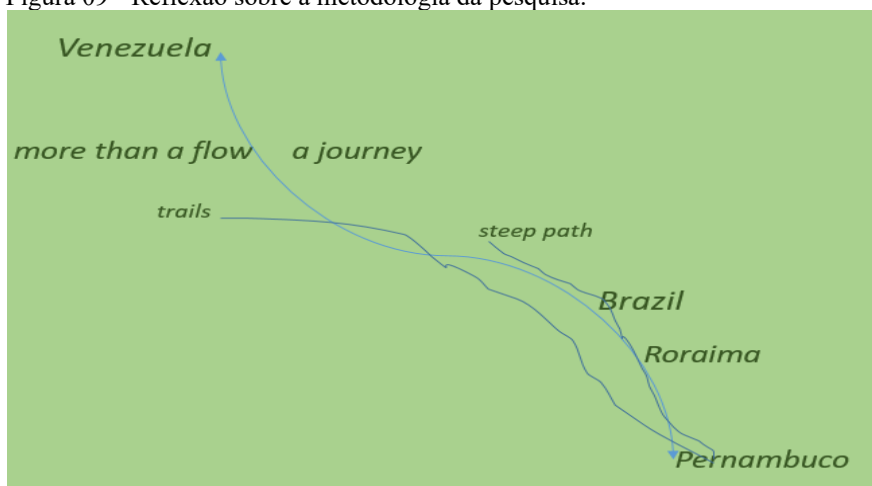
Assim também como as demais faculdades: nosso corpo pode, como qualquer objeto, ser visto, mas ele é também, ao mesmo tempo, o corpo que vê. Assim, portanto, ‘meu corpo, na interação física com outras coisas materiais, envolve (...) não apenas a experiência de uma ocorrência física, (...) mas também a experiência de uma ocorrência especificamente corpórea do tipo que chamamos sensível’. Tal tipo de ocorrência é o que falta às ‘meras coisas materiais’. (MISSAGGIA, 2017, p. 202, grifo da autora)

A capacidade de movimento e de percepção do corpo são muito referenciados aos trabalhos de Merleau-Ponty, embora a influência deste autor na Fenomenologia tenha sido notadamente Edmund Husserl, evidenciando em suas reflexões a importância do corpo nos processos de produção científica. Neste aspecto, “a noção de corpo é importante, (...) em

primeiro lugar, para desmistificar a ideia de Husserl como um idealista que nada tem a dizer sobre questões ‘empíricas’ ou sobre o ser humano enquanto ser no mundo” (MISSAGGIA, 2017, p. 196, grifo da autora). Esse ser no mundo e suas sensações são fundamentais para a existência de uma objetividade científica (MISSAGGIA, 2017), consciente do papel da subjetividade humana neste processo.

Caminhar surge na metodologia de pesquisa a partir de reflexões desenvolvidas no início do doutorado sobre o olhar do flâneur em vivências urbanas (SILVA, 2021), mas sem adentrar nos aspectos da fenomenologia de Husserl, necessários para a tese. Nesta pesquisa a fundamentação das experiências de refúgio é baseada através de um olhar geográfico direcionado para a compreensão das especificidades dessas espacialidades vivenciadas, desde o momento da saída do país de origem (Venezuela) em busca de proteção até a chegada na Região Metropolitana do Recife (Figura 09), observando todo o processo de deslocamento forçado.

Figura 09 - Reflexão sobre a metodologia da pesquisa.



Fonte: SILVA et al (2022) - Slide apresentado na 19TH International Association for the Study of Forced Migration Conference em agosto de 2022.

Caminhar foi a forma utilizada para a busca de refúgio no Brasil ou de sobrevivência dentro do próprio país de origem das duas pessoas refugiadas pesquisadas. Neste processo, a espacialidade, a corporeidade, as “sensações cinestésicas” (MISSAGGIA, 2017, p. 197), a percepção do movimento e da experiência do “ser corpóreo” da “Terra” (HUSSERL, 2006b, p. 23, tradução nossa), ou seja, uma proximidade com o que dá a liberdade de escolha, pois um corpo vivo é também “um órgão de vontade” e através da vontade do seu “ego”, movimenta-se (MISSAGGIA, 2017, p. 202), compõem assim, fatores importantes de construção da reflexão na pesquisa. Esta espacialidade onde o solo terrestre não é apenas visto como um recurso no pensamento de Husserl, é assim ressaltado por Gabriel Barroso, ao indicar o exercício

necessário da redução fenomenológica (*Epoché*) proposta por Husserl (2006b) da “visão copernicana da Terra”, não a refutando, mas a reduzindo para “investigar as camadas de sentido ocultas e esquecidas que permitem a emergência da visão da Terra como um corpo” (BARROSO, 2022, p. 207), durante a busca por outras possibilidades de compreensão. Para o autor:

Entretanto, enquanto me atenho ao que imediatamente vejo, a Terra jamais aparece como este astro localizável em um sistema de coordenadas: ela não é um corpo, mas aparece à luz do território e do horizonte em que me situo. Vejo, na verdade, a paisagem e o segmento do horizonte nos limites em que me encontro, limites que podem ser estendidos conforme amplio meu campo de experiência, na medida em que sigo de uma cidade a outra, de um país a outro, e até mesmo enquanto amplio sinteticamente, através da mediação oriunda dos relatos de outros, meu próprio campo de experiência, assumindo uma representação mais ampla até chegar a Terra como tal. A Terra é, assim, nosso espaço comum. (BARROSO, 2022, p. 206)

O deslocamento forçado em busca de refúgio não revela apenas os espaços percorridos, desviados ou contornados. É uma jornada interna, um transpassar com enlaces subjetivos, com uma geografia que deixa marcas na pele e na memória (MIRANDA, 2015). Esta compreensão exige do pesquisador subjetividade, suspensão de uma objetividade científica que apresenta características que impõe limites aos aspectos humanos sensíveis e das “teorias preconcebidas” (SPIEGELBERG, 1972 apud ZAHAVI, 2019, p. 340) e empatia (HUSSERL, 2019, 2012, 2006a, 2006b).

1.2.1. A experiência na Casa de Direitos do Recife (PE): a realidade bate à porta.

“Uma narrativa sem palavras” (DAMÁSIO, 2022).

O trabalho voluntário foi pensado como instrumento metodológico desde o pré-projeto do ano de 2018, mas a possibilidade de trabalhar como membro da equipe em um local de atendimento e de ações para as pessoas migrantes e refugiadas, deu a possibilidade de uma compreensão mais abrangente do fenômeno pesquisado. Muitas reflexões surgiram no cotidiano intenso do sistema emergencial. As experiências em Roraima complementam o pensamento criado, porque o lugar da fronteira (aqui no sentido de limite territorial), neste processo de análise, mostra a chegada (Figura 10) ou a espera inicial, assim como a experiência da emergência humanitária e suas dimensões profundas visibilizadas, como os abrigos/campos nas cidades de Pacaraima e de Boa Vista no estado de Roraima. É ter consciência, no caso dos venezuelanos que passaram por Roraima, de onde estão vindo. Neste espaço, a ferramenta de

trabalho principal foi a escuta e a solidariedade. É ter empatia e buscar as melhores soluções para as solicitações diversas das diferentes nacionalidades atendidas na Casa de Direitos do Recife ou durante o seu acompanhamento posterior.

Figura 10 - Momento de chegada dos venezuelanos na cidade de Pacaraima (RR).



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da (Jun. 2019).

Os que passaram pela Casa de Direitos costumam deixar recordações e reflexões. Desde pequenos desenhos de crianças venezuelanas e peruanas, uma mensagem escrita em árabe deixada por solicitantes de refúgio do Egito, colocados na mesa de trabalho, a um totem e uma carta (Anexo 2) de um migrante colombiano que se perdeu no caminho em busca de trabalho na cidade do Recife e foi parar em uma casa-ocupação do movimento das pessoas que lutam por uma moradia (Figura 11).

Figura 11 - Lembranças deixadas na Casa de Direitos do Recife.



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da. (2024).

Recordando o pensamento da Travessia de Achille Mbembe, além das recordações materiais deixadas pelas pessoas migrantes e refugiadas nos diferentes momentos de encontro mencionadas anteriormente, diferentes narrativas das pessoas que frequentam ou frequentaram a Casa de Direitos foram deixadas. A pausa entre muitas falas, também são narrativas, por exemplo. As recordações eram narradas e durante estes momentos, a expressão facial e corporal, deixavam transpassar o que, em silêncio, era narrado internamente. Os afegãos que frequentaram este espaço, narravam dessa forma, principalmente através de gestos angustiados, palavras que não foram ditas. Durante o acompanhamento de uma consulta médica de uma família afegã no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco, os médicos refugiados não concordaram com a interpretação sobre uma forma de medicação proposta pelos médicos brasileiros do Hospital. A fala era suave e extremamente baixa, mas a leitura corporal demonstrava discordância e irritação. Toda a carga acumulada de experiências de anos de um refúgio difícil no Irã, assim como a perseguição no país de origem, transpareceu nestas leituras corporais com palavras silenciadas.

Estas narrativas sem palavras também foram vivenciadas pelas pessoas refugiadas entrevistadas na pesquisa. Nem tudo é dito, mas percebido através de expressões faciais. A dificuldade de falar sobre o cotidiano nas cidades da Região Metropolitana do Recife onde vivem e realizam atividades, com pouco convívio social, dificultou a compreensão da espacialidade por eles desenvolvida, embora tenham assinalado os traços que a marcam.

1.3. O Pensamento da Travessia: a fronteira que nos acompanha.

Embora seja muito associado ao pensamento Pós-colonial, o filósofo e cientista político africano Achille Mbembe, explica que seu pensamento é o da Travessia. Aquele que busca os arquivos do mundo, partilha a Terra com todos os seres existentes nela, vai ao encontro dos outros do mundo, discutindo assim, a necessidade do desenvolvimento de um “pensamento-mundo”, conduzido por travessias entre diferentes povos e geografias continentais. Essa forma de pensar traz elementos importantes para a reflexão da pesquisa, ao propor outra forma de olhar. Quando questionado se pretendia com esse pensamento sugerir que a Europa estava presa em sua forma de pensar, o autor respondeu que sim. Em suas palavras:

Sim, e o seu próprio arquivo não lhe permite resolver os grandes enigmas do nosso tempo, tem de sair desse fechamento num arquivo único, ter em conta de que existem outros. Por isso é que reivindico a ideia de um “pensamento-mundo”, que é forçosamente um pensamento da travessia e não um pensamento pós-colonial. Só um pensamento da travessia é que se pode

alimentar nos arquivos do mundo, só ele pode sentir-se em casa na tradição europeia, na tradição africana, na tradição asiática. Evidentemente, isso comporta enormes riscos, mas é preciso assumi-los como parte integrante do próprio “ato de pensar”. Porque pensar sem riscos não quer dizer nada. E por aqui se vê que não sou um teórico pós-colonial. (MBEMBE, 2018b, grifos nosso)

O pensamento de Mbembe é aquele que enxerga a importância do movimento de pessoas pelo mundo, como acontecia na África pré-colonial. Esta é a centralidade de seu pensamento. O direito de circular e atravessar o mundo, assumindo um “*status* de passantes” (MBEMBE, 2013, p. 61). Ao passar, deixa-se algo, leva-se algo, movimentando a subjetividade humana, o conhecimento. Uma visão oposta do atual contexto de mobilidade humana no mundo, como assim descreve o autor:

O mundo deixou de se apresentar nos termos antigos. Estamos testemunhando o nascimento de uma forma nunca vista da relação sujeito/objeto humano, bem como o surgimento de novas maneiras de conceber o espaço. As experiências fenomenológicas que temos do mundo estão sendo completamente abaladas. A razão e a percepção deixam de se igualar. O pânico se instala. Vemos cada vez menos o que nos é dado para ver, e cada vez mais o que desesperadamente queremos ver, mesmo que o que desesperadamente queremos ver não corresponda a nenhuma realidade dada. Talvez mais do que nunca, outros podem se apresentar de forma física e tátil, enquanto permanecem em ausência fantasmagórica em um vazio concreto similar, quase como fenômeno. Este é de fato o caso de migrantes, refugiados e solicitantes de asilo. Não é apenas a maneira como eles aparecem entre nós que nos mergulha em uma ansiedade crônica e existencial. É também a matriz de seu ser, da qual supomos que eles são apenas a máscara, que nos mergulha em um estado de agitação e incerteza radical. Afinal, o que realmente está por trás do que podemos ver? (MBEMBE, 2018a, tradução nossa)

No movimento temporal do mundo, “culturas, seres e coisas se emaranham e entrelaçam”, apesar dos intensos limites, configurando a existência humana, “ao mesmo tempo incerta e repleta de promessas” em um espaço terrestre único e partilhado (MBEMBE, 2013, p. 45). Entre diferenças, apartheid, singularidades e conflitos, a comunidade deste único espaço, ainda precisa ser construída, orientada, principalmente, pelos conceitos de ética, responsabilidade e justiça, como enfatiza o autor.

Partindo da perspectiva subjetiva, atribuindo um olhar complementar sobre o conceito de fronteira, então enfatizado por Mbembe, destaca-se a reflexão da geógrafa Lia Machado, o definindo como um “lugar de comunicação e troca” entre povos (MACHADO, 2000, p. 10), o diferenciando conceitualmente de limite. A origem da palavra fronteira estava relacionada às noções de passagem e de limiar. Surgiu no norte da África e só depois foi incorporada à noção de limites territoriais soberanos. Para a autora, é interessante separar a fronteira de limite. Fronteira é um termo mais antigo. Mesmo na fronteira internacional, ela se caracteriza pela

permeabilidade e como lugar de comunicação. Estando em guerra ou não, ainda assim as pessoas conseguem passar, porque a sua configuração assim permite. Já o limite internacional, menciona Lia Machado, corta o espaço de interação da zona de fronteira, composta por “diferentes redes de interação, nacionais e internacionais” (MACHADO, 2022).

Outras formas de se pensar a fronteira, como algo constituinte do cotidiano, da proximidade, trazem para perto, reflexões necessárias sobre a importância de vivenciá-las, transpassando diferentes limites, como os do pensamento europeu, ressaltado por Mbembe. Para o escritor indígena Ailton Krenak (2022b), “as fronteiras só existem quando nós permitimos que elas se assentem primeiro no nosso pensamento, depois elas são postas no chão. Mas, se a gente for capaz de soprar essas fronteiras... transformar essas fronteiras em fluidez, a confluência é possível.

2. O Refúgio como fenômeno

“Enquanto cruzávamos a fronteira, perdemos o controle um do outro. Por algum milagre estranho, circunstância inexplicável, nós nos encontramos novamente”
(Ruanda - Serge Alain Nitegeka/2021).

“Ninguém abandona a sua casa a não ser que a
sua casa seja a boca de um tubarão.
Tu só corres para a fronteira quando vês a
cidade inteira correr também” (Somália - Poema
Casa de Warsan Shire/2022).

“Lar é viver entre duas placas tectônicas. Profundos céus alaranjados que convidam pássaros que agacham, dilaceram e arrancam. O sangue chegou à água. (...) O lar é desconfiança. (...) Eles imaginam que o lar é fuligem. Eles imaginam que o país está correndo. Agora sabemos que o refúgio é os dois”
(Sudão do Sul - Chuol Bigoa/2019).

“Eu continuo caminhando...” (Venezuela - José Martí/2024).

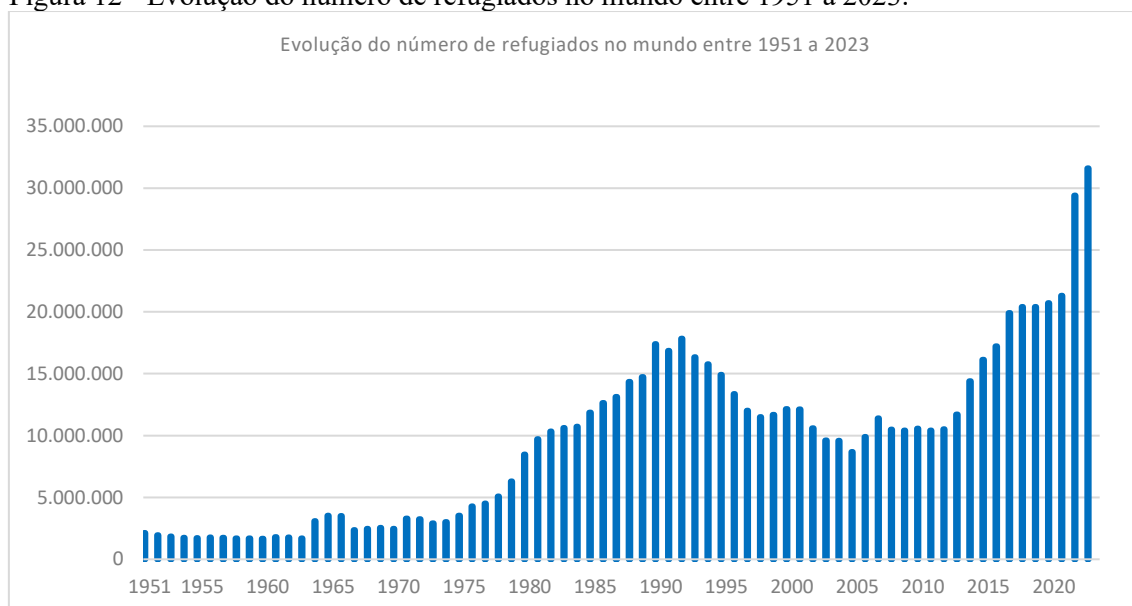
“Lar não é um lugar. Ele está presente nas pessoas que encontramos e conseguimos nos conectar. Sentimos o lar nesse momento específico.
Não o sentimos sempre, mas isso é o que me faz seguir em frente”
(Síria - Mohamad Aljounde/2020).

2. O Refúgio como fenômeno.

“A experiência de refúgio é muito complexa e muito diferente para cada pessoa. Lugar, tempo, gênero, habilidade... coisas assim, impactam as pessoas em diferentes níveis. (Chuol Bigoa, 2021, tradução nossa)”¹⁴

Através de uma reflexão sobre a evolução do número de refugiados no mundo entre os anos de 1951 a 2022 (Figura 12), a expressiva estatística é apresentada no contexto dos significados desses números para a humanidade, reivindicando uma forma de geopolítica consciente da fragilidade humana e orientada por uma “sensibilidade do mundo”, em que “afetos e campos sensoriais que estão além da visão” não sejam “bloqueados” (MIGNOLO, 2013, p. 136).

Figura 12 - Evolução do número de refugiados no mundo entre 1951 a 2023.



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da. Dados do United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR), Population Statistics Data Overview (UNHCR) e Global Trends (UNHCR).

Nota: Os dados referem-se apenas aos refugiados sob proteção do UNHCR.¹⁵

A experiência de deslocamento forçado das pessoas refugiadas possui “força ontológica”, “resistência”, produção de “subjetividades: produção do ser” (SOUZA, 2014, p. 115). A transposição ou a forma de contornar limites desenvolvida por quem vivencia essa experiência, dá movimento aos padrões conceituais anteriormente estabelecidos, reafirmando nas discussões da comunidade internacional por exemplo, o artigo 14¹⁶ da Declaração Universal dos Direitos

¹⁴ Chuol Bigoa é do Sudão do Sul, mas vive como refugiada na Austrália. O seu depoimento do ano de 2021 está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ORcQqfm0Tuo>.

¹⁵ Aqui não estão registrados os refugiados palestinos. Eles estão sob proteção da United Nations Relief and Works Agency (UNRWA), específica para a questão palestina. Se os refugiados palestinos estivessem nessa estatística, os números seriam maiores.

¹⁶ 1- Toda a pessoa sujeita a perseguição tem o direito de procurar e de beneficiar de asilo em outros países. Fonte: ONU Brasil (18 set. 2020). Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declara%C3%A7%C3%A3o-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 10 dez. 2023.

Humanos de 1948, o artigo 27 da Declaração de Direitos Humanos Americana de 1948, o artigo 22 da Convenção Americana sobre Direitos Humanos de 1969, a Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951, a Convenção da Organização de Unidade Africana (UOA - atual União Africana) de 1969 e a Declaração de Cartagena de 1984¹⁷. O direito à soberania territorial dos países não deve se sobrepor à solicitação de sobrevivência.

A observação dessas experiências por pesquisadores é fundamental para a construção teórica do refúgio indo ao mesmo tempo, além dessa construção, na constituição de “atos políticos”, uma vez que a sociedade deve contribuir para a mudança (ALLEN et al, 2018, p. 218). Mas, “nesse espaço de resoluções, em que um reequilíbrio de poder é cada vez mais necessário, existe a urgência de uma presença: a dos refugiados” (SILVA, 2021, p. 369).

2.1. As experiências em movimento: “trilhas”, “escarpas” e “caminhos secundários”.

Achille Mbembe em sua experiência de vida guarda os registros de processos migratórios de um cidadão africano de um país em conflito (Camarões) marcado pela fragmentação colonial imposta pela França e pelo Reino Unido¹⁸. Esse “caminho escarpado” (2013, p. 61) percorrido compõe uma “porção” de sua vida, marcada por viver nos “interstícios” de diferentes sociedades por onde passou, desviando e se aproximando de forma inesperada (2013, p. 63). Esses caminhos escarpados, encontram nas trilhas descritas no trabalho da socióloga Caroline Knowles (2017), a forma do percurso feito ou os contornos de sua compreensão. As trilhas são frequentemente citadas pelas pessoas que precisam passar por caminhos alternativos durante o processo migratório para a sua sobrevivência. Essa é a realidade de muitos venezuelanos durante o deslocamento forçado para o Brasil (Figura 13).

Para Rafael de Nogales Méndez¹⁹, um dos refugiados entrevistados, “*trochas*”²⁰ são caminhos que abrimos” quando as rotas ou estradas oficiais não são possíveis. Rafael de

¹⁷ Fonte: Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (22 mar. 2016). Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁸ Mesmo com uma escrita próxima da realidade das pessoas refugiadas, principalmente do continente africano, Achille não teve essa experiência migratória forçada. A informação foi confirmada pela escritora e artista brasileira Marie Ange, através das redes sociais em fevereiro de 2024. Marie conviveu com Achille na África do Sul, onde desenvolveu seu projeto Geografias em Movimento (2013), no qual Achille desenvolveu o capítulo mencionado no texto da pesquisa.

¹⁹ Nome escolhido pelo entrevistado para representar a sua história e a necessidade da ausência de sua identificação.

²⁰ *Trochas* significa trilhas em espanhol. Na publicação *Acolhidos: o percurso da Venezuela à integração no Brasil* do fotógrafo italiano Antonelle Veneri do ano de 2021, os momentos da travessia pelas *trochas* dos venezuelanos na fronteira com o Brasil, entre a cidade venezuelana de Santa Helena de Uairén e de Pacaraima no Brasil foram registradas. Disponível em: https://www.avsibrasil.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Catalogo_acolhidos_265x230_web.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

Nogales Méndez criou suas próprias *trochas* no território venezuelano, muito conhecido por ele. Seu trabalho nas Forças Armadas exigia percursos constantes e o bom conhecimento do território de seu país. Mas, além disso, Rafael também é acadêmico, formado em Geografia e História. Muitas dessas *trochas* foram descritas por ele durante as entrevistas.

Figura 13 - Recordações de uma travessia (Venezuela-Brasil).



Fonte: Fotos e Mosaico de imagens de Brainerd Miguel Mendoza Hernandez (2024).

As imagens da figura 13 mostram os registros do venezuelano Brainerd Miguel Mendoza Hernandez durante a vinda para o Brasil no ano de 2018. No mosaico de imagens, cada registro tem um significado para ele e para sua família no momento da travessia. O corte de uma página escrita no meio do mosaico representa algo deixado para trás, o inspirando posteriormente a escrever sobre sua experiência. As imagens estão em sentido horário²¹ da saída

²¹ Entrevista realizada em julho de 2024.

da Venezuela ao momento da chegada no Brasil. Brainerd fez questão de mostrar nas fotos as geografias que sente muita saudade porque foram vivenciadas em uma vida inteira. Ele morava no estado Bolívar, fronteira com o Brasil. O Parque Nacional Canaima onde está presente a *Gran Sabana* e as formações rochosas chamadas *Tepui* foram destacados por Brainerd em seu mosaico. A *Gran Sabana* também é vista em Roraima, no trajeto entre as cidades de Pacaraima e Boa Vista (Figura 14).

Figura 14 - *Gran Sabana* registrada entre Pacaraima e Boa Vista em Roraima.



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da (Jun. 2019).

Nesse período, eles não precisaram usar as *trochas*. Mas, no ano de 2020 durante a Pandemia, nos momentos em que passar a fronteira entre Santa Elena e Pacaraima era impossível, um de seus familiares precisou passar por elas. Como percurso alternativo, a segurança é mínima. Muitos não gostam de comentar o que viram ao passar por elas, só descrevem como difícil.

2.2. A voz da jornada.

“Uma história narrada pode significar um mundo com tanta ‘profundidade’ quanto um tratado de filosofia” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 19, grifo do autor).

A compreensão profunda do cenário de deslocamento forçado no mundo, em configuração ao longo de décadas, com suas estatísticas e fatores geopolíticos em destaque, não é possível sem a visibilidade das experiências e percepções das pessoas refugiadas. Mesmo sem

abordar a temática do deslocamento humano forçado, a autora Caroline Knowles apresenta uma reflexão importante ao descrever o movimento de pessoas e objetos por vias pouco compreendidas da globalização, através do conceito de jornadas, ao invés de “fluxo”, seguindo cartografias dos movimentos humanos e suas “geografias particulares” (KNOWLES, 2017, p. 28).

Nesta linha de pensamento, Roger Zetter, Professor Emérito da Universidade de Oxford e membro do Refugee Studies Centre dessa universidade, e o Professor Gadi BenEzer da College of Management Academic Studies em Israel deram uma importante contribuição sobre o conceito das jornadas, baseado, principalmente, na pesquisa desenvolvida por Gadi BenEzer sobre o deslocamento em busca de refúgio de judeus etíopes em Israel no final dos anos de 1970 e início de 1980. As reflexões, profundamente sensíveis, evidenciam as múltiplas dimensões envolvidas nesse processo. Essa experiência marcante fornece “uma lente sobre a condição social” (BENEZER; ZETTER, 2015, p. 302, tradução nossa) dos refugiados após sua chegada nos lugares de refúgio, aprofundando a compreensão sobre o fenômeno e direcionando novas práticas políticas e regulamentações jurídicas.

Apesar de sua importância, a jornada tem sido pouco analisada nas pesquisas sobre refugiados e migrações forçadas. A proposta desta pesquisa dos autores é o desenvolvimento de um mapeamento do que existe sobre o tema, do que falta ser abordado e do que seria interessante incluir nessa discussão. Nesse processo, os autores ressaltam como as ferramentas conceituais e de análise têm sido pouco desenvolvidas, nesse período repleto de significados que transbordam as experiências vivenciadas nos percursos e que não deve ser visto apenas como um momento de transição entre a saída do país de origem e a integração social no país de refúgio, assim como na jornada de retorno ao país de origem, durante o processo de repatriação, por exemplo. O próprio processo de fuga, com suas características de perseguição, conflitos e violação dos direitos humanos, é um forte indicador do “tornar-se e do ser refugiado” (BENEZER; ZETTER, 2015, p. 299, tradução nossa). A jornada seria, então, uma considerável parte da constituição das pessoas em situação de refúgio. Como muito bem ressaltam os autores, “a voz da jornada não tem versões concorrentes da realidade” (BENEZER; ZETTER, 2015, p. 303, tradução nossa). Como uma experiência transformadora de vida, ela transcende o evento físico imediato, influenciando também, nos processos de integração social nos países de chegada e “no estreitamento ou expansão das fronteiras pessoais” (BENEZER; ZETTER, 2015, p. 303, tradução nossa) durante essa adaptação nos novos lugares.

A análise das narrativas das jornadas aprofunda a compreensão do seu “impacto psicossocial, das relações entre significado e enfrentamento”, das resiliências desenvolvidas,

das “questões de confiança”, de “como os recursos comunitários e culturais são utilizados para lidar com o trauma e do encontro e adaptação à nova sociedade” (BENEZER; ZETTER, 2015, p. 303, tradução nossa). Além disso, essas vozes podem mostrar a capacidade de transpassar os limites impostos, principalmente pelos discursos políticos contrários ao acolhimento e ao direito migratório.

A jornada não termina após a chegada. Esse momento nem sempre é percebido e vivenciado de forma clara pelos refugiados. Essa experiência, muitas vezes, continua dentro do país de acolhimento. Além de física, essa jornada também é mental. Neste caso, como definir seu fim, então?

A complexidade de fatores envolvidos durante o processo de sua vivência impõe desafios metodológicos aos pesquisadores, não só em relação ao método escolhido, mas ao fazer reviver, possivelmente, memórias dolorosas. A sensibilidade do pesquisador deve ser constantemente exercida e, neste caso, “o evento de recontar a história da jornada pode ter um efeito terapêutico no entrevistado” (BENEZER; ZETTER, 2015, p. 314, tradução nossa).

A geógrafa e professora Heaven Crawley e a autora Katharine Jones, ambas da Universidade Coventry no Reino Unido, exploram a discussão do conceito de *in-between* durante as experiências das jornadas de refugiados e de migrantes em países considerados apenas como trânsito, com o objetivo de redirecionar os olhares acadêmico e político voltados, principalmente, para os países de saída (origem) e de um suposto destino final. Baseado em entrevistas com afegãos, nigerianos e sírios, realizadas na Turquia, Itália, Malta e na Grécia, entre 2015 e 2016, a pesquisa das autoras contesta o discurso de uma linearidade de movimento atribuído a essas jornadas. De acordo com os dados obtidos, países considerados apenas como trânsito, como a Turquia e Líbia, eram o destino final pretendido por muitos refugiados e migrantes. Quando a sobrevivência para alguns²², se tornou insustentável nesses países, a Europa se tornou, então, uma opção de destino, e o local em que estavam, só assim adquiriu características da experiência de *in-between*.

Grande parte da literatura existente sobre deslocamentos forçados que aborda os locais intermediários ou chamados também de *in-between*, “reforça uma conceituação particular de migrantes como pessoas que estão constantemente ‘em movimento’ procurando maneiras de

²² É importante ressaltar que mais de 80% dos refugiados no mundo estão em acolhimento nos países do Sul Global. Muitos deles há décadas. A chamada “crise migratória” só foi anunciada quando uma parcela significativa desses refugiados e de outros migrantes forçados atravessou o Mediterrâneo em busca desse acolhimento na Europa. A difícil situação de refúgio há muitos anos nesses países do Sul Global não foi levada em consideração e nem classificada como crítica, mesmo após os constantes cortes de ajuda humanitária para esses países em itens básicos como a alimentação, o que tem aprofundado a vulnerabilidade dessas pessoas. Países como a Jordânia, a Líbia e a Turquia, por exemplo, abrigam milhões de refugiados.

chegar aos países do Norte Global” (SCHAPENDONK, 2012 apud CRAWLEY; JONES, 2020, p. 3226, tradução nossa, grifo das autoras). As narrativas associadas à chamada crise migratória da Europa evidenciaram claramente essa abordagem, que não leva em consideração as complexas realidades associadas à decisão de migrar e nem compreendem as jornadas relacionadas à migração como “um processo social” (CRAWLEY; JONES, 2020, p. 3227, tradução nossa). A escala, a direção dos fluxos migratórios e a não intenção de milhões de pessoas que migram, de ir para a Europa ou de realizar mais uma migração após sua chegada em um primeiro país de acolhimento são representados de forma errada. Muitos dos entrevistados durante a pesquisa evidenciaram que nunca tiveram a intenção de migrar para a Europa quando deixaram seus países de origem. Uma vida é construída nesses chamados “países de trânsito”, assim como o retorno para os países de origem também é planejado. Um em cada quatro eventos de migração no mundo envolvem o retorno para o país de origem.

Mesmo sendo considerados pelos legisladores e por pesquisadores como refugiados e outros migrantes em situação migratória em trânsito para Europa, a maioria dos três grupos pesquisados (Afegãos, Sírios e Nigerianos), principalmente os que vivem na Turquia e na Líbia, mostra que “a vida nesses países constituiu muito mais do que uma ‘parada’ temporária” (CRAWLEY; JONES, 2020, p. 3227, tradução nossa, grifo das autoras). No caso dos sírios, esconde também as conexões migratórias transfronteiriças históricas entre a Síria e a Turquia. A familiaridade cultural entre esses dois países facilitou o processo de integração social dos sírios na Turquia. A experiência migratória na perspectiva dos países considerados como trânsito para refugiados e outros migrantes, é para as autoras repleta de significados.

Esses lugares fornecem não apenas o contexto físico dentro do qual os migrantes vivem, mas também uma gama de novas oportunidades, encontros casuais e relacionamentos sociais em evolução, incluindo aqueles que são transnacionais. (...). Defendemos a importância de re-situar o lugar como mais do que um mero pano de fundo para jornadas físicas. A falta de compreensão do significado dos lugares para as pessoas - e das pessoas para os lugares - mina a compreensão conceitual e empírica da migração e reduz a análise das jornadas de migração ao próprio movimento físico. Isso, por sua vez, silencia as experiências daqueles que nunca visam, ou alcançam, outros países (KAIYOORAWONGS, 2016) e atua na política anti-migrante dominante e nas narrativas da mídia (CRAWLEY; JONES, 2020, p. 3228, tradução nossa).

A contribuição mais importante da pesquisa foi a reflexão sobre a importância de olhares mais profundos sobre as metodologias utilizadas nos estudos migratórios das jornadas. Abordar esses estudos de forma ontológica, como ressaltam as autoras, permite destacar as riquezas dos detalhes dessas experiências, além de colocar em foco também, as “imobilidades significativas” (CRAWLEY; JONES, 2020, p. 3238, tradução nossa), e o motivos dessas permanências dos

migrantes, forçada ou escolhida. Isso nos leva a rever a forma de construção das perguntas, de ouvir as narrativas sobre os diferentes significados que os lugares têm para essas pessoas, em distintos pontos de suas jornadas e a forma como a experiência do *in-between* está sendo empregada.

2.3. Reconfigurações dos espaços de proteção.

A proteção internacional de refugiados ao longo dos anos, avançou em diferentes atividades, além da assistência jurídica, criando um “espaço de proteção” (BARNES, 2009, tradução nossa). Esse espaço é analisado, nesta pesquisa, não só em sua forma institucional, assim como através de uma informalidade desenvolvida pelas pessoas refugiadas em seu cotidiano (LYYTINEN, 2015, 2016), compreendendo esses espaços como sensíveis ao tempo, fluidos e mutáveis (BARNES, 2009). O fortalecimento desses espaços no mundo questiona a “propagação” de um “deserto” localizado entre as relações sociais onde a política nasce (AGIER, 2008, p. 39, tradução nossa) e a comunidade internacional se desenvolve, inserida em uma crescente restrição de proteção em uma “paisagem fragmentada” (ZETTER, 2015, p. 63, tradução nossa). Estas configurações particulares foram percebidas ao longo da pesquisa em diferentes cidades e estados percorridos.

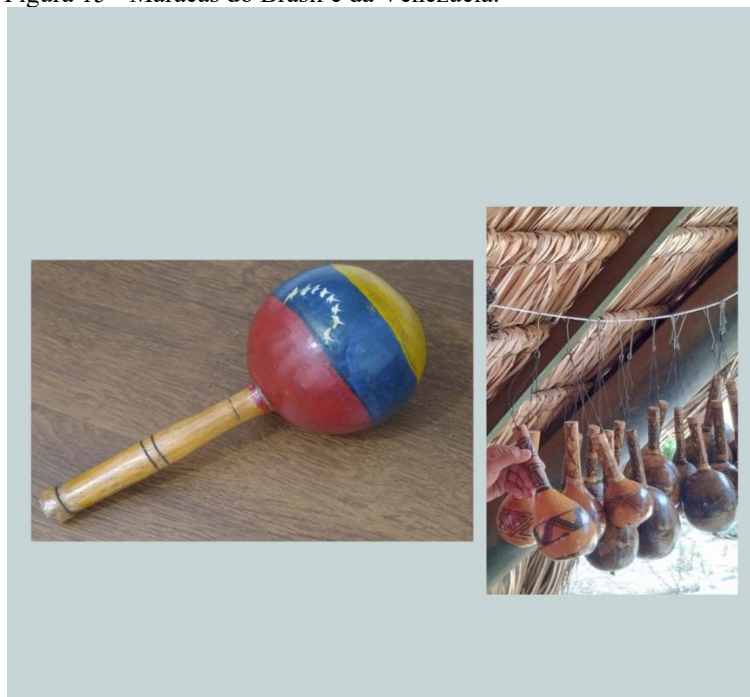
2.3.1. Dos abrigos à experiência na Aldeia Indígena Urbana Marataro Kaetés do Povo Karaxuwanassu em Igarassu (PE).

Muitos processos de inserção social e cultural das pessoas refugiadas e migrantes nos espaços urbanos ficam sem visibilidade. As interações urbanas cotidianas nem sempre conseguem instituir um espaço próprio. Essa sociabilidade ocorre nos espaços das relações humanas. A Aldeia Indígena Urbana Marataro Kaetés é um exemplo importante da visibilidade dessas construções em espaços urbanos. A singularidade desse processo é o fator de união e convivência entre indígenas brasileiros de diferentes etnias e venezuelanos, desenvolvido de forma autônoma. A história dessa união chamada por eles de etnogênese começou no ano de 2019 na cidade do Recife, através de uma proximidade das dificuldades dos povos indígenas em contexto urbano.

As dificuldades do povo warao visíveis nas ruas da Região Metropolitana do Recife (PE) nos momentos de pedidos de doação nos sinais de trânsito, ou em reportagens em que denunciavam as graves condições de moradia, seja em uma casa que foi ocupada no centro do Recife ou em habitações coletivas precárias também no centro desta cidade. Essa fragilidade

do povo warao mobilizou indígenas que residiam na mesma cidade. A forma de aproximação foi difícil no início, tanto pela dificuldade da língua, quanto pelas diferenças culturais. O que facilitou essa aproximação foi o instrumento musical indígena chamado de maraca ou maracá (Figura 15). Um instrumento comum também entre os indígenas venezuelanos.

Figura 15 - Maracas do Brasil e da Venezuela.²³



Fonte: Brainerd Mendonza (Jul. 2024).

Ao ouvir o som da maraca tocada por integrantes do povo Xukuru, o povo warao aceitou a aproximação, e a partir desse momento houve uma convivência através de encontros, participação em feiras de artesanato e do desenvolvimento de palestras de conscientização das necessidades dos diferentes povos indígenas em contexto urbano em escolas, universidades e associações. Ao longo dos anos eles foram se conhecendo nos processos de mobilização social indígena em Pernambuco, e ao mesmo tempo, foram retomando sua ancestralidade, invisibilizada durante toda a história de formação territorial do Brasil. Com um processo semelhante ao das lutas por reconhecimento de quilombos urbanos, eles buscaram inspiração em reservas indígenas urbanas já reconhecidas: a Aldeia Multiétnica Filhos dessa Terra em Guarulhos (SP) e a da Aldeia Maracanã no centro do Rio de Janeiro (Ocupação no antigo prédio do Museu do Índio). Está última ainda está em processo judicial de reconhecimento.

²³ Registros do migrante venezuelano Brainerd Mendonza. A maraca venezuelana ele trouxe como recordação de seu país. O registro da maraca brasileira aconteceu na Aldeia do povo Xukuru no município de Pesqueira (PE), durante encontro da juventude dos países do G20, chamado Youth (Y20) em julho de 2024.

O cenário da Pandemia e as dificuldades de acesso à vacinação contra a Covid-19 para indígenas em área urbana impulsionou a formação da Associação Indígena em Contexto Urbano Karaxuwanassu (Assicuka) através da luta do direito negado, por não residirem em território indígena. Através de um processo de etnogênese (agrupamento social de diferentes grupos étnicos) citado anteriormente, “a Associação Indígena em Contexto Urbano Karaxuwanassu (Assicuka) promoveu sua emergência étnica enquanto povo indígena Karaxuwanassu” (CIMI, 2023, p. 7).

Após a formação da Associação, outros direitos foram reivindicados, como o da retomada territorial. No dia 31 de dezembro de 2022, na Estrada Monjope no Polo Ginetta na cidade de Igarassu (PE), houve essa retomada com a instalação da Aldeia Marataro Kaetés, com o intuito de formar uma Reserva Indígena Urbana nas terras ancestrais do povo indígena Caetés. A questão da moradia é um aspecto sensível para a população indígena em contexto urbano. De acordo com povo Karaxuwanassu, não é apenas a formação de um território indígena em área urbana, mas a constituição de um espaço de Proteção aos direitos dos Povos Originários e de criação de instrumentos de conscientização da sua memória e do seu futuro. Em todo esse processo de formação e luta do povo Karaxuwanassu, os indígenas warao participaram ativamente.

No ano de 2023, durante as visitas técnicas de acompanhamento como Educadora Social do Programa de Migração e Refúgio da Cáritas Brasileira Regional NE2 foi percebida uma grande rotatividade entre os ocupantes brasileiros na ocupação. Muitos trabalhavam e só retornavam à noite ou em dias alternados. Isso resultou em um desenvolvimento de uma escala de presença e de apoio à ocupação. Alguns integrantes citaram uma constante pressão psicológica desenvolvida por parte da Prefeitura de Igarassu através das constantes rondas da Guarda Civil no território.

Nesta época, o seu espaço apresentava boas instalações, mas com precariedade de acesso à água potável. O acesso ao banho, por exemplo, era feito em um riacho próximo à ocupação. O espaço é composto por duas residências. A que fica na parte da frente é maior. Nela estão instalados os indígenas brasileiros. Os outros espaços têm sido ocupados de acordo com suas tradições (Figuras 16 e 17), ancestralidades e formas de cultivo da terra. Os warao estavam em uma casa menor (Figuras 18 e 19) localizada atrás da primeira edificação. Eles gostavam da casa e do espaço livre da ocupação, mas relataram insatisfação em relação à divisão da comida. A sua alimentação por ser diferenciada, necessita de alguns itens em maior quantidade, como leite e frango. O apoio que a Prefeitura do Recife dava aos warao com relação ao transporte para resolver ou buscar documentação no posto da Polícia Federal, por exemplo,

fez falta. O setor de migração e refúgio da Prefeitura de Igarassu passou a fazer o acompanhamento das famílias warao, após o processo inicial de ocupação.

Figura 16 - Espaço de rituais da ancestralidade indígena na Ocupação Marataro Kaeté em Igarassu (PE).



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da. (Jan. 2023.)

Figura 17 - Espaço de convivência na Ocupação Marataro Kaeté em Igarassu (PE).



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da. (Jan. 2023.)

‘Figura 18 - Espaço das famílias warao na Ocupação Marataro Kaeté em Igarassu (PE).



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da. (Mar. 2023.)

Figura 19 - Artesanato warao na Ocupação Marataro Kaeté em Igarassu (PE).



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da. (Mar. 2023.)

Entre as organizações e instituições que acompanharam esse processo de Ocupação Indígena, prestando solidariedade e defendendo os Direitos dos Povos Originários e

Constitucionais estavam: CIMI (Conselho Indigenista Missionário), Arquidiocese de Olinda e Recife, Cáritas Brasileira Regional NE2 (CBNE2), Defensoria Pública da União (DPU), Cátedra Dom Helder Câmara de Direitos Humanos da Universidade Católica de Pernambuco, Grupo de Trabalhos em Prevenção Posithivo (GTP+) e Sintepe (Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de PE).

Pelas dificuldades de sobrevivência existentes na ocupação, como a distância do centro do Recife onde participavam de feiras de artesanato e a pequena renda fixa de alguns benefícios sociais, as famílias do povo warao deixaram a ocupação e se dividiram entre as cidades de Maceió (AL) e de João Pessoa (PB) retornando a residir novamente em abrigos. Diferentes dos indígenas brasileiros, eles não têm trabalho fixo. Por estar em processo de regularização jurídica, a Aldeia não pode desenvolver projetos que poderiam manter a sua sobrevivência e desenvolvimento estrutural, com financiamentos públicos e sociais. Os conflitos gerados pela dificuldade de sobrevivência e pelas diferenças culturais na convivência cotidiana, também favoreceram a saída do povo warao, mas a luta do Povo Karaxuwanassu continua. Eles estão na Aldeia e continuam lutando pelo território.

Durante uma consulta sobre as condições de acolhimento do povo warao no Brasil realizada pela Organização Internacional para as Migrações (OIM) em março de 2023, a assistente de proteção da etnia warao, Leany Moradela, identificou um processo semelhante no estado de Roraima, onde reside. Ela falou sobre as comunidades indígenas venezuelanas que estão se formando no estado. Ela reside em uma delas, próxima à cidade de Boa Vista. A comunidade é formada pelos povos Warao e Kariña. Eles se reuniram no ano de 2021 para comprar um terreno e têm desenvolvido projetos voltados à preservação do meio ambiente, como o uso de energia solar. O nome da comunidade é *Warao a Janoko*. Leany Moradela ressaltou a importância da mobilização de comunidades semelhantes e da construção de um projeto de vida no país de acolhimento.

2.3.2. Um clube venezuelano em formação.

Ainda em processo de desenvolvimento, um clube venezuelano foi formado por migrantes que estão há 6 anos no estado de Pernambuco e buscaram criar um ambiente de convívio venezuelano para manter os laços culturais de seu país e formar novos enlaces com outros povos que vivem nos espaços urbanos da Região Metropolitana do Recife. O clube funciona de forma itinerante, principalmente em espaços públicos, como o de uma de suas

reuniões ou *charla*²⁴ (Figura 20) no dia 21 de julho em uma praça ao lado do Shopping Tacaruna na cidade de Olinda (PE), onde tem uma estátua em homenagem a Simón Bolívar (Figura 21).

Figura 20 - Encontro com uma *charla* do Club Venezuelano em julho de 2024.



Fonte: Arquivo pessoal de Brainerd Miguel Mendoza Hernandez (2024).

Figura 21 - Estátua de Simón Bolívar em uma Praça do Recife (PE).



Fonte: Arquivo pessoal de Brainerd Miguel Mendoza Hernandez (2024).

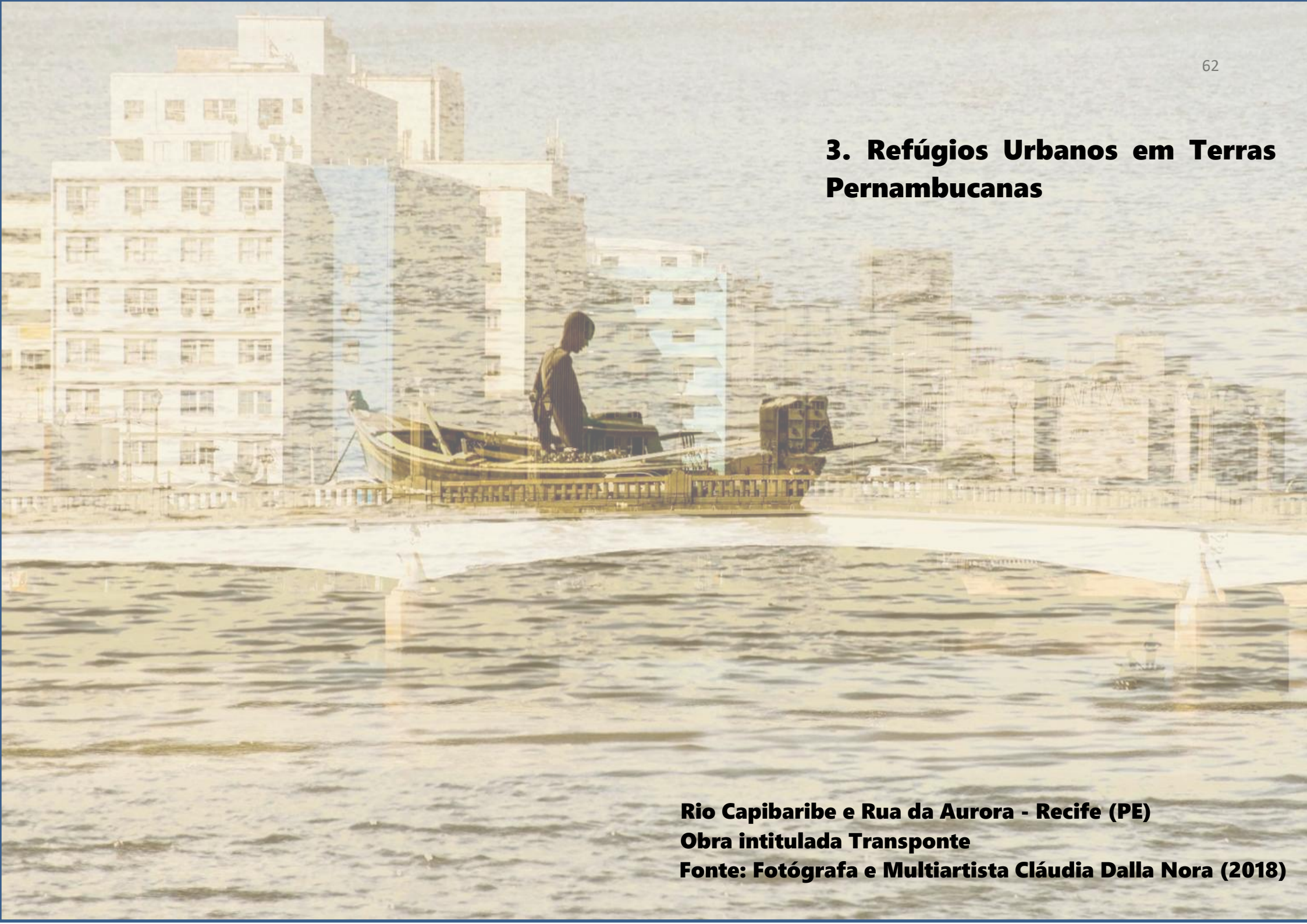
²⁴ Momento de fala em grupos ou palestras em espanhol.

Durante esse encontro em julho de 2024, uma bandeira da Venezuela foi colocada nas mãos de Simón Bolívar (Figura 21). Além destas atividades de convívio, os integrantes ao longo dos anos têm desenvolvido ações de solidariedade na Região Metropolitana do Recife. Uma delas é desenvolvida na ocupação Tijolinho na cidade do Recife, com aulas de música para crianças brasileiras no espaço desta comunidade. Além da solidariedade entre os venezuelanos, os enlances, como eles preferem falar, têm o objetivo de uma maior inserção cultural com os pernambucanos e com outros povos migrantes.

Observando os exemplos de clubes, associações, gabinetes de leitura, entre outras manifestações culturais dos diferentes povos que vieram de outras “terras”, instituídos na Região Metropolitana do Recife há séculos ou décadas atrás, é interessante acompanhar o processo de formação dos enlances culturais da migração venezuelana dos últimos anos nestes espaços urbanos.

É importante destacar também, nestes aspectos observados de construção própria, como os espaços urbanos são importantes para o seu desenvolvimento por serem espaços onde existe a possibilidade de confluência de realidades distintas. O projeto de criação de um “Comedouro” ou cozinha popular no centro da cidade de Igarassu proposto pela migrante venezuelana Madelen Katerina Barrios para melhorar o acesso à alimentação e o desenvolvimento de um espaço de convivência comunitária é outro exemplo para pensar em uma sociabilidade criadas pelas pessoas migrantes e refugiadas.

3. Refúgios Urbanos em Terras Pernambucanas



Rio Capibaribe e Rua da Aurora - Recife (PE)
Obra intitulada Transponte
Fonte: Fotógrafa e Multiartista Cláudia Dalla Nora (2018)

3.1. Recantos urbanos: impressões, singularidades e resistências...

*“Narra-te cidade.”*²⁵

Ao organizar imagens urbanas obtidas durante diferentes pesquisas de campo - tempos e espaços distintos - percebeu-se uma linha de pensamento que estabelecia uma conexão entre as realidades espaciais existentes, revelada através da singularidade e da resistência. Essas experiências desenvolveram um contorno narrativo durante a construção do texto. O uso da narração na Geografia corresponde “à ideia de processos”, estabelecendo “momentos na evolução das formas, suas transformações” (GOMES, 2013, p. 70). Narrar é também ordenar “significados e sentidos” ao que é abordado (TIERNO, 2017, p. 20). Narrando experiências urbanas vivenciadas e observadas em trabalhos de campo, seja em recantos-refúgio como o bairro de Eastleigh em Nairóbi (Quênia) ou em recantos poéticos que conclamam o olhar, como os do centro da cidade de Recife e do bairro do Bexiga na cidade de São Paulo, esse texto foi composto, guiado pela “efervescência das cidades contemporâneas” que “se traduz em uma grande ebulição narrativa” (GIRARDELLO, 2017, p. 259). Nessas efervescências, o olhar se fixou em recantos de cidades que foram percorridas, mas que possuem contextos que se conectam através dos processos de colonização e da diversidade de povos que as constituíram.

As cidades e sua complexidade “são lugares que solicitam de seus habitantes, seus passantes, seus observadores, seus narradores, o tempo presente e a coexistência com tempos, culturas, palavras, valores, muitos diversos entre si. Por isso, pressupõe diversidade, tensão, dissenso, consenso” (TIERNO, 2017, p. 29), além da necessidade de uma percepção e compreensão profundas, para captar os diferentes “níveis de realidade que não transparecem” (LEFEBVRE, 2016, p. 54). Neste sentido, o espaço de interlocução é o das ruas, o que é visto a partir de sua perspectiva, seus acessos, o cotidiano em movimento... As ruas aqui abordadas são espaços públicos, e a pluralidade de uso desses espaços desenvolve uma intensa “capacidade exposicional” (GOMES, 2013, p. 293).

A resistência é compreendida aqui, não como algo que apenas contrapõe, mas transpassa sutilmente formas de pensar e de compor em desarmonia com a diversidade complexa humana e suas existências, pensadas no espaço urbano: cidades, centros, bairros, pátios, travessas. O que guia a resistência humana é a inquietude de sempre buscar novas fronteiras, e em muitos casos, a superação de limites que moldam incômodos e injustiças. Nessa experiência de transpassar *Ela* deixa marcas... Uma dessas marcas é a arte desenvolvida no cotidiano dos espaços urbanos.

²⁵ Título do livro de 2017 organizado por Giuliano Tierno e Leticia Liesenfeld Erdtmann.

A palavra impressões demarcada no título, mesmo possuindo um duplo sentido, como o de reprodução de imagens - uma marca deixada -, é o de influência sobre os sentidos que a destaca, por ressaltar a compreensão de leituras e vivências urbanas onde “o acaso pode criar o interesse ou chamar a atenção,” onde “o olhar pode ser atraído pelo inusitado” (GOMES, 2013, p. 203-204), acompanhados ou não, por lembranças e significados.

Os recantos...

A especificidade da cidade, como ressalta Henri Lefebvre (2016), é sua composição humana desenvolvida pelas particularidades históricas, que inscrevem em seu corpo transformações mediadas pelos aspectos locais ou cotidianos e pelos que possuem uma origem distante e global. Sua forma deve conter as “necessidades sociais” urbanas, repletas de contrastes e reunidas em percepções - visão, audição, tato, paladar e o olfato -, além de necessidades particulares, “momentos”, que criam e buscam por “informação, simbolismo, imaginário” e por “atividades lúdicas” (LEFEBVRE, 2016, p. 105). Em sua composição estão inseridos recantos, criados, ou apenas vivenciados, através da força do habitar (LEFEBVRE, 2016; AGIER, 2011), da sensibilidade do cotidiano ou das marcas da resistência, ensaiando, talvez, futuras configurações espaciais.

Na contemporaneidade, o contexto da globalização econômica e o forte traçado de suas linhas sistêmicas transformam e afetam a cidade, acelerando fragmentações e limites no uso de seus espaços, com a criação de novos muros e o aprofundamento da segregação (AGIER, 2011). Esses aspectos presentes na cidade “não impedem a formação de múltiplos microgrupos resistentes no seu seio” (AGIER, 2011, p. 172). Nesse contexto, surgem vivências urbanas em linhas de fronteira que têm que ser transpostas de formas criativas, contornando os limites estabelecidos (HAESBART, 2014). Dando visibilidade às construções e ações humanas nas cidades, o antropólogo Michel Agier ressalta a importante existência de uma realidade social transformadora em contraponto a esses limites, com seus “desvios de sentido” e “tomadas de palavras”, “das quais o espaço das cidades é, às vezes, o quadro” (AGIER, 2011, p. 273). Para o autor:

Reparar na crescente extraterritorialidade em que grupos e, mais ainda, multidões de indesejáveis são acantonados (os “fora de lugar”): campos, centros de trânsito ou guetos, nos quais as sociabilidades e solidariedades se recriam por vezes, apesar da ausência de uma memória desses espaços. As identidades locais conseguem, então, “enraizar-se” a partir de nada. “De onde fala?”, dirão os críticos. É a partir daqui que falamos, de um espaço de reflexões e de ações entre o vazio e o cheio, entre uma cidade nua e uma cidade densa que, de vez em quando, dança. E desfila, escreve, mascara-se, teatraliza-se, pinta-se (2011, p. 172, grifos do autor).

O refúgio...

O “emaranhado dos sinais” nos espaços da cidade, “observado atentamente,” revela a “morfologia” de certos lugares, em meio a uma complexidade que circunda e penetra no cenário urbano (GOMES, 2013, p. 187). Ao entrar no recanto-refúgio do bairro de Eastleigh (Figura 22) em Nairóbi (Quênia) percebe-se, claramente, uma atmosfera diferenciada, mesmo localizado a alguns minutos do centro de Nairóbi.

Eastleigh nasceu no contexto da segregação colonial do Quênia, onde a população africana ficava em bairros separados dos europeus. Formado no início do século passado, era conhecido pela denominação de “campo somali”,²⁶ por causa da forte presença do povo somali em sua constituição. Com a eclosão da guerra civil da Somália e dos conflitos em outros países, que fazem fronteira ou são próximos ao Quênia, Eastleigh tornou-se um bairro, principalmente, de imigrantes e refugiados de diferentes nacionalidades, transformando-se, hoje, em um dos principais centros comerciais do leste da África. Sua identidade de segregação permanece até hoje, nas suas ruas sujas, enlameadas e com pouco investimento público em seu desenvolvimento. Eastleigh é uma forma de “território alternativo” (HAESBAERT, 2013) onde uma mínima integração social tem sido conquistada pelos moradores de origem estrangeira e pelos refugiados, que de certa forma encontram nesse bairro um refúgio entre as pessoas de mesma nacionalidade e costumes. A resistência é a marca do cotidiano nesse bairro. (SILVA, 2016, p. 120)

Figura 22 - Bairro de Eastleigh em Nairóbi (Quênia).



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da. (Mar. 2015).

²⁶ Informação obtida do documentário *Eastleigh on the Move* (2014). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aOKoIF3d4p4&nohtml5=False>. Acesso em: 20 mar. 2015.

A travessa...

A criação do circuito de poesia na cidade de Recife, entre os anos de 2005 e 2007, mostra a relação dos lugares de instalação das 17 esculturas com as histórias dos artistas homenageados. Cada monumento artístico, representado por um poeta, fez com que cada recanto escolhido narrasse um fragmento do corpo-texto da cidade. O objetivo do circuito é manter a poesia da literatura e da música dessa cidade, *viva*, através de seus ilustres representantes. Durante as vivências urbanas no centro do Recife algumas imagens fizeram com que os passos se tornassem mais lentos e o olhar se detivesse em seus detalhes. Suas histórias e seus significados só se tornaram claros através de uma pesquisa documental na Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural do Recife localizada no Pátio de São Pedro, ao lado de algumas dessas imagens. No encontro da travessa de São Pedro (Figura 23) com o Pátio de mesmo nome, estão localizadas duas imagens que simbolizam esse encontro.

Figura 23 - Travessa e Pátio de São Pedro no final da década de 1970.



Fonte: Arquivo da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural - DPPC/ Prefeitura do Recife.

O intenso movimento de pessoas e do comércio mostrado na figura 23, no final da década de 1970, ainda está presente nesse espaço. O que surge dando contornos poéticos e expressão é a escultura de Solano Trindade (Figura 24) e a poesia de Mauro Mota (Figura 25). Através delas pode-se questionar que aspectos desse lugar eles representam, ou fizeram parte auxiliando em sua composição. O poeta Mauro Mota relata, através da imagem, sobre uma particularidade do Pátio de São Pedro: a presença constante das pombas e da religiosidade representada pela Igreja de São Pedro dos Clérigos, assim como a relação existente entre elas.

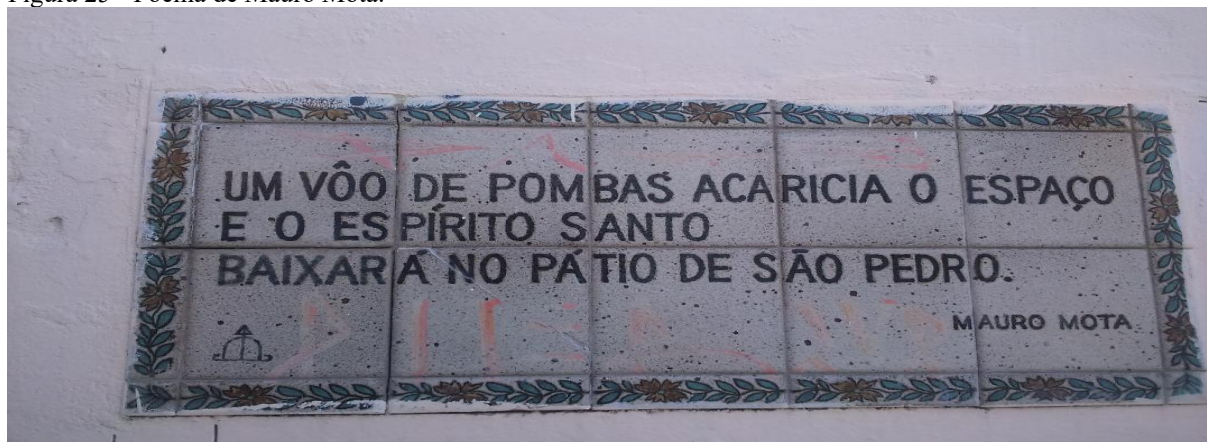
Solano Trindade nasceu em e morou, durante muitos anos de sua vida no início do século passado, nessa área entre os limites dos bairros de São José e Santo Antônio. Suas obras representam as memórias desse espaço, importante marco da memória da escravidão e da cultura negra. Suas criações estavam inseridas em sua militância onde destacava a importância de “pesquisar na fonte de origem e devolver ao povo em forma de arte” (PRAZERES, 2018, p. 76). O poeta escrevia sobre o cotidiano desse espaço, seus personagens e elementos da cultura negra que ali borbilhava.

Figura 24 - Escultura do poeta Solano Trindade.



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da. (Dez. 2019).

Figura 25 - Poema de Mauro Mota.



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da. (Dez. 2019).

O pátio...

Mais uns passos adiante da imagem do poeta Mauro Mota e da escultura de Solano Trindade, na confluência das ruas Águas Verdes, Direita e Vidal de Negreiros surge o Pátio do Terço (Figura 26). Outro recanto que narra diferentes histórias de resistências, embora estas estejam interligadas pelo contexto histórico dos bairros de São José e de Santo Antônio. Além do comércio e da religiosidade presente pela Igreja de Nossa Senhora do Terço, esse Pátio é um lugar de importante expressão da cultura negra e de sua ancestralidade africana, com a presença da casa e terreiro “da ialorixá Maria de Lourdes da Silva, conhecida como Badia, uma das principais figuras do xangô de Recife” (GUILLEN, 2017) e da manifestação cultural da Noite dos Tambores Silenciosos que ocorre toda segunda-feira de Carnaval. Nesta noite muitas Nações de Maracatu celebram e prestam homenagem aos escravos e às suas ancestralidades.

Uma mensagem registrada no chão da entrada da Igreja de Nossa Senhora do Terço (Figura 27) evidencia mais um registro histórico de uma resistência e sua memória. Neste lugar, durante o século 19, Frei Caneca, líder do movimento revolucionário da Confederação do Equador, foi destituído de suas roupas antes de seu assassinato em um muro ao lado do Forte das Cinco Pontas, próximo ao Pátio do Terço.

Figura 26 - Pátio da Igreja de Nossa Senhora do Terço em 1904.



Fonte: Arquivo de Ana Maria Costa Fraga publicado na rede social Pinterest.

Figura 27 - Imagem em homenagem à memória de Frei Caneca exposta na entrada da Igreja de Nossa Senhora do Terço.



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da. (Dez. 2019).

A cidade não é apenas um lugar de exposição. Seus espaços interagem e dão vida às imagens artísticas e seus contextos de criação, inseridas em seu corpo. Os lugares escolhidos para as instalações ou intervenções artísticas têm significados, e formam um mapeamento de percepção sensorial, criando laços, emoções e memórias. Como produtora de imagens de grande extensão ou pequenas:

a própria cidade é uma tela interativa. O público que circula e olha não está organizado na convencional forma das plateias. Pessoas passam, olham ou não, se sensibilizam ou não, procuram significados ou não. A forma de olhar é, ela mesma, significativa e faz parte do espetáculo pela cadeia de relações reflexas que é capaz de despertar. As imagens são cruzadas. O espetáculo urbano não se reduz ao que é exposto em forma de painéis. Os muros da cidade têm, eles mesmos, significados, os lugares onde estão também. (GOMES, 2013, p. 292)

Para o urbanista Kevin Lynch (1999), a cidade apesar de sua complexidade inerente e de suas constantes transformações, deveria ser legível ou visível em uma elaboração de sua forma que privilegiasse o uso dos sentidos da visão e da audição, por exemplo, incentivando a participação de seus habitantes em sua criação.

A imagem...

Esse uso dos sentidos humanos compõe as imagens do ambiente, em um “processo interativo entre observador e coisa observada” (LYNCH, 1999, p. 12). Assim, além da percepção humana, a forma exterior exerce grande influência na formação da imagem (LYNCH, 1999). “Existem ambientes que chamam ou repelem a atenção, que facilitam ou dificultam a organização ou a diferenciação” (LYNCH, 1999, p. 155), e indo além, esses

ambientes-imagens devem se adaptar às modificações em seu entorno, e permanecer em constante abertura para a emergência de novos significados.

Se é desejável que um ambiente evoque imagens ricas e vívidas, também é desejável que elas sejam comunicáveis e adaptáveis às necessidades práticas em permanente mutação e que possam desenvolver-se novos agrupamentos, novos significados, uma nova poesia. O objetivo poderia ser o de um ambiente que suscite imagens e, ao mesmo tempo, seja aberto. (LYNCH, 1999, p. 160)

A intensa densidade das cidades contemporâneas com seus “múltiplos focos” de distintas intencionalidades, disputam a atenção e o olhar (GOMES, 2013, p. 204). A exuberância das informações, nesse caso, dificulta uma compreensão de seu amplo contexto, mas elaboram um pensamento aberto a inconstantes realidades. A localização das imagens revela “uma geografia que participa diretamente da produção de significações que nos veiculam as imagens,” onde “ver algo significa extraí-lo dessa homogeneidade indistinta do olhar” (GOMES, 2013, p. 31). A arte surge como uma forma de expor, nesse ambiente de disputados olhares, importantes personagens, suas mensagens e presenças.

Mais do que uma produção material, um produto, a cidade é uma “obra de arte” (LEFEBVRE, 2016, p. 52), composta pelas inspirações e intencionalidades humanas, onde o valor de uso de seu espaço ainda prevalece em relação ao valor de troca. A importância da arte para a constituição da cidade, como resalta Lefebvre, é a sua capacidade de restituir o sentido da obra - a cidade -, oferecendo “múltiplas figuras de tempos e de espaços apropriados: não impostos, não aceitos por uma resignação passiva, mas metamorfoseados em obra” (LEFEBVRE, 2016, p. 116). Em suas palavras:

Pôr a arte ao serviço do urbano não significa de modo algum enfeitar o espaço urbano com objetos de arte. Esta paródia do possível denuncia a si mesma como caricatural. Isso quer dizer que os tempos-espaços se tornam obras de arte e que a arte passada é reconsiderada como fonte e modelo de *apropriação* do espaço e do tempo. A arte traz casos e exemplos de “tópicos” apropriados: de qualidades temporais inscritas em espaços. A música mostra como a expressão apreende o número, como a ordem e a medida veiculam o lirismo. Mostra que o tempo, trágico ou alegre, pode absorver e reabsorver o cálculo. O mesmo com a escultura ou a pintura, com menos força e mais precisão do que a música. (...) Deixando a representação, o ornamento, a decoração, a arte pode se tornar *práxis* e *poiesis* em escala social. (LEFEBVRE, 2016, p. 133-134, grifos do autor)

O tempo...

Ao transpassar os limites do tempo, a arte deixa marcas no corpo da cidade. Seus recantos-marcas dão dinamicidade às transformações do urbano/humano, como presenças – lugares – renovam memórias e inspiram novas composições: ritmos, formas, interações, tecidos. O bairro do Bexiga apesar de ficar no centro de São Paulo possui uma aparência de um recanto com suas ruas estreitas, casas de arquitetura antiga, cortiços e um ritmo mais lento.

Apesar de ser associado frequentemente como um bairro de características italianas, apresenta em sua constituição marcas da existência do antigo quilombo urbano Saracura, com origem no século XIX. Esse bairro é também um território negro. Ao caminhar por suas ruas, percebe-se que a presença desse território é marcante. Seja através dos seus moradores, da Escola de samba Vai-Vai ou dos diversos grafites espalhados em seus muros (Figuras 28 e 29). Hoje, o bairro do Bexiga é formado por diferentes culturas e configurações espaciais desenvolvidas por imigrantes nordestinos, há algumas décadas, e mais recentemente por imigrantes e refugiados africanos. Em seus traçados de memória estão presentes também a sua origem indígena que inspirou a escolha do nome do pequeno rio Saracura, palavra que se refere a um pássaro característico dessa região, retratado na figura 29. A resistência nesse lugar é marcada igualmente por esse rio que foi encoberto pelo asfalto, mas que resiste. O som de suas águas ainda é ouvido quando o trânsito silencia²⁷.

Figura 28 - Muros da resistência da ancestralidade africana no Bairro do Bexiga (SP).



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da (Set. 2019).

²⁷ Informação dada pela Professora Dra. Simone Scifoni (USP) durante trabalho de campo **Outros Bexigas: um bairro popular na área central de São Paulo** do XIII ENANPEGE em setembro de 2019.

Figura 29 - Poesia expressa em um dos muros de uma escola pública no bairro do Bexiga (SP).



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da. (Set. 2019).

Processos...

A arte transpassa incoerências ou injustiças sociais mostrando suas faces distantes, mas conectadas. A imagem de 2014 (Figura 30) de uma professora indígena da aldeia de Araçaí em Piraquara (Paraná), na fachada do edifício São Jorge no centro do Recife deixa nesse ambiente o questionamento de sua existência, ou da intenção do artista ao retratá-la a partir de incisões na fachada deste edifício. Ao ser exposta em um lugar de grande visibilidade, como o do centro de Recife, a imagem, de acordo com a proposta do artista português Alexandre Farto, expõe as contradições sofridas pelas comunidades tradicionais através de diversos processos econômicos nocivos ao meio ambiente e à vida dessas comunidades. Como esses processos são globais, o artista utiliza essa globalidade para contrapor essas realidades, conectando os movimentos de resistência pelo mundo.

Figura 30 - Fachada-semblante na Travessa do Arsenal de Guerra no centro do Recife.



Fonte: SILVA, Andréa Florêncio da. (Jul. 2018).

Por ser uma “atividade que tem como fundamento a coletiva comunicação de valores, sentidos e significações por intermédio de variados meios”, a arte tem uma profunda relação com os espaços públicos (GOMES, 2013, p. 290). Nesse sentido, é interessante pensar na afirmação de Kevin Lynch sobre a possibilidade do trabalho em conjunto da arte e do público em transformar as cidades em fontes “de prazer cotidiano para seus milhões de habitantes” (1999, p. 135).

As reflexões aqui expostas tiveram o objetivo de ressaltar processos urbanos de resistência, materializados em espaços singulares, influenciados pela dinamicidade humana e sua constante inquietude que cria movimentos. Percebe-se nesses recantos, ou nas imagens espalhadas pela cidade, a espacialidade desses movimentos. As transformações vêm de diferentes tipos de inspirações. A arte e o olhar poético é um deles, através da sutileza de sua resistência ou em alguns casos, de sua efemeridade. Essa diversidade de construções é que compõe a força para possíveis mudanças. Essa força, para Lefebvre, ganha contornos

importantes através da arte com a “meditação sobre o urbano, que quer tornar eficaz as imagens que o anunciam” (LEFEBVRE, 2016, p. 116).

Analisando as cidades norte-americanas Kevin Lynch direciona seus pensamentos para a possibilidade da modificação das suas fisionomias desarmônicas, evidenciando o constante estado de transformações em que as cidades, em diferentes lugares do mundo, estão inseridas, sem um controle total sobre seu desenvolvimento. A singularidade dos ambientes harmônicos e belos é dificilmente constante nas cidades norte-americanas maiores que um vilarejo, apenas em pequenos fragmentos de seus espaços. Para o autor:

realmente não surpreende que a maioria dos norte-americanos tenham uma ideia muito difusa do que pode significar viver em tal ambiente. Eles são suficientemente conscientes da feiura do mundo em que vivem, e bastante eloquentes a propósito da sujeira, da fumaça, do calor, do congestionamento, do caos e, ainda assim, da monotonia de suas cidades. Mas praticamente não têm consciência do valor potencial de entornos harmoniosos, de um mundo que talvez só tenha relanceado de passagem, como turistas ou viajantes ocasionais. Eles podem ter uma consciência muito tênue daquilo que um determinado espaço pode significar em termos de prazer cotidiano, ou como um refúgio permanente para as suas vidas, ou, ainda, como uma extensão do significado e da riqueza do mundo. (LYNCH, 1999, p. 02)

A beleza da vida urbana cotidiana e seus movimentos simples, mas repletos de significados, pode ser percebida nas danças do lugar (SEAMON, 2013). A percepção desses movimentos e vivências pode se tornar cada vez mais frequente com o desenvolvimento de uma aprendizagem e consciência dessa sensibilidade pelos habitantes, através, por exemplo, do exercício de sua cidadania, incentivando a sua participação na construção ou composição do espaço urbano (LYNCH, 1999). As impressões urbanas com “a escala da rua” do artista plástico Carlos Vergara fazem um convite através de suas obras inspiradas em muitos espaços públicos, ao olhar. O artista destaca que quando permitimos a entrada da obra, desenvolvemos um olhar poético, ao invés de “passar a vida usando os olhos só para não tropeçar no caminho”.²⁸ Com a narrativa que se expôs, espera-se que cada recanto urbano abordado tenha revelado importantes histórias e espacialidades, pois algo “que aflora do passado” ou do presente, “acolhido e entretecido pelas redes da sensibilidade contemporânea, pode nos surpreender” (GIRARDELLO, 2017, p. 260).

²⁸ Observações de Carlos Vergara em entrevista para Nelson Gobbi (Jornal O Globo) em setembro de 2019. Disponível em: <https://fundacaoschmidt.org.br/carlos-vergara-leva-suas-impressoes-urbanas-ao-mam-2-2/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

3.2. Porto, ruas e incrustados: marcas e vestígios de povos de outros países nos espaços urbanos pernambucanos.

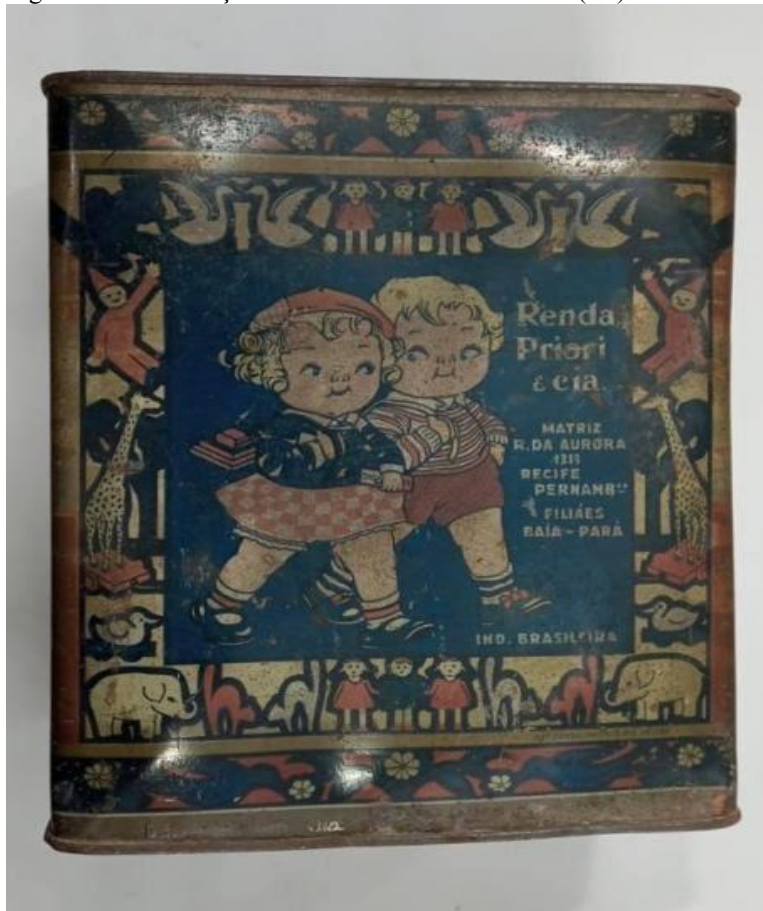
O transpassar de uma das fotografias da multiartista pernambucana Cláudia Dalla Nora (imagem de abertura do capítulo 3) intitulada Transponte do ano de 2018 com o registro do cotidiano na rua da Aurora e no rio Capibaribe no centro do Recife, a princípio chamou a atenção apenas para compor a imagem de abertura do capítulo sobre espaços urbanos com o efeito artístico do transpassar. Embora o local da fotografia seja representativo historicamente em relação à presença de pessoas que vieram de outros países e que aqui deixaram marcas de sua presença na cidade. Durante a entrevista com Cláudia, essa impressão levemente sentida, foi confirmada pela fotógrafa através da presença de refugiados muito acentuada na história de sua família. Cláudia contou um pouco sobre a história de sua família com origem italiana, assim como sua experiência como migrante na Espanha. Sua família foi formada pela junção de duas famílias italianas: Priori e Dalla Nora. A vinda das famílias para Recife aconteceu sob o contexto de migrações forçadas e de refúgio, por causa do cenário da Primeira Guerra Mundial, no início do século XX na Europa. De acordo com Cláudia, a Família Priori veio de uma pequena cidade italiana de nome Budrio, vizinha da cidade de Bolonha. A história de alguns integrantes da Família Priori e o início de suas histórias no Brasil foi narrada por Cláudia.

Os irmãos Priori eram todos funcionários da primeira Fábrica de chocolates e bombons do Brasil, a NEUGEBAUER, que ainda existe. Eram funcionários braçais, gente muito simples. Pedro Renda sempre foi um poupador equilibrado e junto com os cunhados que já tinham o conhecimento, resolveram fundar uma fabriqueta de fundo de quintal de chocolates e bombons. Nascia assim em Porto Alegre, antes de 1921, a Renda Priori. Em Porto Alegre o negócio começou a crescer e a tal ponto que tendo de comprar as matérias primas (açúcar em Pernambuco e cacau na Bahia), resolveram vir todos para Recife, onde se instalaram em um prédio atrás do Mercado São José. A Fábrica era no térreo e os Priori (todos) moravam em cima. Pedro Renda nesta época morava na Rua das Calçadas bem perto do Mercado São José. No prédio vizinho morava uma Família também de italianos que tinham vindo de São Paulo e era a Família Dalla Nora. Depois a Fábrica cresceu e foi instalada na Rua Padre Muniz, vizinha ao Mercado e posteriormente já como uma grande indústria foi para o endereço definitivo na Rua da Aurora, número 1313 em Recife, se expandindo para o Pará e Salvador. Está história foi narrada na família por Ítalo Renda há cerca de 25 anos atrás. (Entrevista de Cláudia Dalla Nora)²⁹

²⁹ Informações enviadas por Cláudia Dalla Nora em formato de texto, enviado durante conversa por WhatsApp no dia 20 de junho. Após a entrevista online no dia 14 de junho de 2024, o contato foi mantido para esclarecimentos e envio de informações históricas de sua família.

Algumas recordações através de objetos, ficaram na família como uma memória afetiva. A lata de biscoitos da Renda Priori com o endereço da rua da Aurora registrado, é uma dessas recordações que ficaram na casa da fotógrafa (Figura 31).

Figura 31 - Recordações da Família Priori em Recife (PE).



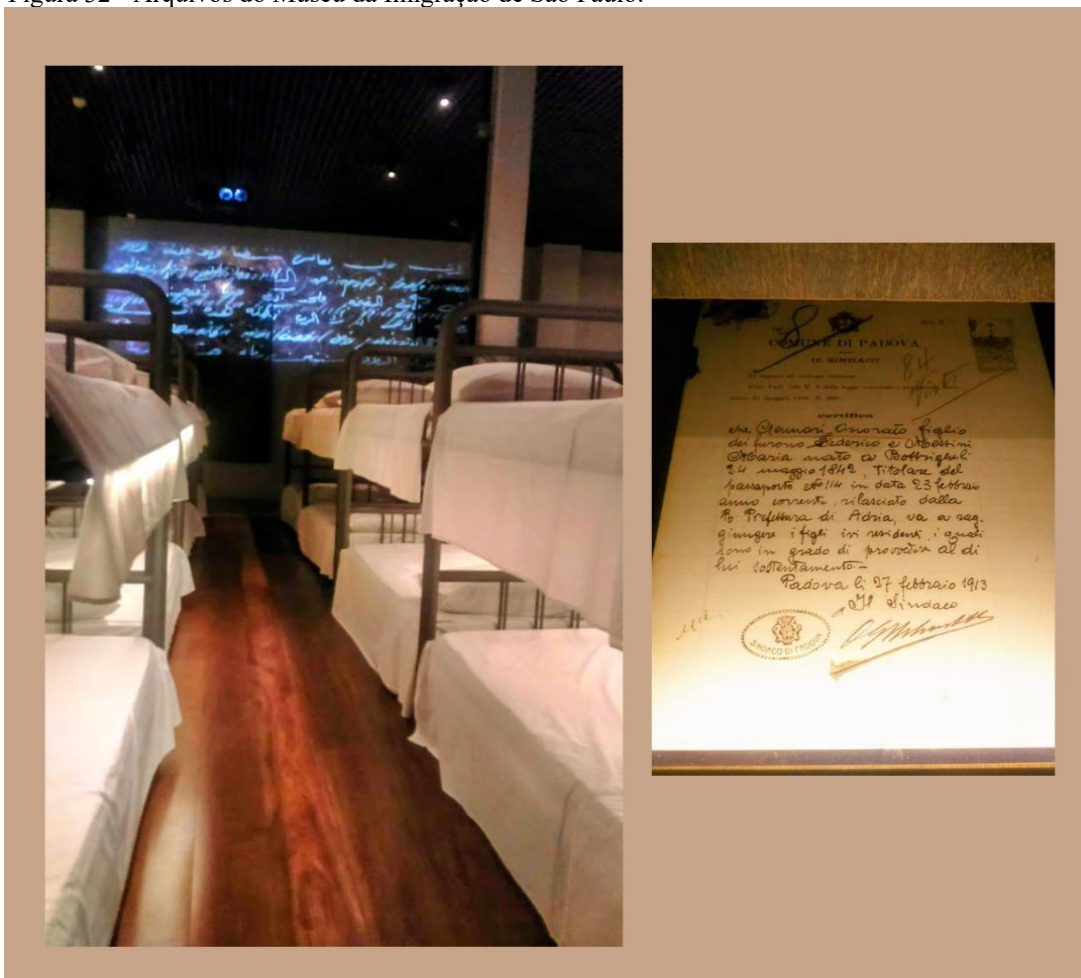
Fonte: Arquivo pessoal de Cláudia Dalla Nora.

Ao explicar sobre a inspiração da fotografia Transponte, Cláudia ressaltou a importância das imagens urbanas e seu cotidiano. Seu olhar teve o intuito de revelar essas experiências e sua simplicidade, mas com uma separação de tempos entre a modernidade e o tempo lento das pessoas no passado, quando havia uma maior interação entre elas e com a Natureza, com espaços sem tanta degradação ambiental e ainda possíveis de se vivenciar, com uma urbanização ainda em evolução. A cidade para Cláudia, ao mesmo tempo que une, através dos avanços tecnológicos, separa aquelas vivências singulares de outras épocas. Ela viu a ponte retratada na fotografia, como algo que conecta espaços, mas também que separa ou impõe sua presença de aspecto (equipamento) urbano, delimitando espaços ou cravando presença, onde antes a forma de viver a cidade era mais próxima. Com a urbanização e a implantação de novas arquiteturas, esse cotidiano do passado recebeu um novo ritmo. Para ela, o homem visto no barco estava ausente de toda a agitação circundante da cidade do Recife. Em suas palavras:

Parecia que ele era único ali naquele espaço. E aí esse sentido de transpassar, eu coloco muito na poesia que eu escrevi. É como se a cidade cortasse a gente por dentro internamente, desse ser vivente que a gente era e que a gente não consegue mais ser dentro das cidades. Sabe? É mais voltado assim para essa parte desse ser que interagia, desse ser que tinha mais simplicidade, desse ser que não precisava, não tinha necessidade de tanta modernidade, que o tempo era mais lento (...). Hoje em dia, o tempo é uma coisa preciosa demais. (Entrevista de Cláudia Dalla Nora)³⁰

A cidade do Recife e as outras cidades que compõem a sua Região Metropolitana não possuem muitas memórias visíveis impressas em seus fragmentos e espaços por migrantes que vieram de outros países a partir de um deslocamento forçado ou não, como a cidade de São Paulo, em que esses espaços de memória são muito expressivos e a história dos migrantes internacionais e internos tem um museu com seus registros históricos (Figuras 32 e 33) ou reflexões em forma de arte em diferentes lugares da cidade sobre migração e direitos humanos, por exemplo (Figuras 34 e 35).

Figura 32 - Arquivos do Museu da Imigração de São Paulo.³¹



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da (out. 2019).

³⁰ Entrevista realizada de forma online pela Plataforma Google Meet, no dia de 14 junho de 2024.

³¹ Imagens da exposição de longa duração intitulada Migrar: experiências, memórias e identidades com registros dos móveis usados na antiga hospedaria do Brás (atual Museu) e uma carta de chamada de um imigrante.

Figura 33 - Padaria de imigrante italiano no bairro do Brás em São Paulo em 1926.



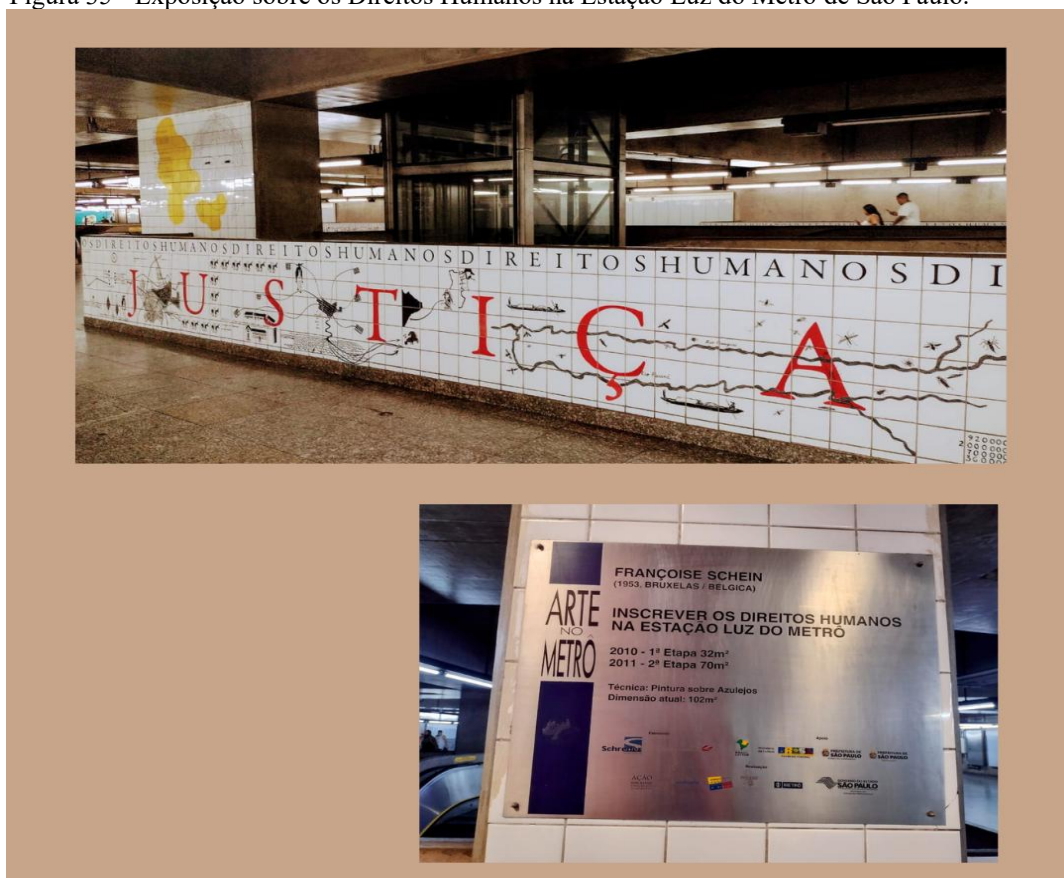
Fonte: Arquivo Digital do Museu da Imigração de São Paulo.

Figura 34 - Exposição sobre os Direitos Humanos na Estação Luz do Metrô de São Paulo.



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da (Fev. 2025).

Figura 35 - Exposição sobre os Direitos Humanos na Estação Luz do Metrô de São Paulo.³²



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da (Fev. 2025).

Durante a pesquisa não foram encontrados muitos registros históricos específicos sobre refúgio nas cidades da Região Metropolitana do Recife. Apenas um registro no Serviço de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras na seção de Prontuários de Estrangeiros da Secretaria de Segurança Pública do estado de Pernambuco (Anexo 2). No documento consta o desembarque no Porto do Recife, o endereço de residência no Recife, o nome do navio, a data de desembarque e um relato simples sobre a constituição da família (Mãe e três filhos pequenos). O documento é um registro de solicitação da família francesa para a permanência no Brasil, pois foram registrados com caráter temporário. Apesar de simples, a descrição sobre a família, revela a situação de deslocamento forçado dos europeus durante o processo da Segunda Guerra Mundial e após o seu término na década de 1940. O marido pertencia ao exército e estava desaparecido. No documento é solicitado o deferimento do pedido, assim como há o reconhecimento como deslocados de guerra.

³² Desenhos criados por alunos de escolas públicas da cidade de São Paulo em azulejos brancos sobre os artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948.

A Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados foi adotada no ano de 1951, com a definição do termo de refugiado e como instrumento jurídico de sua proteção, lançando recomendações para os países no processo de acolhimento, ressaltando os seus direitos. O termo Deslocados de Guerra utilizado no documento histórico é abordado em uma pesquisa sobre a presença dessa população no estado do Rio Grande do Sul no final da Segunda Guerra Mundial por Clarice Gontarski Speranza (2021), de acordo com a determinação da United Nations General Assembly de 15 de dezembro de 1946. Para a autora:

Embora muitas vezes tratadas como sinônimos na documentação (e aparentemente na prática, ao menos no Brasil), as duas categorias pelas quais a ONU classificava, em 1946, as numerosas populações desterradas na Europa eram em tese vistas como bastante diversas. O termo “refugiado” se aplicava a uma pessoa que estava fora de seu país natal ou de residência e que, tendo ou não mantido sua nacionalidade, pertencesse a um dos seguintes casos: vítimas dos regimes nazistas ou fascistas; republicanos espanhóis e outras vítimas do regime do ditador Francisco Franco; pessoas que eram consideradas refugiadas antes da eclosão da guerra por razões de raça, religião, nacionalidade ou opinião política. Também eram considerados refugiados os grupos judeus vítimas da perseguição nazista, além de crianças e jovens com menos de 16 anos cujos pais tivessem morrido ou desaparecido no conflito. Já entre os “deslocados de guerra” (*displaced persons*) incluíam-se pessoas deportadas ou obrigadas a deixar seu país natal ou de residência, incluindo populações obrigadas a realizar trabalhos forçados ou que haviam sido deportadas por razões raciais, religiosas ou políticas. As soluções preconizadas para os dois grupos eram também diferentes. (SPERANZA, 2021, p. 567)

A pouca visibilidade da temática sobre o refúgio e sobre a própria constituição histórica da migração internacional no estado de Pernambuco também é percebida nos estudos sobre as hospedarias de imigrantes. Só foram encontrados registros no trabalho da pesquisadora Rosane Teixeira. Sua pesquisa destaca a presença de alguns registros de três hospedarias: a do bairro da Jaqueira (município do Recife), do bairro de Socorro (município de Jaboatão) e do bairro de Tejipiô (município do Recife), “localizadas em Pernambuco, entre o período de 1889 e 1926” (TEIXEIRA, 2022, p. 289). Pelo recorte temporal feito entre 1889 a 1926 é compreensível que não se encontrem informações, relatos ou vestígios de histórias de deslocamentos forçados internacionais. A escassez de hotéis, pensões e de hospedarias no Recife do século XIX e do início do século XX pode ter contribuído também para a pequena presença de informações (PARAÍSO, 2003).

Neste cenário histórico da presença de povos de terras distantes pouco percebido nos espaços urbanos da Região Metropolitana do Recife, alguns vestígios percebidos e espaços de memória serão ressaltados como um exercício de dar visibilidade e pontuar reflexões sobre os

registros históricos encontrados, como um convite a uma imersão em pisos/chão que foram sobrepostos ao longo da história.

A história do Porto do Recife é um marco importante nesta trajetória por buscas de registros de desembarques. Estes momentos em forma de registros fotográficos não foram encontrados durante a pesquisa. Sua história tem o Cais da Lingueta como origem (Figura 36). Após diferentes reformas, o Cais da Lingueta transformou-se no atual Marco Zero.

Figura 36 - Cais da Lingueta no ano de 1905.



Fonte: Base Iconográfica Villa Digital da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

No Recife Antigo entre a esquina da Rua Barão Rodrigues Mendes com a Avenida Alfredo Lisboa, a “implantação de uma rede subterrânea de energia elétrica para iluminação pública, bem como de dutos para a condução de fibra ótica com o objetivo de atender o Porto Digital, na área do Polo Bom Jesus” (ALBUQUERQUE; LUCENA, 2023, p. 5), revelou vestígios arqueológicos de uma muralha construída para a defesa da cidade do Recife durante o século XVII. As estruturas localizadas foram indicadas por um estudo arqueológico da Universidade Federal de Pernambuco. Na figura 37, o número 1 indica a “parte superior do baluarte do Bom Jesus”, o número 2 mostra “a parede do prédio do Correio Geral, em tijolos, assentada sobre o baluarte” e o número 3 expõe “a face exposta do baluarte, em pedras trabalhadas” (ALBUQUERQUE; LUCENA, 2023, p. 15). Ao ser revelado, houve uma reivindicação da população para que o que foi descoberto, permanecesse visível, como um museu a céu aberto. A solicitação foi atendida e a muralha pode ser vista, com inscrições históricas inscritas em uma estrutura de exposição na rua, embora esteja sem manutenção.

Figura 37 - Escavação arqueológica na Rua Barão Rodrigues Mendes no ano de 2001.



Fonte: ALBUQUERQUE; LUCENA (2023).

A poucos passos deste incrustado histórico a céu aberto encontra-se a antiga Sinagoga (Figuras 38 e 39), construída em um período (Período Holandês em Pernambuco no século XVII) de liberdade religiosa para os judeus em Pernambuco. Período também em que a rua ficou conhecida como rua dos Judeus. Sua história em paredes de tijolos de rochas, areia e cal, ficou silenciada até a última década do século XX, quando estudos arqueológicos a “redescobriram” (KAUFMAN, 2009). Mencionar sua história é também relembrar que no século XVII, a palavra refugiado surgiu por motivos de perseguição religiosa.

Embora a publicação citada mencione a palavra refugiado, em menção aos cartagineses, a primeira referência histórica a essa palavra ocorreu no século XVII na França, durante a fuga dos huguenotes (pessoas pertencentes à religião Protestante) devido à revogação do Editto de Nantes em 1685, que impedia a perseguição religiosa e dava liberdade para a prática do protestantismo. (MOULIN, 2013 apud SILVA, 2017, p. 163)

Figura 38 - Piso do século XVII descoberto na Sinagoga Kahal Zur Israel.



Fonte: Moreshet Israel: Legado de Israel - Canal do Youtube (2018)³³.

Figura 39 - Vestígios históricos da Sinagoga Kahal Zur Israel.



Fonte: Moreshet Israel: Legado de Israel - Canal do Youtube (2018).

Com a expulsão dos holandeses e a fuga de muitos membros da comunidade judaica, essa rua foi ao longo dos séculos seguintes ganhando novos contornos, passando-se a se chamar no século XVIII, com o atual nome da rua do Bom Jesus (Figura 40).

³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vzncppRlwYA&t=30s>. Acesso em: 28 jul. 2024.

Figura 40 - Rua do Bom Jesus em 1880.



Fonte: Coleção Gilberto Ferrez do Acervo do Instituto Moreira Salles.

No espaço da Sinagoga a memória dos judeus que fugiram, principalmente, a partir da década de 1920 após a Primeira Guerra Mundial, estabeleceram na cidade do Recife um grupo teatral chamado Ídiche³⁴ (Figura 41).

A década de 1920, que se caracteriza pelo aumento da imigração judaica ao Brasil e a solidificação de suas instituições comunitárias, representa uma nova etapa na história do teatro ídiche no país e se destaca como um período em que é “descoberto” pelas trupes e atores do exterior e no qual se encontram empresários que promovem o teatro profissional. (KIRSCHBAUM; WALDMAN, 2019, p. 17 e 18)

Figura 41 - Presença do teatro Ídiche em Recife destacado na Sinagoga Kahal Zur Israel.



Fonte: Moreshet Israel: Legado de Israel - Canal do Youtube (2018).

³⁴ Língua falada pelo grupo de judeus chamado de *Ashkenazim* (EPELBOIM, 2004).

O deslocamento forçado de uma família de judeus do atual território da Ucrânia para a cidade do Recife durante a década de 1920 foi registrado nos últimos anos na cidade através da história da escritora Clarice Lispector, no antigo casarão onde residiu na Praça Maciel Pinheiro no bairro da Boa Vista (Figuras 42 e 43). As suas memórias da cidade do Recife estão presentes em algumas de suas importantes obras. O antigo casarão em que morou com sua família durante a infância e adolescência está em processo de transformação em um museu dedicado às suas memórias da cidade e a sua obra literária, neste bairro e praça onde a comunidade judaica da época costumava residir e se reunir para manter os laços (LUDERMIR, 2005).

Figura 42 - Placa de identificação da casa de Clarice Lispector no Recife.



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da (out. 2024).

Figura 43 - Casa onde morou a escritora Clarice Lispector no Recife.



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da (out. 2024).

Alguns vestígios deixados por migrantes internacionais que compõem a formação histórica das cidades e da população da Região Metropolitana do Recife não estão mais presentes ou visíveis (Figuras 44 e 45), embora outras edificações permanecem ou foram criadas ao longo da história. Identificar as especificidades dos processos migratórios que os trouxeram é possível através de relatos de familiares, como no caso da fotógrafa Cláudia Della Nora, ou pela intensificação da busca de registros institucionais.

Assim como antigos registros (Figura 46), recentes marcas urbanas aprofundam a visibilidade de relações que se constituem (Figuras 47 e 48).

Figura 44 - Igreja dos Ingleses no ano de 1943 na rua da Aurora.



Fonte: Base Iconográfica Villa Digital da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

Figura 45 - Frente da Igreja dos Ingleses no ano de 1910 na rua da Aurora.



Fonte: Base Iconográfica Villa Digital da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

Figura 46 - Registro da população chinesa na cidade do Recife na década de 1930.



Fonte: Arquivo (online) do Diário de Pernambuco do ano de 1936.

Figura 47 - Escultura Flor Kapok no Parque Santana na cidade do Recife.



Fonte: Fotografia de Fernando Fernandes Vital (Abr. 2024).

Figura 48 - Escultura Flor Kapok no Parque Santana na cidade do Recife.



Fonte: Fotografia de Fernando Fernandes Vital (Abr. 2024).

Apesar de longas décadas e no caso dos japoneses, mais de um século de presença no estado de Pernambuco, ao caminhar pelos principais centros comerciais da Região Metropolitana do Recife, por exemplo, é difícil perceber a presença mais acentuada de povos de outros países que constituíram uma história nesses espaços urbanos. A praça da Liberdade na cidade de São Paulo, exemplifica a vivacidade dessas presenças (Japoneses e Chineses), sobrepondo novos solos, em uma estratificada paisagem de distintas culturas.

3.3. Limites transpostos ou contornados? Cidades que acolhem ou delimitam? As “práticas” políticas de acolhimento e a integração social dos refugiados nos espaços urbanos da Região Metropolitana do Recife (PE).

Refletir sobre as condições de um país, estado ou cidade, suas limitações ou possibilidades para refúgio, é antes de tudo, pensar sobre o seu cenário social. Quando não há uma estrutura estabelecida de acolhimento para as necessidades específicas dessa população é necessário que seja criada, de acordo com os instrumentos jurídicos internacionais e da própria legislação brasileira para o contexto migratório (Lei de Refúgio nº 9474 de 1997 e a Lei de Migração nº 13.445 de 2017).

A estrutura de profunda desigualdade social e as diferentes vulnerabilidades sociais presentes do estado de Pernambuco revelam fatores importantes relacionados às dificuldades de inserção social das pessoas migrantes e refugiadas em seus espaços urbanos. As vulnerabilidades específicas desta população associadas ao cenário social do Estado tornam extremamente complexo o seu processo de acolhimento e de superação de limites durante a sua inserção social. A grave estrutura social do estado de Pernambuco foi ressaltada recentemente durante o I Simpósio sobre Tráfico de Pessoas - Um debate sobre direito de proteção à dignidade humana promovido pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) em maio de 2024. Na palestra³⁵ do Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de Pernambuco (MPPE) e integrante do Grupo de Trabalho Migrações, Tráfico de Pessoas e Vulnerabilidades³⁶, Fabiano de Melo Pessoa, foram apresentados os graves indicadores sociais do estado de Pernambuco através dos dados do Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico) que atua com pessoas em situação de vulnerabilidade social. Os dados revelam que no ano de 2023, 2.894.886 “famílias” estavam cadastradas. Dentro desse número, 1.828.283 de “famílias” estavam em situação de pobreza.³⁷ Voltando o olhar para os dados por pessoa, 5.980.349 estavam cadastradas, e entre elas, 1.828.283 em situação de pobreza. Observando o número da população do estado de Pernambuco, composto por aproximadamente 9 milhões de pessoas, estas estatísticas mostram a conjuntura local deste estado de acolhimento, onde há uma sobreposição de vulnerabilidades, de acordo com a reflexão feita pelo Promotor de Justiça Fabiano de Melo Pessoa.

A formação de uma estrutura de trabalho com a presença do poder público e da sociedade civil destinada ao cenário da questão migratória no estado de Pernambuco, principalmente, na Região Metropolitana do Recife, começou a ser formada no ano de 2018 com a chegada da migração venezuelana. Em um primeiro momento, essa estrutura foi destinada ao apoio dessa população que veio através do processo de Interiorização, para os municípios de Igarassu e do Recife, sendo acolhidos por instituições da sociedade civil, em casas alugadas compartilhadas e na estrutura de acolhimento já existente de uma organização social que trabalhava com acolhimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Houve então, uma primeira aproximação do poder público local, ao

³⁵ Palestra está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UHI29G0bsDY&t=2717s>.

³⁶ O Grupo de Trabalho foi desenvolvido no início de 2024 pelo Ministério Público de Pernambuco através do seu Centro de Apoio Operacional de Defesa da Cidadania (CAO).

³⁷ As aspas colocadas nas palavras famílias, foram utilizadas para dar o destaque na escrita, assim como foi dado durante a palestra pelo Promotor Fabiano de Melo Pessoa. O Promotor chamou a atenção para a grave situação social do estado, assim como as diferentes vulnerabilidades humanas decorrentes, muitas vezes, dessa situação social.

acompanhar esse processo, atuando em parceria em algumas ações com as organizações da sociedade civil (Cáritas Brasileira Regional NE2 e Aldeias Infantis SOS).

Atualmente, na Região Metropolitana do Recife, o sistema de abrigamento institucional não está em execução. Para os migrantes e pessoas refugiadas que se encontram em situação de rua no município do Recife, existe o acolhimento nos abrigos da Prefeitura, também destinados aos brasileiros em situação de extrema vulnerabilidade social. Durante o ano de 2022 e de 2023, foram acompanhados alguns casos de venezuelanos e de um ucraniano em situação de rua no estado durante os atendimentos na Casa de Direitos. A dificuldade percebida para esta população era o da necessidade de um acolhimento institucional específico para a realidade dos migrantes forçados.

No ano de 2014, a situação dos senegaleses no centro do Recife deu início a algumas discussões pela sociedade e pelo poder público sobre a necessidade da criação de políticas públicas para pessoas migrantes e refugiadas relacionadas à inserção social e a necessidade da criação de uma Casa para Migrantes, pontuando os desafios de moradia apresentados, principalmente para os que chegam em situação de vulnerabilidade social. Com o título de “Migração e refúgio, o desenvolvimento de políticas públicas para inserção social e econômica” foi realizada uma audiência pública na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (ALEPE) em novembro de 2015³⁸ para discutir essa realidade e propor ações. Nessa audiência a “precariedade no atendimento em órgãos públicos, empecilhos à regularização migratória e dificuldades de integração com a comunidade foram alguns dos problemas relatados por imigrantes e estudiosos”³⁹ do tema. A proposição da criação de um órgão público para gerenciamento e articulação do poder público do Estado para resolver as questões de acolhimento e de inserção social, ainda está em processo de desenvolvimento, como foi citado anteriormente.

Um estudo desenvolvido no ano de 2014 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Ministério da Justiça mapeou o acesso a serviços, direitos e políticas direcionado para pessoas migrantes e refugiadas em todo o Brasil (BRASIL, 2015). Neste documento foram pontuados os desafios do estado de Pernambuco como “a falta de estrutura das instituições públicas, dificuldades e/ou impossibilidade de regularização migratória, dificuldade de integração, dificuldades de acesso à moradia, preconceito e discriminação” (BRASIL, 2015, p.

³⁸ ALEPE - Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (17 nov. 2015). Disponível em: <https://www.alepe.pe.gov.br/2015/11/17/assembleia-discute-situacao-de-imigrantes-e-refugiados-em-pernambuco/>. Acesso em: 24 jul. 2024.

³⁹ ALEPE - Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (18 nov. 2015). Disponível em: <https://www.alepe.pe.gov.br/2015/11/18/assembleia-discute-situacao-de-migrantes-no-estado/>. Acesso em: 24 jul. 2024.

105). No total, 27 instituições (setor público e da sociedade civil) foram mapeadas pela pesquisa.

Foi com a chegada da população da etnia venezuelana warao em 2019 que essa estrutura precisou se solidificar e expandir. A sua visibilidade nas ruas da Região Metropolitana do Recife, com crianças e idosos, pedindo doações e dinheiro, principalmente nos sinais de trânsito, com placas improvisadas, identificando a sua origem como povo indígena da Venezuela, influenciou a instituição da estrutura de acolhimento pública que existe hoje no estado.

No ano de 2018 um Comitê Interinstitucional de Promoção de Direitos de Pessoas em Situação de Migração, Refúgio e Apatridia de Pernambuco (Anexo 3)⁴⁰, chamado informalmente de COMIGRAR, foi criado através de uma rede de relações criadas entre instituições públicas e da sociedade civil para impulsionar o desenvolvimento de políticas públicas para a população migrante e refugiada no estado. Esse Comitê foi se solidificando, e no ano de 2022 foi promulgado o Decreto 53.49120 de 31 de agosto de 2022, instituindo o Comitê Estadual de Políticas Públicas para a Promoção dos Direitos dos Migrantes, Refugiados e Apátridas no Estado de Pernambuco (CEPMIGRA-PE). Atualmente, o Comitê está na fase de nomeações. Ainda no âmbito estadual, foi criada no ano de 2021 a Lei Ordinária 17.35019, criada com o objetivo da criação de políticas públicas para a população migrante no estado.

No mesmo ano, o município do Recife criou a Lei Municipal 18.79818, de 20 de maio de 2021, com o objetivo de instituir bases para a elaboração de uma Política Municipal de Promoção dos Direitos dos Migrantes e Refugiados no município. Apesar destes avanços, a ausência da participação da população migrante e refugiada nestes processos, mostrou outra necessidade urgente: a voz e a experiência dessa população.

Na observação da construção de todo esse arcabouço legislativo nota-se que em nenhum momento houve a participação ou até mesmo a escuta do próprio migrante, pois não houve audiências públicas e o legislador não procurou entender a realidade desses grupos. É essencial garantir a participação dos migrantes nos processos decisórios. (SILVA; RODRIGUES; ALMEIDA, 2023, p. 470 e 471)

Neste cenário, é difícil diferenciar os processos migratórios. O refúgio tem as suas especificidades, mas encontra-se atrelado à realidade das pessoas que vêm de outros países. O importante nestes processos de criação de políticas públicas para a temática de migração

⁴⁰ O documento foi escrito e compartilhado pelo Procurador de Justiça do Ministério Público de Pernambuco, Dr. Marco Aurélio Farias da Silva.

internacional, é direcionar nestes instrumentos normativos, as suas especificidades. Os desafios estão presentes nesta conjuntura. A realidade é diversa, mas sempre vulnerável (Figura 49).

Figura 49 - Moradia de um migrante venezuelano em uma ocupação espontânea na cidade do Recife (PE).



Fonte: Registro do Programa de Migração e Refúgio da Cáritas Brasileira Regional NE2 (Agos. 2022).

Nos últimos anos, setores específicos para Migração e Refúgio foram criados nas Prefeituras de Igarassu e do Recife. O setor do município de Igarassu chama-se Migra Igarassu. Com um local específico, possui atividades de atendimento ao público migrante e de solicitantes de refúgio. Sua estrutura de atendimento tem semelhanças com a da Casa de Direitos, com encaminhamentos de regularização migratória e para a área de assistência social do município, além de incentivar e promover atividades de inserção cultural. As dificuldades dessa população são acompanhadas por este setor. Quando o projeto de abrigamento institucional de Aldeias Infantis em Igarassu finalizou, muitos venezuelanos permaneceram no município, alugando casas próximas ao antigo projeto. Houve um acompanhamento da coordenação de Aldeias Infantis após essa finalização, com direcionamentos para inserção laboral, desenvolvimento de

empreendedorismo, além dos atendimentos para orientações em diferentes áreas. No ano de 2023, esta instituição encerrou totalmente suas atividades com a população migrante e refugiada. Hoje, no município só o Migra Igarassu da Prefeitura realiza esse acompanhamento. Já o setor de Migração e Refúgio da Prefeitura do Recife tem uma atuação mais institucional, sem atendimentos e atividades contínuas. A sua atuação é mais voltada para o trabalho com a população warao, embora seja bem restrita.

A experiência da Defensoria Pública do estado de Pernambuco com os atendimentos da etnia warao, é um exemplo das reflexões construídas ao longo dos últimos anos, período de acolhimento da população venezuelana no estado. Em uma palestra no ano de 2023, sobre a Copa Pernambucana de Migrantes e Refugiados, o Defensor Público do Estado de Pernambuco, Henrique da Fonte Araújo de Souza refletiu sobre os desafios e evoluções no atendimento da etnia warao da Venezuela. Para o Defensor, “as demandas do povo Warao exigiram novas e complexas chaves de atuação” (SILVA; RODRIGUES; ALMEIDA, 2023, p. 479). O trabalho desta Defensoria foi procurado pelo povo warao para tentar solucionar os problemas com moradia e regularização migratória. A questão da moradia era um desafio para a Assistência Social do município do Recife, pois “o que existia era uma lógica de atender vulnerabilidades para núcleos familiares conhecidos como monoparental ou biparental, mas não estavam preparados para o modo de vida Warao, no qual o núcleo familiar é de aproximadamente trinta pessoas, pois vivem em grupos” (SILVA; RODRIGUES; ALMEIDA, 2023, p. 480). Para a resolução do desafio apresentado foi necessário trabalhar em conjunto com outros órgãos como a Defensoria Pública da União (DPU), Ministério Público Estadual (MPE), Ministério Público Federal (MPF) e com o Ministério Público do Trabalho (MPT) (SILVA; RODRIGUES; ALMEIDA, 2023). Para o Defensor:

Houve avanços (...). Passamos do desconhecido para o conhecido. Hoje, conseguimos entender melhor a dinâmica social desses grupos. Então, há uma evolução no sentido de tentar pensar outras chaves, além das que eram disponibilizadas inicialmente. Vimos, por exemplo, outros formatos de se garantir moradia, diferentes do abrigo. (SILVA; RODRIGUES; ALMEIDA, 2023, p. 481)

A experiência do acolhimento dos indígenas venezuelanos da etnia warao nos municípios de Jaboatão dos Guararapes e do Recife, pontua o grande desafio neste processo, mas ao mesmo tempo, ressalta o impulso mais significativo para o desenvolvimento de uma estrutura institucional destinada à temática migratória forçada nestes espaços urbanos do estado. A rua foi o espaço utilizado por eles para dar visibilidade à sua vulnerabilidade. Mais do que a prática da coleta de dinheiro assim chamada, a rua foi seu lugar de chegada, de

permanência e de resistência, ao lembrar que são indígenas. É necessário um acolhimento específico, principalmente com uma cooperação muito próxima da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) ou de órgãos como o Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI). A realidade da migração forçada de indígenas de outros países é algo que, nos últimos anos, tem se constituído. Sendo assim, novas atuações das entidades públicas responsáveis por estes povos no Brasil, deveriam liderar essas atuações. Nos processos de acolhimento dos indígenas warao, a prática da dissuasão é visível (LARSEN; GORDON, 2021).

Além dos desafios existentes no processo de inserção social e de acolhimento, as especificidades da migração forçada devem ser observadas, em relação às difíceis experiências de deslocamento forçado que deixaram marcas. Em conjunto com estes fatores, a experiência de morar em abrigos também deve compor esta reflexão. Muitos venezuelanos, por exemplo, passaram inicialmente, nos primeiros meses ou anos, pelo acolhimento institucional através de abrigos, seja em casas alugadas, mas compartilhadas entre diferentes famílias, como ocorreu no município do Recife com os venezuelanos que chegaram pelo processo de Interiorização coordenada pelo Governo Federal a partir do ano de 2018, seja em ambientes como o da Operação Acolhida no estado de Roraima, ou como no acolhimento nas instalações da Organização Aldeias Infantis SOS no município de Igarassu.

O momento de sua chegada no estado é crítico e ainda mantém um número de novas chegadas relevante. Isso tem sido observado nestes dois anos de trabalho no espaço da Casa de Direitos. As dificuldades com a língua portuguesa, com o desconhecimento dos acessos aos serviços públicos, principalmente nas áreas de assistência social, de saúde, de educação e de inserção laboral e o impacto do cotidiano em cidades desconhecidas, geram desafios que necessitam de uma orientação inicial, para que os passos seguintes sejam dados com total independência e autonomia.

O fator psicológico deve fazer parte dessa análise, por influenciar nos próximos passos da caminhada, assim como a solidificação desse chão percorrido. A psicóloga Luciana Florêncio⁴¹ que atuou nos atendimentos psicossociais da Casa de Direitos, ressalta que “precisamos olhar para o que levou essa pessoa a migrar”, e compreender esse processo migratório venezuelano, em que trabalhou, como uma busca por vida e por saúde, em diferentes aspectos. Como uma temática de trabalho nova e desconhecida, houve diferentes momentos em que a falta de sensibilidade de agentes públicos, mesmo sendo da área de assistência social,

⁴¹ Assessora Regional da Cáritas Brasileira Regional NE2. Entrevista realizada de forma online no dia 9 de julho de 2024.

desenvolvia questionamentos em relação a real necessidade do direcionamento de um cuidado específico, em meio a tantas realidades de vulnerabilidade social dos brasileiros, acrescenta.

Para Luciana, é muito importante no aspecto psicossocial, que a pessoa em deslocamento forçado compreenda a sua experiência, e a partir disso possa dar novos passos. E nesse aspecto, Luciana menciona a importância, também, da questão da interculturalidade, ao mostrar como se pode dialogar com culturas diferentes e utilizar essa abordagem para criar outras perspectivas de inserção social. A interdisciplinaridade, para a compreensão dessa questão migratória também é essencial, porque os profissionais de psicologia sozinhos “não dão conta”. É necessário ampliar a rede de acolhimento em diferentes áreas de atuação.

3.4.1. A importância do refúgio como instrumento jurídico de proteção.

Um dos principais desafios para o refúgio observado nestes dois anos acompanhando as realidades das diferentes nacionalidades atendidas na Casa de Direitos do Recife, foi o desconhecimento das instituições e dos profissionais que trabalham com a temática e sua importância como instrumento jurídico internacional de proteção. Das três soluções duradouras apontadas pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)⁴², como importantes orientações nos processos de acolhimento das pessoas refugiadas, apenas a integração social é desenvolvida nas ações. A possibilidade do reassentamento, por exemplo, é desconhecida. O reassentamento é uma ferramenta de proteção utilizada em condições muito específicas para que o acolhimento seja possível, através da transferência de pessoas refugiadas para outro país que tenha concordado com o acolhimento e que possua as condições necessárias para que a integração social seja realmente possível. O caso de uma afegã atendida em 2023, evidenciou essa necessidade.

A chegada nos anos de 2023 e de 2024 de pessoas refugiadas do Afeganistão, por exemplo, trouxe a necessidade de um aprofundamento da compreensão das especificidades que o refúgio *Prima Facie* possui. A migração venezuelana e a complexidade de fatores envolvidos nos processos de deslocamento forçado também exigem essa compreensão. Em junho de 2019, o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) no Brasil reconheceu a situação de grave e generalizada violação de direitos humanos na Venezuela, instituindo assim a decisão *Prima*

⁴² O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) considera três aspectos importantes para o processo de acolhimento de pessoas refugiadas: o repatriamento voluntário (volta para o país de origem, caso seja possível, através da resolução do cenário de conflito, da grave e generalizada violação dos direitos humanos ou da perseguição, por exemplo), a integração social e o reassentamento (a ida para outro país de acolhimento em virtude de não ter encontrado uma proteção específica necessária no atual país de acolhimento).

Facie. O que foi percebido nos atendimentos aos venezuelanos é que a possibilidade de autorização de residência, por meio da Portaria Interministerial nº 9/2018, tem feito com que a solicitação de refúgio ou a do reconhecimento da condição de refugiado (a), seja sobreposta. Há um desconhecimento da sólida presença do bem fundado temor de perseguição nos processos de regularização migratória para muitos venezuelanos, assim como da necessidade do refúgio.

Esse processo foi percebido não só nos dois casos dos venezuelanos que foram entrevistados para a pesquisa, assim como em outros casos, como o de uma venezuelana que também não será identificada nas próximas linhas, mas reforça essa ocorrência em processos de regularização migratória do Brasil⁴³.

Durante o seu histórico de atendimentos na Casa de Direitos, desde o segundo semestre do ano de 2022, não foi percebida nenhuma questão em relação ao seu registro migratório, mesmo sabendo de sua profissão como militar em seu país de origem. No primeiro semestre do ano de 2024, houve a procura por atendimentos relacionados à proteção e à impossibilidade de conseguir documentação na Venezuela para o casamento no Brasil com seu companheiro venezuelano, com o mesmo histórico de profissão e de contexto migratório forçado, mas com um diferencial: a perda do seu registro como solicitante de refúgio para a residência, durante o processo de regularização migratória.

Para a compreensão do contexto de refúgio apontado pela entrevistada, foram feitas perguntas relacionadas aos motivos de sua fuga da Venezuela, o processo de saída com a descrição dos caminhos percorridos e a forma de sua execução, assim como a chegada na cidade de Pacaraima (RR) no Brasil.

Por não concordar com muitas coisas que estavam acontecendo e a forma como o exército atuava em diferentes situações sociais como protestos na Venezuela, e pela impossibilidade de solicitar a baixa ou saída das Forças Armadas, ela decidiu fugir no ano de 2019. Em suas palavras:

Eu via o povo passando fome e as injustiças da rua, e eu não queria mais, mas eu tinha que cumprir ordens. Então, em 2019 eu já estava cansada porque eu estava vendo minha própria família passar fome. (...). A gente ia defender um governo que não estava certo. O povo estava lutando pela vida, lutando pela medicina, lutando pela comida. Então, nós tínhamos o mandamento do cargo para reprimir o povo. Eu não estava de acordo com isso porque quando eu saía do quartel, eu via minha família magra, minha mãe magra. Eu via o povo comendo no lixo. (...). Eles estavam lutando por seus direitos. Então a gente não podia fazer nada, porque se não era preso ou até ia para a execução. (...) Eu sempre ficava pensando nessas famílias, se eles não tinham um familiar

⁴³ A entrevista foi realizada em julho de 2024 na Casa de Direitos.

militar, como é que estão sobrevivendo? Eu quis sair de forma correta, mas não consegui.

Para fugir, ela saiu sozinha, pegando diferentes caronas, mas sempre fardada para sua proteção. Não conseguiu vir de avião por não ter passaporte e quando percebem que um militar vai viajar para uma fronteira próxima, há sempre uma desconfiança da fuga. O motivo dado para a sua viagem, feita de carona em carona, foi o de visitar familiares em outro estado. A farda, neste contexto, permitiu a sua mobilidade na Venezuela e a sua saída do país.

“Eu senti proteção, mas mesmo assim senti muito medo”.

Levou poucas roupas e muito fardamento, para que durante o percurso não estranhassem. Com a ajuda de amigos, conseguiu permissão para passar pelos controles nas estradas.

“Quando cheguei na fronteira com o Brasil, eu só chorei”.

A farda só foi trocada quando chegou na cidade venezuelana de Santa Elena, na fronteira com o Brasil. Lá, teve que dormir em uma praça, e no dia seguinte fez a travessia pelas *trochas* com a ajuda de uma família que a acolheu dando alimentação e o dinheiro para sua travessia pelas *trochas*. Se tentasse passar pela rodovia venezuelana, não a deixariam sair. Quando chegou em Pacaraima se entregou para o Exército Brasileiro e disse: “sou do Exército venezuelano e não aguento mais”. Durante as três horas que passou no Posto de Triage e no Complexo da Operação Acolhida em Pacaraima, ficou sob proteção de um militar de alta patente. O registro pela Polícia Federal ia ser feito como solicitante de refúgio, mas o oficial militar que a protegia, achou melhor para o seu acolhimento e proteção no Brasil, o documento de residência temporária para evitar qualquer associação de perseguição. “Esqueça que você foi da vida militar”. Essas foram as palavras do oficial militar brasileiro.

Para sua proteção, neste caso, ela não foi registrada como solicitante de refúgio. Mas, hoje, o refúgio pede o seu reconhecimento, pela impossibilidade de conseguir documentação venezuelana necessária em alguns procedimentos no Brasil, e pelo passado militar que ronda, através de mensagens emitidas na Venezuela com o seu nome.

A close-up photograph of a person's hand touching a rough, layered rock wall. The hand is positioned on the left side of the frame, with fingers spread against the rock. The rock surface is composed of various shades of brown, tan, and grey, showing distinct horizontal and diagonal layers or strata. The lighting is warm, highlighting the textures of both the skin and the rock.

Parte II

Sentindo a textura das experiências de refúgio

As camadas históricas do século XIX no Museu Janete Costa (Niterói, RJ).
Fonte: Daniela Florêncio da Silva (2018)

4. La liberdade de um acadêmico itinerante hacia Recife (PE) - Rafael de Nogales Méndez.

Rafael de Nogales Méndez foi o nome escolhido pelo primeiro venezuelano entrevistado para representar seus depoimentos e experiências, sem a necessidade de sua identificação. A admiração pelo trabalho acadêmico desenvolvido por este outro venezuelano que assim como ele, tinha uma carreira militar, era escritor e desenvolveu trabalhos importantes em Geografia, História e em Cartografia orientou a escolha. Iniciando assim, a sua apresentação, o senhor Rafael tem 72 anos, com formação acadêmica nas áreas de Geografia e História, com doutorado e Pós-doutorado. Ele trouxe os certificados da Venezuela, mas prefere não citar as instituições acadêmicas de seus títulos, assim como os países destas instituições. Permitiu apenas que fossem mencionados os continentes onde desenvolveu seus estudos, ou parte deles: América do Norte, Europa e Ásia. Militar de carreira, trabalhou e visitou muitos países, ao mesmo tempo em que exercia a sua função de acadêmico.

Na primeira entrevista em abril de 2024, o senhor Rafael, mesmo sem ter sido avisado, já tinha escolhido o nome e o título que faria referência a sua experiência. Por ter trabalhado como acadêmico, em diferentes países, já conhecia os passos de criação de uma tese. Rafael veio preparado para a primeira entrevista. Além do nome, trouxe também os pertences que os acompanharam durante sua jornada para o Brasil. Quase tudo que tinha valor emocional para ele, e que caberia em uma sacola de plástico simples (Figura 50), para não chamar a atenção durante sua saída da Venezuela. Saiu de casa de forma discreta como se estivesse indo para um compromisso no centro de sua cidade ou comprar um jornal na banca de revistas mais próxima de sua casa. Algo que era do seu cotidiano.

Antes de começar a narrar a sua experiência de deslocamento forçado, no ano de 2022, é importante contar um pouco do momento em que o senhor Rafael de Nogales Méndez entrou na Casa de Direitos do Recife onde nos conhecemos, assim como foi o percurso do seu acompanhamento. Muito debilitado fisicamente e emocionalmente, o senhor Rafael, através da ajuda de pernambucanos, fez a sua primeira visita em agosto de 2022. As necessidades apresentadas eram muitas. Desde a questão da moradia, acesso a benefícios sociais e à saúde. Na ocasião, ele estava morando de forma improvisada em um espaço de uma sala comercial vazia no centro do Recife, doada por colegas de uma instituição internacional de fraternidade em que é membro, com sede no Recife, organizada para que ele conseguisse se abrigar.

Figura 50 - Documentos e memórias de Rafael Nogales Méndez da Venezuela.



Fonte: SILVA, Daniela F. (Abr. 2024).

A palavra “senhor” será usada muitas vezes. Essa é a forma como ele era conhecido no ambiente da Casa. O Senhor Rafael chegou... Além do respeito, sua idade de aproximadamente 72 anos fez com que a forma de tratamento fosse estabelecida. O senhor Rafael chegou muito magro e apresentava uma dificuldade para falar, pois se emocionava muito. Falava rápido, mas o corpo apresentava um extremo cansaço, da jornada e da Covid-19 que contraiu em Manaus (AM), antes de se deslocar para Recife. O coração dava sinais de que precisava de um atendimento especializado. Não se sentia bem. Após a consulta e exames, percebeu que estava tudo bem com o seu coração. Estava “apenas” exausto.

Com o passar do tempo, foi se inserindo, com orientação dos atendimentos, na rede de benefícios sociais e de assistência à saúde. Foi ganhando força física e emocional, e sozinho foi fazendo o reconhecimento espacial da cidade do Recife.

Os motivos de sua fuga da Venezuela foram se constituindo aos poucos, ao longo dos anos. Pelos seus relatos, a situação na Venezuela já estava difícil desde o ano de 2005. Sua esposa faleceu neste ano, com câncer e já nesta época a dificuldade com a falta de remédios e uma precariedade do sistema de saúde, já era vivenciado por ele e sua família, mesmo morando em uma grande cidade. Sua luta pela democracia era constante. Participou de um movimento de independência no ano de 2012 e em 2020, assinando manifestações dos militares. Não deixou de se manifestar, e por isso seus bens foram confiscados. Ele citou, principalmente, a chácara que perdeu. Com a suspensão de sua aposentadoria no ano de 2021, ele resolveu sair. Não tinha como sobreviver. Seu único filho estava morando em um país europeu, mas o senhor Rafael não tinha condições de ir. Mostrou dois passaportes, com visto de entrada na validade, mas não tinha condições financeiras e nem sentia segurança suficiente para se deslocar para estes países. O Brasil apareceu naquele momento como única solução.

4.1. Rede de proteção solidária.

“Da Venezuela para o Brasil, caminhei durante 3 meses.”

A forma como realizou seu deslocamento forçado da Venezuela para o Brasil foi, principalmente, desenvolvida através da ajuda de membros da instituição internacional de fraternidade⁴⁴ mencionada anteriormente. Nas cidades em que estes membros estavam presentes, o senhor Rafael conseguia um lugar para dormir, se alimentar e fazer uma rápida

⁴⁴ O senhor Rafael permitiu a divulgação do nome desta instituição que existe há muitos séculos e tem reconhecimento internacional e histórico, mas por questões de identificação, o nome não foi revelado.

higiene pessoal. Por não poder levar uma mala ou mochila para não chamar a atenção, passou os três meses de deslocamento com a mesma roupa. Ele chegou no Brasil com ela. Tudo era sempre muito rápido. Quando estava muito debilitado permanecia por mais tempo nesses locais amigos. Nos locais com vegetação, caminhava à noite e descansava durante o dia para não ser visto.

Seu percurso era sempre feito por vias alternativas. Ele foi construindo suas próprias *trochas*. De acordo com o senhor Rafael, a cada 100 quilômetros tinha uma inspeção nas rodovias ou estradas venezuelanas. Por conhecer muito bem os locais que teria que percorrer e ter o “o mapa da Venezuela em sua mente”, fez sua caminhada da forma mais segura que podia. Comia o que encontrava no caminho, em chácaras, por exemplo, bebia água dos rios, dormia onde podia, ouvindo muitas vezes o rugido de animais selvagens. Evitava as rodovias também por causa das redes elétricas. Como fez parte do setor de inteligência em seu país, explicou como essas redes seriam perigosas para quem está fugindo em busca de refúgio. Caminhava com galhos de árvores pendurados em sua roupa para apagar os rastros deixados. Aproveitava para descansar por mais tempo em locais que sabia que estariam abandonados, como algumas zonas turísticas por onde passou. O relevo montanhoso de algumas partes da Venezuela, exigiu a força que não tinha para percorrer.

Veio durante a Pandemia, no final do ano de 2021, além do fechamento da fronteira por algum tempo em virtude da Covid-19 e por ser militar, não poderia tentar a última parte de sua travessia pela rodovia principal. Usou a *trocha* entre a cidade de Santa Elena na Venezuela e a de Pacaraima no Brasil.

No Brasil continuou a usar a sua rede de proteção construída através da instituição internacional, da qual participa com muita regularidade em encontros de forma online e de forma presencial em sua representação no centro do Recife. Acompanhei um destes encontros online através do convite do senhor Rafael, com representantes que estavam no Brasil, na Venezuela e nos Estados Unidos.

4.2. Distanciamento do limite territorial com a Venezuela: o receio da perseguição.

Na segunda entrevista realizada em junho de 2024, o senhor Rafael não permitiu a gravação, apenas anotações cuidadosamente observadas. Ele sabe a importância da gravação, mas tem momentos em que a desconfiança assume aspectos da interação. Na primeira entrevista, durante algumas passagens pediu para parar a gravação. O que foi dito nestes

momentos não será mencionado. O receio da perseguição e o olhar sempre atento para o ambiente em que está fazem parte da espacialidade desenvolvida e do seu cotidiano no Brasil. No espaço da Casa de Direitos onde as entrevistas foram realizadas, ele conseguiu identificar um ex-agente da inteligência venezuelana. Os olhos da pesquisadora não têm esse treinamento. Ele não foi assim percebido, mesmo com um longo tempo de convivência. Esse ex-agente revelou que foi percebido também em Roraima por militares brasileiros. Disseram que ele ficasse mais à vontade. Ele estava tenso!

Esse “receio” foi revelado com mais detalhes em uma roda de terapia (Figura 51) para pessoas migrantes e refugiadas organizada mensalmente pelo Departamento de Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) na Casa de Direitos. A abordagem da terapia é trazer algumas temáticas para trabalhar “o deixar falar e sair”. Ao deixar sair coisas que precisam ser expostas, elas são abraçadas pela dinâmica do grupo. Para o senhor Rafael, a preocupação com a atual geopolítica mundial sempre foi exposta durante estes encontros. De acordo com um relato feito no grupo, ao caminhar pelas ruas do centro do Recife, o senhor Rafael sente a perseguição, assim como a possibilidade de ocorrer, mesmo sem presenciar evidências.

Figura 51 - Roda de Terapia para pessoas migrantes e refugiadas na Casa de Direitos do Recife.



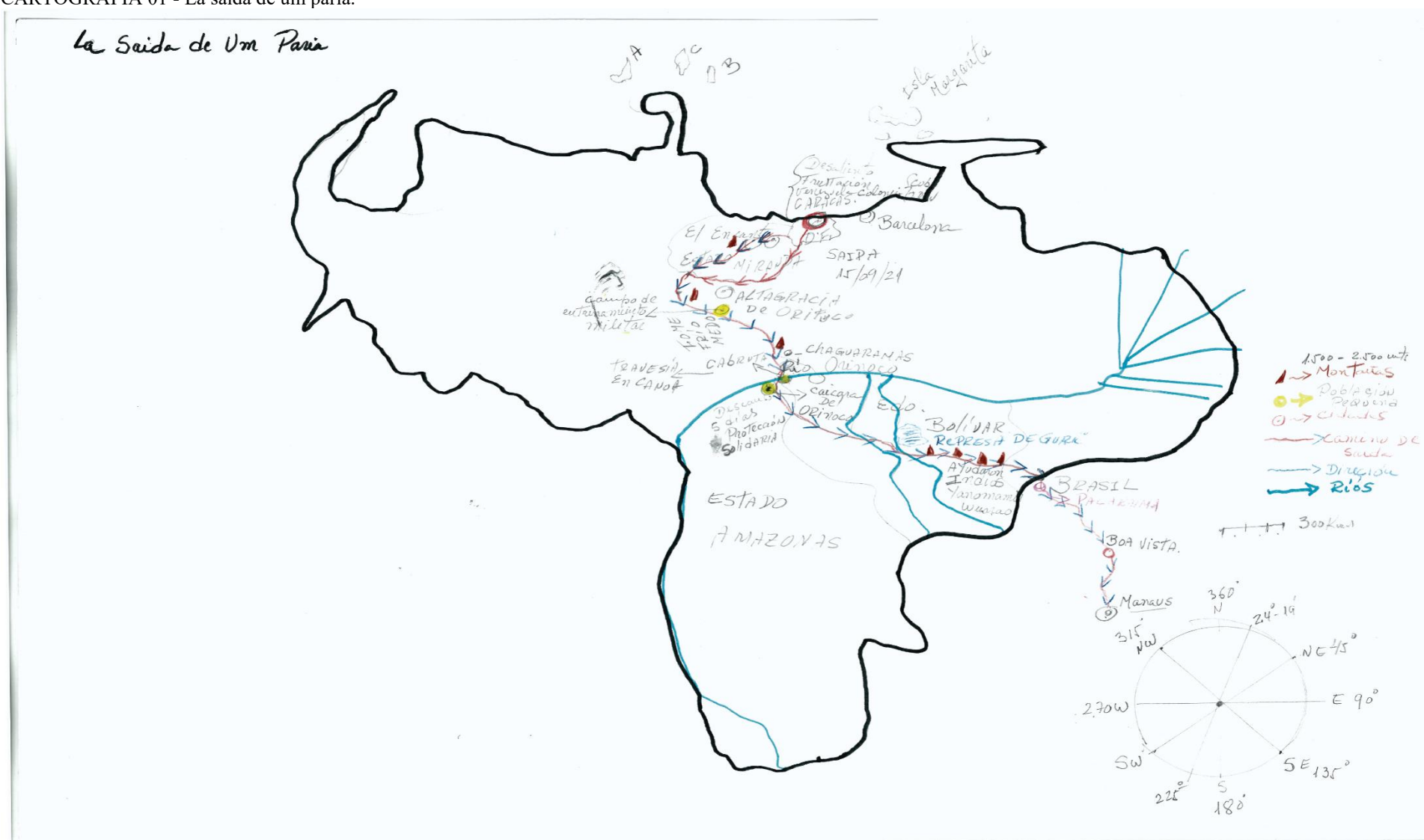
Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da. (Out. 2023).

Compreendo e respeitando todos os questionamentos do senhor Rafael, a entrevista continuou refletindo sobre a sua travessia da Venezuela para o Brasil recuperando as vivências retidas em um espaço da consciência onde memórias e instantes marcantes são guardados, como menciona a Professora Scheila Thomé ao citar os aspectos da fenomenologia de Edmund Husserl (O QUE É TUDO ISSO, 2019). Cartografar ou dar vida a traços de recordações tão difíceis é um processo delicado. Poucas orientações foram dadas para a sua criação, assim como o ritmo de reflexão dos entrevistados foi seguido com pequenas intervenções para a compreensão da travessia. Assim surgiram as cartografias *Vivencias de travesía en busca del refugio*. Utilizando os seus conhecimentos geográficos e com o mapa da Venezuela na mente, como mencionou anteriormente, o Senhor Rafael Nogalez começou a cartografar (CARTOGRAFIA 01 e 02) suas *trochas* ou caminhos secundários criados por ele, já alternando a escrita das palavras do espanhol para o português. No dia 15 de setembro de 2021 deixou a cidade de Caracas onde residia seguindo para a pequena cidade turística abandonada de El Encanto, no estado Miranda. No estado Guárico percorreu os arredores das cidades de Altagracia de Orituco, Chaguaramas e de Cabruta onde fez a travessia do rio Orinoco de canoa e alcançou o estado Bolívar através da cidade Caicara del Orinoco, onde descansou um tempo maior utilizando a rede de proteção solidária. Além da rede de proteção solidária, Rafael contou também com a ajuda de moradores de chácaras durante todo o percurso, principalmente para a alimentação. Mesmo com receio e medo de que os proprietários fossem militares, a fome era maior. Os indígenas warao e yanomami o ajudaram no trecho mais difícil de todo o caminho, devido ao relevo acentuado desta parte do estado Bolívar.

Utilizando a sua rede de proteção solidária após sua chegada na cidade de Pacaraima (RR), viajou de ônibus para a cidade de Boa Vista (RR), onde ficou apenas dois dias e se deslocou rapidamente para a cidade de Manaus (AM). Após sete dias viajou para a cidade de Belém (PA), onde solicitou o refúgio. Para não ficar muito tempo em Pacaraima, fronteira com a Venezuela, teve seu registro de entrada no Brasil como turista para que o procedimento de documentação e registro fosse mais rápido.

Distante da fronteira, olhou no mapa e decidiu: “vou para o Recife (PE)”. Em sua cartografia mencionada, percebe-se os poucos detalhes registrados das cidades brasileiras por onde passou, além das da cidade do Recife onde permanece. Ele preferiu assim. Sua rotina é controlada. Não mantém uma regularidade no convívio e prefere não desenvolver territorialidades. Está sempre atento ao que o afetou profundamente. Durante a construção de sua cartografia uma ansiedade ficou visível, principalmente no território venezuelano.

CARTOGRAFIA 01 - La saída de um paria.



Fonte: Rafael Del Nogalez Mendez (2024)

CARTOGRAFIA 02 - *La salida de un paria* (De Manaus-AM a Recife-PE).



Fonte: Rafael Del Nogalez Mendez (2024).

4.3. Reconhecimento espacial da cidade do Recife (PE): construindo vínculos.

“Falta segurança nas ruas. Aqui estou sem a minha pistola.”

Por onde passa, o senhor Rafael vai construindo boas relações. Por fazer parte de uma instituição internacional desde a sua juventude que prega a fraternidade, estes laços são sempre praticados. Ao chegar na cidade do Recife em agosto de 2022, a extrema fragilidade em que se encontrava permitiu apenas que circulasse em busca de acesso à saúde e de solidariedade. Foi assim que o senhor Rafael conheceu a Casa de Direitos e começou a frequentar o campus universitário da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Com os acessos na área social e seus benefícios, começou a caminhar e se movimentar pela cidade, mapeando os lugares onde poderia continuar a desenvolver suas pesquisas históricas (Figura 52), mas agora com o objetivo de construir os laços entre a Venezuela e Pernambuco, através de importantes figuras históricas, como Simon Bolívar e Abreu e Lima. A história do estado de Pernambuco e suas relações com a Venezuela foram pesquisadas nestes locais.

Figura 52 - Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano



Fonte: Site do Jornal Diário de Pernambuco (Jun. 2022).

Na cidade do Recife fez comunicação com a instituição internacional da qual faz parte e começou a frequentar as suas instalações no centro da cidade. Há uma procura e interesse do senhor Rafael, por locais de pesquisa em universidades como as cátedras, por exemplo. Ele gostaria de contribuir e de desenvolver estudos, principalmente relacionados à relação histórica entre a Venezuela e o estado de Pernambuco. Foi descoberta uma cátedra (Figura 53) do pensador e revolucionário cubano José Martí na Universidade Federal de Pernambuco, mas não

foi possível o contato. Ela está sempre fechada e não há retorno de informações por email, dos professores que fazem parte desta cátedra.

Figura 53 - Cátedra José Martí da Universidade Federal de Pernambuco.



Cátedra José Martí (UFPE)

Fonte: Pietra Florêncio (Abr. 2023).

A rotina do cuidado com a saúde em hospitais e laboratórios da rede pública, fez com que conhecesse a atual companheira brasileira. Os dois, hoje, moram juntos e fazem algumas viagens. Em uma delas para a cidade de Brasília, o senhor Rafael sofreu discriminação por ser idoso e venezuelano. Neste momento, citou o artigo de número quatro da Constituição do Brasil de 1988 reafirmando seus direitos no Brasil. Um policial militar se aproximou e o ajudou durante a situação.

No seu cotidiano na cidade do Recife mantém alguns hábitos que trouxe da Venezuela, como o de comprar semanalmente o jornal na banca de revista próxima de onde mora e o de caminhar pela orla de Boa Viagem. O cartão de transporte para idoso no Brasil permitiu sua mobilidade urbana. Os constantes problemas de saúde, a idade avançada e a vulnerabilidade social em que se encontra, associados à carga emocional das experiências vivenciadas no país

de origem e da travessia, influenciam sensivelmente em sua forma de espacialidade do refúgio na Região Metropolitana do Recife. Os acessos aos lugares são mediados pela sua vulnerabilidade social e pelo medo que ainda sente em se identificar. O convívio social é regulado por ele. O centro da cidade do Recife, além do seu lugar de moradia, tornou-se o principal espaço onde desenvolve suas atividades de pesquisa em museus, institutos e em bibliotecas públicas, e onde acompanha e contribui em reuniões de um sindicato⁴⁵, além de uma presença maior nas reuniões da instituição de fraternidade internacional da qual faz parte. A proximidade permite que a maior parte dessas atividades ele tenha acesso ao caminhar.

4.4. O sentimento de apatridia.

“Deus me colocou como navegante e caminhante.”

Durante a primeira entrevista, na qual houve a permissão de gravação, momento em que explicou o motivo da mudança da solicitação de refúgio pela residência no processo de regularização migratória na Polícia Federal em Recife, o senhor Rafael pediu que a gravação fosse interrompida. Ao refletir sobre isso por alguns instantes em silêncio, o sentimento de apatridia surgiu. De acordo com ele, o sentimento de pátria ou de pertencer a um país, o fez sentir como um apátrida. Na Venezuela, seu país de origem, não podia mais viver ou sobreviver. A perseguição era silenciosa, mas eficaz. No Brasil ainda não se sente seguro. A apatridia surge assim, como um sentimento de liberdade autoimposta, como um navegante e caminhante ao relembrar sua antiga carreira militar. Para Rafael Nogalez, há uma imensa insatisfação e revolta com os rumos políticos e econômicos da Venezuela. Não imaginava essa situação, assim como o fato de não poder voltar um dia para o seu país de origem. Em sua cartografia, o destaque dado ao mapa de seu país, com detalhes registrados cuidadosamente, suas geografias, mostra a sua relação intrínseca com esse espaço de origem. A apatridia surgiu também como um lamento.

A dificuldade de conseguir um trabalho para complementar a renda mensal⁴⁶ ou uma atividade em que possa produzir ou contribuir, o faz pensar em novos destinos no Brasil. Sobre sua experiência, o senhor Rafael pensa em escrever ou deixar algo como recordação.

⁴⁵ Rafael pediu que não fosse divulgado o nome do sindicato.

⁴⁶ Rafael Nogales Méndez recebe o Benefício de Prestação Continuada (BPC) do Brasil.

5. Atravessando o deserto (Meu labirinto) - José Martí.

“Quando aparecer um deserto, atravessa ele. É preciso viver essa experiência.” (Ailton Krenak, 2020)⁴⁷

Ao conhecer a experiência de deslocamento forçado de José Martí, uma fala do pensador indígena Ailton Krenak veio como recordação sobre a forma como algumas pessoas transformam a vivência de traumas profundos em novas jornadas ou em um recomeço. A sua experiência é assim ressignificada. A dor é transformada em força e consciência.

“viver essa experiência nos dá outro sentido para essa questão que incomoda em todos os lugares e que é quase impossível responder a essa questão só falando. É preciso experimentar essa situação ou condição para produzir uma resposta de dentro de um estado de consciência. Consciência do corpo, consciência da mente, consciência do ser sobre o que é passar sobre esse deserto e ir além da experiência da sobrevivência. Porque quando tem uma operação de resgate, ela tira o corpo que está sendo flagelado, salvando-o para outro lugar, onde ele irá experimentar uma restauração, (...) para seguir operante na vida. (...). Nós vamos atravessar o deserto. (...). Quando aparecer um deserto, atravessa ele. (KRENAK, 2020)⁴⁸

A reflexão da travessia do deserto tem caminhos que se cruzam com o labirinto descrito por José Martí como uma experiência de percursos incertos. De forma diferente do primeiro entrevistado, José Martí não sabia muito bem como denominar sua experiência e seu nome. A palavra labirinto foi escolhida por ele, mas o nome foi pensado através de alguém que tivesse algo em comum com a forma como desenvolveu a sua trajetória. José Martí foi um revolucionário e escritor cubano que via na educação uma importante modificação social.

Não há uma recordação exata do primeiro mês de atendimento de José Martí na Casa de Direitos. Ele veio no segundo semestre de 2022 encaminhado pelo setor de migração da Prefeitura de Igarassu (PE) para auxiliar no seu processo de inserção na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). José tem dificuldades para expressar solicitações, além da dificuldade do idioma e de falar. Perdeu muitos de seus dentes durante sessões de tortura na Venezuela. Batiam em seu rosto com um pesado pedaço de madeira.

Para a Universidade Federal de Pernambuco, José era um migrante internacional que veio fazer um intercâmbio ou algo parecido com o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). A Assistência Social da Universidade não tinha a dimensão da sua

⁴⁷ Palestra online de Ailton Krenak intitulada **Radicalmente Vivos** do ano de 2020. A reflexão foi direcionada para a própria experiência vivenciada depois do rompimento da barragem de Mariana (MG) no ano de 2015, quando a aldeia onde vive foi atingida através da contaminação do rio e do solo. O povo Krenak preferiu ficar na Aldeia, mesmo após a contaminação de seu ambiente pelo desastre ocasionado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4NLcCm9bGrS&t=2987s>.

⁴⁸Ibid.

vulnerabilidade. José procurou a Assistência Social da instituição para solicitar apoio estudantil, mas não foi compreendido. Como uma segunda tentativa, enviou um email no ano de 2020 para o Reitor da Universidade, explicando que era solicitante de refúgio e precisava de ajuda. A única resposta foi: seja bem-vindo!

Ele queria estudar novamente, mesmo já sendo formado em contabilidade em seu país. Como no Brasil o processo de revalidação de diplomas é difícil, pensou então em recomeçar aos 50 anos.

5.1. Das ruas de Boa Vista (RR) para um abrigo na cidade de Igarassu em Pernambuco.

Os motivos que impulsionaram José Martí ao deslocamento forçado têm como ponto inicial o momento em que assinou um documento em seu local de trabalho, especificando que a política não deveria interferir nos ambientes de trabalho, no seu caso o ambiente industrial. Isso ocorreu no ano de 2014. Este período, de acordo com o entrevistado, foi o de transição do governo de Hugo Chávez para o de Maduro. Um ano após esta assinatura, ele foi preso. Em sua recordação isso aconteceu depois da posse de Maduro. Em outras cidades como Ciudad Guayana e San Felix esses movimentos de prisão também ocorreram. O papel tinha sido entregue por trabalhadores da gerência da indústria do setor petrolífero onde trabalhava. Alguns destes funcionários conseguiram fugir antes das prisões.

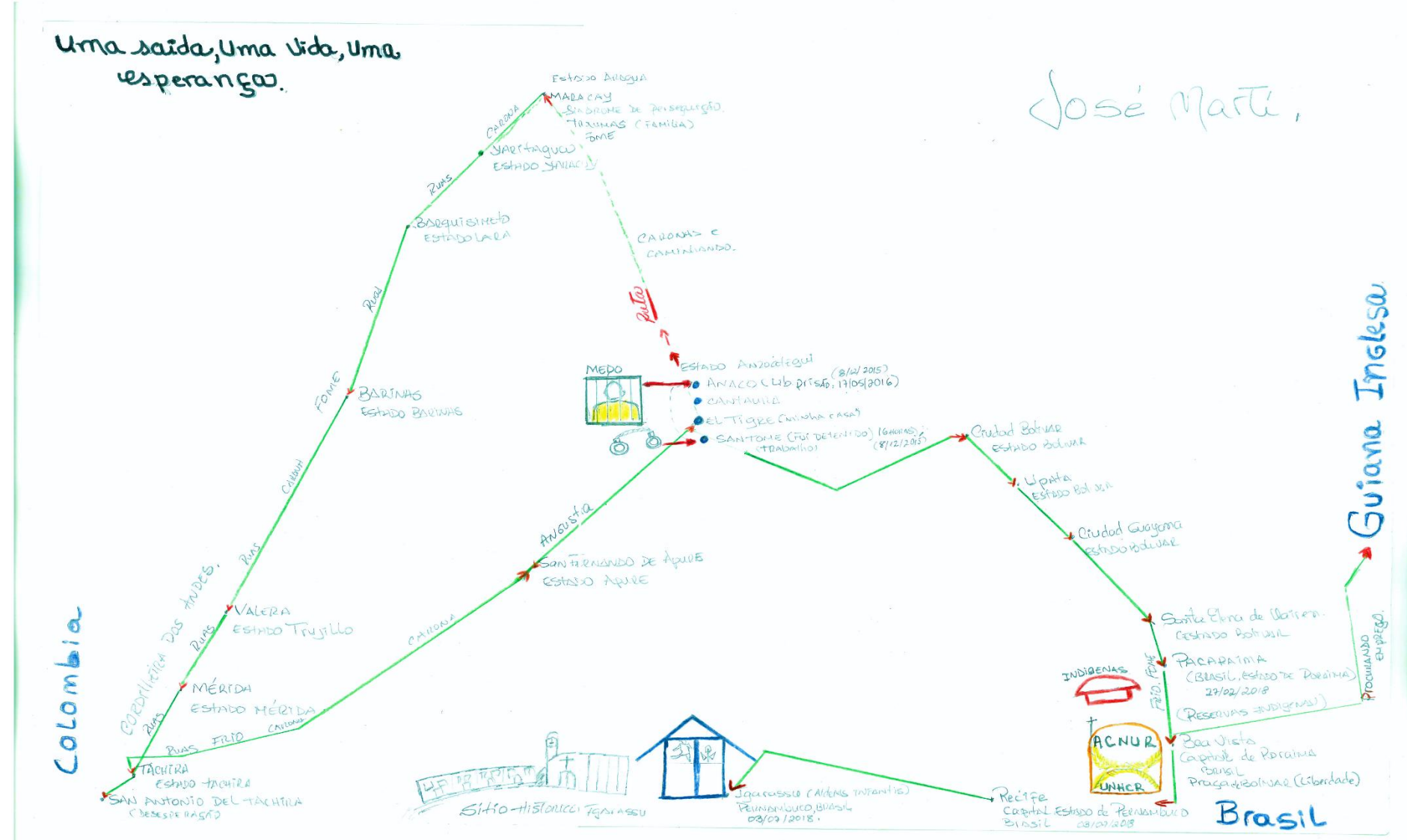
José recorda o momento de sua prisão. Era um dia normal de trabalho, mas o cenário do país já apresentava tensões, conflitos nas ruas, mortes de estudantes que se manifestavam nas ruas e dificuldade para comprar alimentos. José afirma que os estudantes foram massacrados e os primeiros a serem mortos. Essa violência foi o que motivou a fuga do marido de uma das suas filhas para a Colômbia. Por ser policial, não tinha escolha, afirmou José. Ou era contra a revolução ou participava da violência. Ele era policial de bairros, acrescenta José. Não queria machucar seus vizinhos. Não existia outra opção ou negociação. Voltando ao momento de sua prisão, relatou que neste dia, ao tentar entrar em uma barreira montada pelos seguranças da empresa, a Polícia local e a Guarda Nacional, não deixaram que ele passasse. A presença deles no espaço da empresa não era estranha. Era “comum” eles circularem no ambiente. Mas, neste dia, todos os funcionários que tinham assinado a carta de não interferência da política nas empresas foram presos e levados para a Polícia Política que José identificou como *Dirección de los Servicios de Inteligencia y Prevención* (DISIP). Neste local, ficou seis meses detido. Sua família não ficou sabendo de sua prisão. De acordo com José Martí, eles achavam que estava morto ou tinha sido sequestrado. Nesta época havia muitos protestos contra o governo de

Maduro. O candidato que perdeu as eleições, não reconheceu o resultado. A tortura começou quatro meses depois. Foi agredido com pauladas, sufocamento com bolsas plásticas, ácido... Batidas leves, mas constantes na mesa, neste momento da entrevista. “Não sei se tenho muitas cicatrizes ou bolinhas na cabeça por causa disso. Tenho dor! Preciso ir ao médico.” Quebraram vários dentes. “Eu só fazia chorar. Tenho dor ”! A alimentação servida era macarrão sem nenhum tempero ou molho. Mesmo quente, deveria ser comido com as mãos. Não havia talheres. “Pensei que ia morrer ali”. José entrou com quase cem quilos na prisão e saiu com um pouco mais de quarenta quilos.

Todo esse processo de tortura era para forçar a assinatura de uma carta de arrependimento, na qual era reconhecida a tentativa de tirar o Governo do poder através da força ou de sabotagens. “Os que assinaram, ainda estão detidos.” Ele foi solto com a roupa que estava e descalço. Quando voltou para a sua casa, ela já tinha sido ocupada por outra família. Em desespero, foi enviado para a polícia local. Lá disseram que ele tinha a sorte de estar vivo e que deveria recomeçar sua vida em outro local. Aquela casa não pertencia mais a José. Sua família com receio se mudou. Perdeu a esposa. Não ficaram mais juntos. O reencontro com uma de suas duas filhas só ocorreu no ano de 2018, na praça Bolívar na cidade de Boa Vista (RR), em um abrigo improvisado. Encontrou por acaso! A esposa e as filhas seguiram rumos diferentes após o sumiço de José. A separação das famílias na migração forçada venezuelana é algo marcante. Muitas famílias se separam ao seguir rumos distintos ou após a chegada no país de acolhimento. Isso foi observado no Brasil, tanto na fronteira no estado de Roraima quanto em Pernambuco. Além da separação, há o reencontro também...

Durante os anos de 2015, 2016 e 2017, José Martí vagou pela Venezuela sem rumo certo em diferentes regiões e estados (CARTOGRAFIA 03). Às vezes ficava na casa de alguns familiares, sempre em busca de trabalho. Passou muita fome! Tentou ir para a Colômbia, mas na imensa fila na fronteira, viu que estavam pedindo uma documentação chamada Carta Andina. Como não tinha, voltou. Tentou então, no início de 2018, o Brasil. O dia exato em que entrou no Brasil, ainda é lembrado, assim como os registros dos quilômetros nas estradas. José não usou as *trochas* como caminho. Mas, comentou que se estivesse em melhores condições de saúde na época, teria tentado fazer a travessia da Selva de Darién com familiares. José citou o trajeto dessa rota/*trochas* de Dárien: Panamá, Costa Rica, Guatemala, Honduras, Nicarágua e México. Por ser uma rota muito perigosa e conhecida, foi questionado se seus familiares não tinham medo de passar por ela para tentar chegar nos Estados Unidos. “Porque a fome é assim”, respondeu José. No Brasil, morou de forma improvisada durante três meses na praça Simon Bolívar, nas proximidades da Rodoviária da cidade de Boa Vista (RR).

CARTOGRAFIA 03 - Uma saída, uma vida, uma esperança.



Fonte: José Martí (2024).

Em sua cartografia construída, o momento da prisão é registrado com um rosto sem expressão. O medo, a angústia e os momentos de dor foram tão grandes que a ausência de sua existência neste espaço marcou a sua memória. O medo o seguiu por algum tempo depois que foi solto. Caminhou ao seu lado até a cidade de Maracay onde buscou abrigo na casa de familiares. Depois disso, o medo se transformou em desalento. Em seu depoimento, explicou que não tinha mais o que perder. A situação de seus familiares que lhe abrigaram era muito difícil. A fome era grande em toda a cidade. Decidiu continuar a caminhar ou pedir carona. Nas outras cidades por onde passou ficou em situação de rua, buscando pequenos trabalhos para conseguir se alimentar. O frio que sentiu na cidade de Pacaraima no Brasil foi tão marcante, que a sua passagem por cidades da Cordilheira dos Andes, como Mérida, não superou essa experiência.

Ao contrário do senhor Rafael que sabia o seu destino e os lugares por onde iria passar, José Martí vivenciou a experiência do deslocamento forçado interno⁴⁹ na Venezuela. Ele se deslocou sem rumo certo muitas vezes, não tinha certeza para onde deveria ir. Sentiu que percorria um labirinto. A vinda para o Brasil ocorreu sem planejamento ou orientação. É interessante observar a diferença na tonalidade da voz e postura corporal de José ao relatar tudo que aconteceu com ele e sua família. Ele fala com firmeza! Não sente vergonha, medo ou desconfiança, principalmente, de se apresentar como refugiado, embora a sua documentação tenha sido alterada de solicitação de refúgio para residência. Ele não tem receio de perder mais coisas. A vida que amava, com sua família e o trabalho que pretendia passar o resto da vida, já tinha sido desfeita.

5.2. “Uma pequena Venezuela”?

José Martí pôde escolher o estado do Brasil, entre os que estavam no processo de interiorização. Queria praia. Veio para Pernambuco com sua filha e o namorado dela para a cidade de Igarassu através das Forças Armadas. Chegou no dia 3 de julho de 2018. No início, ficou nos alojamentos da organização Aldeias Infantis na cidade de Igarassu, compartilhando uma casa com outras famílias de venezuelanos. Preferiu sair quando encontrou um trabalho no município de Itamaracá (PE) depois de cinco meses. Mencionou o estresse da convivência com pessoas que passaram por situações parecidas com a dele. De acordo com José, havia muitas brigas, violência doméstica e a polícia de vez em quando era chamada.

⁴⁹ Deslocamento forçado que ocorre dentro do território de um determinado país.

Sua filha também saiu da organização, morou algum tempo em Igarassu em uma casa alugada junto com o namorado, mas meses depois foi para o Rio Grande do Sul onde conseguiu se estabelecer, até que no início de 2024 a tragédia neste estado a fez perder uma casa. Ela e o agora esposo, tinham outra casa e conseguiram sobreviver.

Pela dificuldade de revalidar o seu diploma no Brasil, José resolveu recomeçar os estudos em busca de uma nova formação. Além da dificuldade da revalidação, ele não teria como conseguir o processo necessário de documentação na Venezuela. Não pode voltar e não teve direito a renovação de sua documentação por causa da perseguição do governo venezuelano. Ficou, inclusive, com a identidade venezuelana vencida. Foi esse o seu único documento apresentado para entrar no Brasil. Começou o curso de Licenciatura em Letras em uma Faculdade privada no município de Paulista (PE) em 2019. Como não conseguiu manter o pagamento das mensalidades, pensou em estudar na Universidade Federal de Pernambuco. Para isso, precisava do certificado do ensino médio no Brasil. Sem a certificação do Ensino Médio no Brasil, também difícil de conseguir, começou a frequentar o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola pública de Igarassu, no período da noite. Três meses depois fez a prova do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) e passou. No ano seguinte fez o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), com o destaque da nota oito na prova de redação. Sua pontuação no exame era suficiente para diferentes universidades públicas em outros estados do Brasil, mas decidiu ficar em Pernambuco, matriculando-se no curso de Licenciatura em Expressão Gráfica na Universidade Federal de Pernambuco.

O seu cotidiano urbano na cidade de Igarassu sempre foi muito restrito. Começou a trabalhar alguns meses após a sua chegada em jornadas de trabalho extensas nos municípios de Itamaracá em uma padaria e logo depois em uma fábrica de produtos alimentícios no município de Olinda. Em 2019, começou a estudar à noite. A vivência nos espaços da cidade de Igarassu foi mais intensa, ou com um olhar mais acentuado, nos seus primeiros meses de adaptação, com uma rotina mais comunitária e de convívio social no espaço de acolhimento de Aldeias Infantis, assim como com os brasileiros que moram no entorno da Instituição e também auxiliavam neste processo inicial de acolhimento em algumas atividades, de acordo com José Martí. Foi assim que conheceu a sua companheira de nacionalidade brasileira no ano de 2018. Ela morava perto da Instituição, e esse convívio inicial os aproximou. Estão juntos desde então, mas residindo em um local mais distante do centro de Igarassu, bairro onde está localizada a Instituição de Aldeias Infantis.

O ritmo tranquilo da cidade, com aspectos de cidade de interior, como ressaltou na entrevista, foi o aspecto que mais gostou da cidade. Uma vida mais tranquila, diferente da cidade do Recife, onde o agito urbano da capital não o fez se identificar. O centro histórico com suas igrejas e convento antigos, seu museu histórico, a feirinha que acontece neste centro durante os finais de semana ou em datas comemorativas, além da bela paisagem natural do entorno é o espaço que mais gosta na cidade (Figura 54), apesar de frequentar pouco. As rotinas do trabalho e dos estudos tornaram essa vivência urbana com maior significado distante, inserida, na maior parte dos anos de refúgio na cidade, apenas nos aspectos das atividades diárias, embora após a sua difícil experiência em seu país de origem, estas rotinas sempre carregam para José Martí, o sentimento de alívio e de liberdade. Em sua cartografia o centro histórico de Igarassu foi registrado.

Figura 54 - Centro histórico de Igarassu (PE).



Fonte: SILVA, Daniela Florêncio da. (Jul. 2023).

Para a coordenadora do Setor de Migração da cidade de Igarassu, Lucineide Santos, algumas ruas da cidade parecem uma “Pequena Venezuela”⁵⁰. A presença venezuelana é muito expressiva nestes espaços, embora estejam presentes em diferentes locais da cidade. Mas, para José essa impressão não é visível. O convívio com outros venezuelanos desde a sua saída de Aldeias Infantis não ocorre.

5.3. O difícil recomeço em uma cidade universitária do Recife (PE).

As dificuldades apresentadas por José Martí no processo de inserção acadêmica no campus da Universidade Federal de Pernambuco tiveram início antes mesmo do começo das aulas. Foi no momento da matrícula que José Martí perdeu a sua solicitação de refúgio. Ele possuía apenas o protocolo em papel. Quando entrou em 2018 no Brasil, a carteirinha para solicitantes de refúgio ainda não existia. A Universidade não aceitou o protocolo como documento de identificação no Brasil. Ao pedir ajuda no Posto de atendimento da Polícia Federal no Recife no início do ano de 2020, realizaram o procedimento de regularização migratória para residência. Era para acelerar o processo de entrega do documento para que a matrícula não fosse perdida. O documento chegou no prazo, a matrícula foi realizada, mas chegou a Pandemia, e por um longo tempo o acesso ao campus não foi possível.

Para José Martí, não era só o problema de acesso ao campus. Sua vulnerabilidade social não foi compreendida pela Universidade. José ficou sem o auxílio para internet e ao notebook disponibilizado pela instituição para alunos em situação de vulnerabilidade social. A solução foi usar o espaço da principal praça da cidade vizinha de Abreu e Lima (PE), onde tinha disponível o wifi para a população. Ao entrar na praça, ficou impressionado com a presença do busto de Simón Bolívar. Neste período com tantas adversidades, o revolucionário que inspira a população venezuelana, inspirou a superação das adversidades. Foi ali, naquela praça, onde teve acesso às aulas remotas, mesmo com um celular muito antigo. Dessa forma os seus primeiros períodos foram concluídos.

Com o retorno das aulas de forma presencial a vivência no campus, não era a esperada. A precariedade das instalações percebida, a dificuldade de acesso ao próprio laboratório de pesquisa, negado inicialmente, assim como a falta de dinheiro para as passagens de ônibus e para alimentação, tornou a vivência da forma presencial muito difícil. Só com o trabalho de sensibilização da Assistência Social da Universidade, identificando a situação migratória de

⁵⁰ A observação foi dita durante uma reunião de trabalho em julho de 2023 no Setor de Migração da cidade de Igarassu.

José Martí, os acessos foram acontecendo. Hoje, é bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), tem acesso ao auxílio estudantil, acesso ao restaurante universitário do campus e ao tão esperado uso do laboratório, negado em muitas ocasiões.

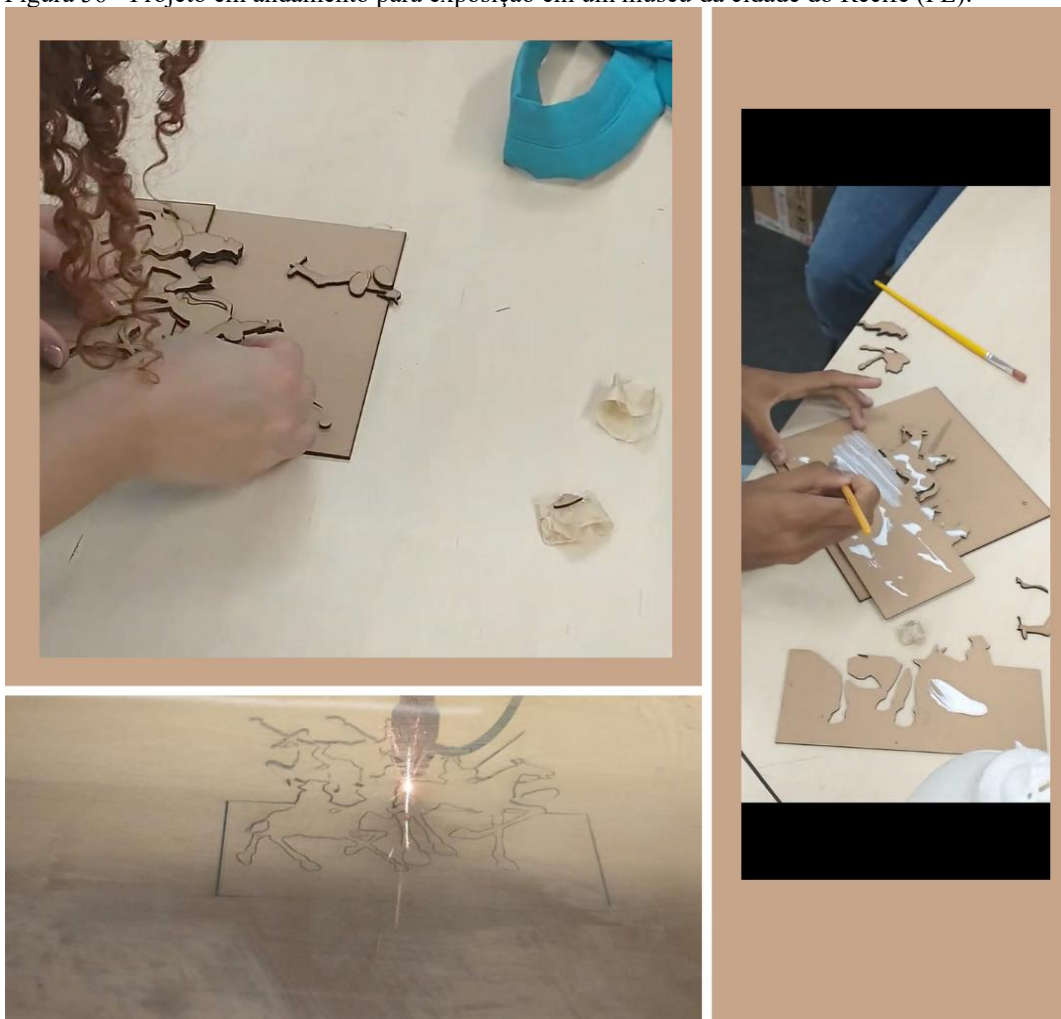
Após esse período, José Martí está envolvido em diferentes projetos do Departamento em que estuda. Atualmente está no projeto *Precious Plastic* (Figura 55) e em outro voltado para acessibilidade artística de pessoas com diferentes deficiências. Neste último, estão desenvolvendo uma exposição para que as pessoas com deficiência visual e auditiva possam ter acesso, através dos sentidos, aos trabalhos construídos (Figura 56). É neste novo ambiente acadêmico, no Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, diferente do vivenciado na Venezuela, que José Martí passa a maior parte do dia, onde além da inspiração das artes, novas formas de criar conhecimento, a partir de perspectivas diversas, subjetivas e que o incentiva a olhar para outras dimensões (Figura 57). É importante mencionar que a solidariedade dos seus professores, o ajudaram a ter uma melhor autoestima através da doação de uma prótese para seus dentes, e de óculos para conseguir finalizar sua graduação.

Figura 55 - Projeto Precious Plastic (UFPE).



Fonte: José Martí (Jul. 2024).

Figura 56 - Projeto em andamento para exposição em um museu da cidade do Recife (PE).



Fonte: José Martí (Jul. 2024).

Figura 57 - Projeto Conexões Viscerais no Centro de Artes e Comunicação da UFPE.



Fonte: José Martí (Jul. 2024).

Para José Martí, conhecimento é a porta para novos caminhos, conectando acessos possíveis e impulsionando trajetórias não imaginadas ou percebidas.

5.4. Revivendo projetos.

“Eu quero estar onde tenha mais dificuldades”.

José Martí já tinha planejado o seu processo de aposentadoria na Venezuela. Ao completar trinta anos de trabalho, ele pretendia se aposentar. “Mas, não vou ficar na cidade, vou para o interior”, para a Serra do Macaco no estado Bolívar, onde vive o povo indígena Timotocuicas. Esse era o seu projeto de vida, revisitado na Universidade Federal de Pernambuco no curso de Licenciatura em Expressão Gráfica. A experiência com o povo indígena Timotocuicas ocorreu há muitos anos. Ainda trabalhava na indústria venezuelana, mas em momentos de descanso, visitou essa comunidade duas vezes. Na primeira vez, já sabia que gostaria de trabalhar neste local, desenvolvendo projetos na área de educação. O cacique da comunidade enfatizou que faltavam professores. As crianças não tinham como estudar. José então pensou: “Eu quero estudar para ser professor nesta área”. Para o cacique, avisou: “vou comprar uma chácara aqui e vou ser professor”. Na sua segunda visita, o cacique disse: chegou o professor! O interesse também é porque eles não têm acesso a muitas coisas, enfatizou José. Para o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) deseja desenvolver um livro didático e um aplicativo sobre as dificuldades de aprendizagem na matemática nas comunidades quilombolas e indígenas. Para sentir pelo menos, uma brisa que vem da Venezuela, porque dificilmente conseguirá voltar, pensa em trabalhar com as comunidades indígenas do estado de Roraima.

O protocolo de refúgio que recebeu na entrada do Brasil ainda guarda, mas da Venezuela não trouxe nada. O significado do seu “eu continuo caminhando” na página introdutória do capítulo 2, não é no sentido do desejo de movimento para tentar outra vez a sobrevivência, mas demonstra a intenção de uma estabilidade profissional no Brasil. José Martí é socialmente vulnerável. Está inscrito no Cadúnico e hoje sobrevive através da bolsa de pesquisa para estudantes da graduação. A possível oportunidade de trabalho com comunidades indígenas ou quilombolas da fronteira do Brasil com a Venezuela, os mesmos indígenas brasileiros que o ajudaram com alimentação durante a travessia caminhando - lembrança registrada em sua cartografia - entre as cidades de Pacaraima até a de Boa Vista, é o que o motiva a sair de Igarassu. Ele carrega essa vontade de construção há muitos anos, como mencionado anteriormente. O labirinto de José Martí, neste aspecto, se desfaz. Ele sabe para onde quer ir e já conhece o caminho.



6. Lugar, movimento e refúgio.

Avenida Conde da Boa Vista (Centro do Recife/PE)

Fonte: Daniela Florêncio da Silva (2023)

6.1. O lugar como uma “prática de resistência” e complexa “constelação de trajetórias”.

As diferentes abordagens sobre “lugar” surgem nos pensamentos do geógrafo Edward Relph seguindo o caminho da história desse conceito, com sua emergência na Antiguidade, seu período de esquecimento a partir do século 17 e a retomada das suas discussões no século 20, inspirada na fenomenologia de Husserl e em uma nova compreensão do espaço, agora relativo⁵¹, através das descobertas de Einstein. A partir dos anos de 1970 e 1980, com o surgimento da Geografia Humanista, “os sentimentos, as emoções e as experiências” humanas (RELPH, 2012, p. 19) são novamente incluídos nos questionamentos geográficos. A defesa desse conceito é feita então, através de uma abordagem filosófica. As profundas mudanças nas paisagens do mundo, impulsionadas pelo capitalismo, percebidas através da significativa diminuição da diversidade dos lugares do mundo, da uniformidade espacial e da invisibilidade das camadas históricas influenciaram, também, o seu uso nas discussões geográficas.

A partir dos anos de 1990 algumas abordagens de lugar foram aprofundadas enquanto outras surgiram, indo além do olhar da Geografia Humanista, apontando, por exemplo, os traços da Geografia Crítica com o “sentido global de lugar” (RELPH, 2012, p. 21), inserido na dinâmica econômica complexa e desigual da globalização. De forma importante, o autor destaca que apesar das discordâncias em sua compreensão, parece existir um eixo central, percebido como uma “prática de resistência”, que destaca assim, a sua importância como um instrumento de debate e de uma possível mudança na “insistência neoliberal na eficiência global de ganhos que diminui a qualidade de nossas vidas, erodindo tudo que é local” (RELPH, 2012, p. 21).

À importante reflexão do autor, sobre a possível conexão nas abordagens do lugar, deve-se acrescentar um “repensar” da impermeabilidade dos limites na constituição de um conceito. A evolução das teorias na ciência, deve sempre assimilar as contribuições de cada paradigma que marcou uma época de pensamento através de um ritmo com diferentes compassos, porém contínuo e que guia a evolução do caminho teórico e da sua aplicabilidade no desenvolvimento da sociedade através de suas práticas políticas normativas.

Os aspectos de “lugar” envolvidos em discussões são abordados de forma crítica por Edward Relph, sublinhando os “princípios básicos da experiência de lugar” (2012, p. 23).

⁵¹Embora a compreensão do espaço como relativo tenha se instituído com as descobertas de Einstein, o pensamento do filósofo e matemático alemão Leibniz, no século 17, em pleno deslanchar das ideias de Newton e de seu espaço absoluto, já abordava essa visão do espaço como relativo. Isso demonstra que não há uma linearidade ou homogeneidade nas reflexões produzidas em determinadas épocas. A complexidade humana e suas diversas percepções e formas de pensar, formam linhas convergentes em meio a um cenário heterogêneo em expansão.

Embora esse conceito seja comum na linguagem do cotidiano, a complexidade marca a sua compreensão. Sua formação singular pode ser percebida através de uma reunião – pessoas e contextos –, de uma forma, da excepcionalidade do sagrado, do profundo pertencimento com raízes fincadas, mas também “portáteis” como ressalta Marie Ange Bordas (2013, p. 21), nas quais o sentimento de pertencimento se refaz ou acompanha, ou do lar, onde há uma conexão maior com o espaço. Suas feições podem ser também negativas, como acrescenta o autor, inseridas em um sentimento contaminado de exclusão da diferença ou na exploração econômica da riqueza de sua singularidade ou identidade. Para compreendê-los é preciso viver neles ou possuir um “forte sentido de lugar”, como os geógrafos (RELPH, 2012, p. 24).

O lugar e seu sentido mudam com o tempo, mas a sua essência pode ser representada pela profunda experiência de lugar vivenciada no lar, embora ela também se transforme ao longo das gerações. De acordo com as reflexões mais complexas da filosofia de Jeff Malpas, a partir do pensamento de Heidegger sobre esse conceito, “em que ser e lugar estão intrinsecamente ligados”, o lar aparece como a “proximidade do ser”, uma “conectividade com o mundo”, possuindo um sentido ontológico que se estende para além dele para que seja possível a compreensão da existência no mundo (RELPH, 2012, p. 29). Nas palavras de Edward Relph:

O lar aparece por meio de lugares específicos, ainda que também os transcenda. Está associado frequentemente ao lugar onde vivemos e crescemos, mas pode ser qualquer parte desde que esteja enraizado num lugar simultaneamente especial, familiar e significativo, levando em conta a diferenciação e a integração do ser no mundo. O lar, e na verdade todo lugar, não é delimitado por limites precisamente definidos, mas, no sentido de ser o foco de intensas experiências, ao mesmo tempo sem limites. (RELPH, 2012, p. 29)

A dificuldade em pensar na possibilidade da diminuição da experiência de lugar que o autor questiona, através das mudanças contemporâneas, como o avanço da tecnologia, talvez possa ser percebida nas diferentes e vulneráveis formas de habitar ou de lar que têm se constituído em diversas partes do mundo ao longo das últimas décadas, para os que migram em situação de refúgio ou em deslocamento interno forçado. Sua permanência, desenvolvimento e a falta de resolução política lançam relevantes questionamentos sobre essas configurações espaciais e as relações humanas então estabelecidas. Espaços como os campos de refugiados, e em alguns casos, mesmo não possuindo a palavra “campo” em seu nome, como os abrigos para pessoas migrantes e refugiadas da Venezuela, nas cidades de Boa Vista e de Pacaraima no estado de Roraima (Figuras 58, 59, 60 e 61), recebem essa classificação das Nações Unidas

(SILVA, 2016, p. 114)⁵². Nesses “lugares” desenvolve-se uma vivência repleta de incertezas e limites. O lar, visto como “a proximidade do ser” ou “conectividade do mundo”, como mencionado anteriormente, neste caso, não constitui “a integridade do ser no mundo” (MALPAS apud RELPH, 2012, p. 29).

Figura 58 - Carpas (tendas em espanhol) no Abrigo Rondon 3 em Boa Vista (RR).



Fonte: SILVA, Daniela F. (Jun. 2019).

⁵² De acordo com dados de 2023 (R4V, 2023), o Estado de Roraima possui 8 abrigos para pessoas migrantes e refugiadas venezuelanas, organizados pelo Governo Federal através da Operação Acolhida, com aproximadamente 7 mil pessoas em suas 1.800 residências temporárias de acordo com os dados do Censo de 2022 realizado também nestes abrigos (ACNUR, 2022). Durante a pesquisa de campo em Boa Vista, em junho de 2019, o abrigo Rondon 3 abrigava cerca de mil solicitantes de refúgio e migrantes forçados venezuelanos. De acordo com as informações dos militares durante a pesquisa, o processo de interiorização desses refugiados é o principal objetivo dessa Operação, para que esses abrigos não se estabeleçam e os venezuelanos possam ser inseridos em locais com melhores condições de permanência e de acolhimento, como as cidades. A situação de refúgio nesse estado tem se aprofundado, mostrando a intensa visibilidade desse fenômeno nessas cidades. Além dos abrigos da Operação Acolhida, existem atualmente 17 ocupações espontâneas na cidade de Pacaraima (RR) (OIM, 2024a) e 11 ocupações espontâneas na cidade de Boa Vista (RR) (OIM, 2024b). São espaços públicos e privados que foram ocupados por aproximadamente 2.827 pessoas migrantes e refugiadas da Venezuela nas duas cidades. Os nomes de alguns desses locais dados pela etnia indígena Warao da Venezuela, em sua língua, chamam a atenção para essas formas de “lar” provisório que se constituem no refúgio, como o do abrigo *Janokoida* (Figuras 60 e 61) em Pacaraima que significa “casa grande” e da ocupação *Ka’ubanoko* na cidade de Boa Vista que significa “meu lar”. Em janeiro de 2023, a ocupação *Ka’ubanoko* foi totalmente desocupada (ACNUR, 2023).

Figura 59 - Abrigo Rondon 3 em Boa Vista (RR).



Fonte: SILVA, Daniela F. (Jun. 2019).

Figura 60 - Pequena venda de artesanato da etnia warao no abrigo *Janokoida* em Pacaraima (RR).



Fonte: SILVA, Daniela F. (Jun. 2019).

Figura 61 - Mensagem da etnia warao no espaço de convivência do abrigo *Janokoida* em Pacaraima (RR).⁵³



Fonte: SILVA, Daniela F. (Jun. 2019).

A experiência do *in-between* (JOHNSON, 2013, p. 76) percebida em locais como o campo de refugiados pesquisado no Quênia durante o mestrado, foi observada em nuances desse espaço de fronteira, controle migratório e de emergência humanitária (Figura 62), mas vivenciada, também, em espaços urbanos utilizados como refúgio. São locais “de espera, indeterminação e sobrevivência” (SILVA, 2016, p. 41).

⁵³ Não foi permitido fazer registros fotográficos das instalações do abrigo por determinação da organização internacional que administrava esse abrigo no momento da visita em junho de 2019. Só foi possível fazer registros do artesanato.

Figura 62 - Posto de Triagem da Operação Acolhida em Pacaraima (RR).



Fonte: SILVA, Daniela F. (Jun. 2019).

O atual desafio da migração forçada no mundo, com intensos limites políticos impostos, aprofunda a vulnerabilidade do refúgio como proteção e acolhimento. Além do refúgio, muitas questões direcionadas às relações espaciais contemporâneas e aos espaços construídos a partir delas, mostram que “a experiência do lugar precisa estar continuamente lutando para ser renovada e reforçada. Como o caráter dos desafios e das tecnologias mudam, as formas de pensar lugar e habitar também precisam mudar” (HELPH, 2012, p. 31).

Para a geógrafa Doreen Massey, o conceito de lugar é um espaço de intensas e inacabadas relações espaciais. O “espaço-lugar”, em sua compreensão, é formado através da vivência e da experiência, constantes e inacabadas, de uma “variedade de meios” (MASSEY, 2008, p. 215). Como uma “constelação de trajetórias” (sociais e naturais), a autora destaca a “questão de nosso permanecer juntos” (MASSEY, 2008, p. 215) nesse espaço, visto como um produto de inter-relações abertas e em processo contínuo de construção, desde o global ao local e a sua destacada “pluralidade contemporânea” (MASSEY, 2008, p. 29).

Esse convívio e encontros repletos de multiplicidade acionam a questão política do espaço para lidar com essa eventualidade, e com a possibilidade da construção de outras vivências, através de uma geografia que reflita essas relações múltiplas reveladas no espaço. Destaca-se nessa discussão o espaço público, ressaltado pela autora pela sua constituição através de relações sociais “conflitivas e desiguais” em contínua negociação, ao invés de uma “livre e igual expressão” (MASSEY, 2008, p. 217)⁵⁴. Assim o espaço, e mais especificamente

⁵⁴ Nesse aspecto, a autora ressalta o pensamento de Rosalyn Deutsche (1996) sobre o espaço urbano, visto como um produto do conflito. Embora esses fatores, como enfatiza posteriormente a autora, não sejam característicos apenas do lugar em espaços urbanos. A “multiplicidade, antagonismos e temporalidades contrastantes são a natureza de todos os lugares” (MASSEY, 2008, p. 226).

o lugar, possui a potencialidade de uma constante construção democrática, uma negociação com as diferenças. A vivência do lugar, para a autora, não é algo delimitado pela profunda subjetividade, mas por uma prática social cotidiana e constante.

A percepção da complexidade do espaço, em seu texto, revela-se também através da compreensão da Natureza como parte constituinte dessa multiplicidade, com suas próprias trajetórias e como parte integrante do contexto de negociações do lugar. A construção da cidade de Los Angeles e sua feição atual marcada por um “acabar juntos conflitivo” e “perigoso” entre os seres humanos e os que não são humanos guiam essa abordagem (MASSEY, 2008, p. 228). Além de ampliar a compreensão do sentido do lugar, como uma vivência cotidiana, mas dinâmica e repleta de conexões-relações (local-global), a reflexão de Doreen Massey, influenciada pela visão da política de Bruno Latour⁵⁵, ressalta o desafio humano de desenvolver uma espacialidade com responsabilidade, em que o jogo das relações de poder deva estar sempre visível para que assim, exista a possibilidade de ser contestado através de uma política democrática.

O desejo de plenitude de humanidade é para o filósofo e cientista político africano Achille Mbembe, habitar o mundo de forma plena, com singularidades que permeiam o ser. Compartilhar esse espaço, conscientes de uma multiplicidade, como indica o autor, é o caminho. Nesse compartilhar surge o “lugar”. Para Mbembe, “lugar” é “a experiência de encontro com o Outro” que abre “caminhos para a conscientização de si mesmo”, e de nossa existência como um “estilhaço seminal de uma humanidade mais ampla” (2013, p. 63). Essa forma particular de Mbembe de sentir o “lugar” mostra as diferentes experiências humanas desse conceito, relacionado com a sua “inescapável parte do ser”, independente da intensidade de sua vivência (MALPAS apud RELPH, 2012, p. 29).

Não basta apenas olhar para os seres humanos em seus espaços. Cada “ser” revela uma geografia. Compreender a riqueza da diversidade humana, assim como as reconhecidas e admiradas belezas “naturais”, compõem a essencialidade da nossa experiência ou “trajetória” (MASSEY, 2008, p. 29) no espaço Terra. Esse espaço, como muito bem enfatiza Doreen Massey nas palavras de Rogério Haesbaert, é:

uma imbricação de trajetórias, sempre aberto ao inesperado, ao acaso, e que, enquanto *locus* da coexistência contemporânea - ou da “coetaneidade”, como ela propõe -, é marcado pela multiplicidade, apesar de todas as tentativas e os discursos vãos da homogeneização e da padronização generalizadas. (2008, p. 9, grifo da autora)

⁵⁵ A visão de política de Latour, assim compreendida pela autora, abrange perspectivas distintas, mas que se complementam, com a inserção do olhar para o espaço e para a Natureza, observando essas complexas partes constituintes e suas negociações existentes.

Além da complexidade da constituição do lugar, ressaltada por Doreen Massey, como espaços de “encontro” e da possibilidade do “convívio da multiplicidade”, ou das suas diferentes abordagens refletidas por Edward Relph, pensar o espaço do “lugar” nos direciona para uma reflexão das continuidades espaciais, das pontes construídas entre as fraturas espaciais humanas, sejam elas constituídas pelas discordâncias políticas ou por relações espaciais ausentes. Essa rica constituição entrelaçada de pensamentos restaura as diferentes formas de vivenciar o espaço, as singularidades. Qual a sua relevância então, para o espaço-mundo? O pensamento de Claude Lévi-Strauss destacado por Ilana Goldstein⁵⁶ orienta essa questão: “A evolução da humanidade depende do número de culturas que compõem o mosaico humano”. Quanto mais rico esse mosaico for, mais chances a humanidade terá para sobreviver.

Que nossas inescapáveis formas de “ser” no mundo, constituintes do mosaico humano e por isso geográfico da Terra, possam direcionar, através da possibilidade de uma plenitude, novos rumos de nossa existência no mundo. A experiência do lugar nos inspira a essa construção, seja através de uma reflexão fenomenológica abordada por Edward Relph ou do “desafio da possibilidade” de viver juntos de Doreen Massey (2008, p. 215). Embora os pensamentos dos autores pareçam opostos, a sensibilidade deles complementa e ilumina os caminhos do lugar...

6.2. A importância do movimento nas experiências de refúgio acompanhadas na Região Metropolitana do Recife (PE) e sua relação com o lugar.

Refletir sobre as experiências de refúgio a partir da perspectiva fenomenológica, envolve também as percepções dos significados espaciais, através da leitura dessas relações então constituídas pelas pessoas pesquisadas. Do conceito de lugar, destacado nas páginas anteriores, surge um aspecto importante nesta análise: como são expressas as suas geografias (DARDEL, 2015), a relação humana intrínseca com o espaço do planeta Terra, durante a experiência do refúgio na qual o movimento é necessário?

Através de uma análise da relação entre espaço, tempo e lugar, o geógrafo Yi-Fu Tuan (2011) observa que na experiência humana, não tem como separar estes três fatores, ressaltando a sua relação inerente. Para o autor, o espaço é percebido como um lugar, “à medida que adquire

⁵⁶ Pensamento de Claude Lévi-Strauss exposto pela Profa. Dra Ilana Goldstein da UNIFESP no documentário intitulado **Diálogos entre saberes e sistemas de cura** de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L-UUJAjN-Ss>. Acesso em: 03 ago. 2019.

definição e significado” (TUAN, 1983, p. 151), mas ressalta a necessidade de uma pausa no movimento para se desenvolver a experiência do lugar. Para o autor:

o movimento exige tempo e ocorre no espaço: eles exigem um campo espaço-temporal. Lugar e movimento, no entanto, são antitéticos. Lugar é uma parada ou pausa no movimento - a pausa que permite a localização para tornar o lugar o centro de significados que organiza o espaço do entorno. Na imigração de um país para outro, o movimento é linear, a estrutura temporal é histórica. Dois lugares - casa e meta - estão firmemente estabelecidos na mente dos imigrantes como os dois pontos da jornada. (TUAN, 2011, p. 12)

O movimento e o lugar ganham feições de relação, de acordo com o autor, apenas quando o tempo é vivenciado por caminhos regulares com poucas variações e de constante familiaridade, como os movimentos cíclicos desenvolvidos pelos nômades (TUAN, 2011). Mas, quanto tempo indaga o autor?

Podemos dizer, geralmente, que quanto mais tempo permaneceremos em uma localidade melhor a conheceremos e mais profundamente significativa se tornará para nós, ainda que essa seja apenas uma verdade grosseira. Conhecer subconscientemente com os sentidos passivos do corpo - particularmente o olfato e o tato - exige longo tempo de permanência. Conhecer com a visão e a mente exige muito menos tempo. (...). Talvez as pequenas trocas com o ambiente, realizadas sem cerimônia ao longo da vida, criem a mais profunda ligação com a localidade (SANTMYER, 1962 apud TUAN, 2011, p. 14).

As reflexões das autoras Heaven Crawley e Katharine Jones (2020) ressaltadas no segundo capítulo (Item 2.2), sobre a importância de ouvir as narrativas e da subjetividade nas relações espaciais então constituídas, nos distintos processos migratórios pesquisados, em locais considerados como apenas de trânsito com a intenção de outros destinos, reforça a necessidade de um aprofundamento empírico. A migração, independente de como ela se realiza, é um processo complexo, no qual a trajetória realizada deve ser considerada em sua definição. O constante movimento contestado pelas autoras, não se aplica à realidade das experiências de refúgio pesquisadas nesta tese, assim como nas experiências acompanhadas de migração forçada venezuelana e afegã na Região Metropolitana do Recife, no espaço da Casa de Direitos. O movimento é sempre desenvolvido como uma prática de sobrevivência e de vida, ao buscar aspectos mais significativos (sobrevivência, proteção e vida) nas cidades escolhidas ou simplesmente direcionadas. Ele ocorre de forma planejada ou não, e faz parte das experiências de refúgio acompanhadas.

Os dois venezuelanos que participaram da pesquisa, não pretendem ficar. Já estão à procura de outras cidades no Brasil, por motivos distintos, mas convergentes no sentido da busca de outras relações espaciais e humanas. Falta algo, seja um emprego na área da nova qualificação profissional desenvolvida, revivendo um projeto desejado na Venezuela, mas não

desenvolvido, ou a procura de uma inserção em espaços acadêmicos não mais vivenciados no país de acolhimento (Brasil).

A “prática de resistência” (RELPH, 2012, p. 21), as raízes “portáteis” (BORDAS, 2013, p. 21) e o desenvolvimento de uma consciência maior sobre a humanidade através da “experiência de encontro com o Outro” (MBEMBE, 2013, p. 63), ressaltados anteriormente neste capítulo, expressa de forma mais aproximada a experiência de lugar vivenciada pelas pessoas refugiadas entrevistadas. O desfoque proposital na fotografia de abertura deste capítulo 6, representa o porvir repleto de incertezas nos caminhos do refúgio que continuam seguindo, mas com um “olhar atento” (TISHMAN, 2024) para o chão em que pisam agora, nos espaços urbanos da Região Metropolitana do Recife (PE).

Considerações Finais

“Viver entre parênteses enquanto tudo passa.” (Marvin, 2020)⁵⁷

Aprofundar o conhecimento filosófico ajuda no aprimoramento do conhecimento científico, seja na busca pela precisão do conceito ou de sua terminologia, ampliando com isso a interdisciplinaridade (SPOSITO, 2020). No ano de 2005, o refúgio visto como fenômeno durante o trabalho de conclusão de curso para a graduação em Geografia não tinha a perspectiva da sua compreensão a partir da subjetividade dessas experiências, mas sim da dinâmica territorial do cenário de deslocamento forçado do Sudão, na África Oriental, pela impossibilidade da pesquisa de campo, assim como aconteceu no mestrado em 2016. As distâncias eram o desafio, assim como o cenário caótico de guerra civil no Sudão e de terrorismo internacional no Quênia. No doutorado os desafios não foram desfeitos, mesmo com um planejamento de pesquisa no Brasil. Entre eles, o maior foi a compreensão e a aplicabilidade do método fenomenológico a partir do seu fundador, Edmund Husserl. No mestrado, o pensamento filosófico de autores como Michel Foucault e Giorgio Agamben foram essenciais para a compreensão da formação de um campo de refugiados, mas a abordagem da filosofia foi complementar, e não estrutural.

Para a tese, a Filosofia constitui a base do pensamento, direcionando o olhar da pesquisadora, a forma de pesquisar (atitude fenomenológica) e a escrita, todos voltados para o mundo/espço da subjetividade. Mesmo como desafio, ela tem se tornado cada vez mais, o fio condutor, expressão muito utilizada por Husserl, dos novos horizontes de pesquisa, como uma incessante busca pela compreensão das realidades do refúgio, por ser uma experiência com relações espaciais especificamente subjetivas. Essa atitude fenomenológica, como destaca a pesquisadora Scheila Thomé, coloca o mundo existente entre parênteses e se volta a um fenômeno de sua existência, algo para qual a consciência se direciona, como um retorno ao campo da subjetividade (O QUE É TUDO ISSO, 2019). Esses desafios foram também encontrados nos limites que precisam ser transpassados no âmbito da ciência com relação ao estudo das subjetividades, como destaca o neurologista António Damásio:

⁵⁷ Depoimento do venezuelano Marvin Soto durante pesquisa realizada para a construção do documentário *Así Pasó* do Núcleo de Estudos Migra do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. Nessa parte da entrevista, Marvin comentou sobre a decisão de migrar e de começar uma nova vida no Brasil. Apesar de ter sido bem recebido no Brasil e do apoio para recomeçar na cidade de Maceió (AL), a saudade da casa, da família que ficou e do seu país, o impedem de se sentir em casa. Para Marvin, é como se sua vida estivesse entre parênteses, com muitas indefinições. O acompanhamento da história de Marvin é feito até hoje, através do trabalho na Cáritas Brasileira Regional NE2. Marvin ainda tem muitas dificuldades de adaptação na vida profissional. A entrevista foi realizada em novembro de 2020 de forma online pelo Google Meet. O documentário está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VN52Uoe5m6A>.

Uma das grandes barreiras é que a ciência, com a sua natural preocupação com a objetividade, teve enorme dificuldade em aceitar coisas que parecem extremamente subjetivas e confusas, com muitas variações, que é difícil de agarrar no sentido mais objetivo do termo. O fato de que os sentimentos são naturalmente subjetivos. (...) O que eu quero é dar objetividade científica àquilo que é uma coisa subjetiva, que é, no fundo, a definição da consciência. (DAMÁSIO, 2017)

O olhar atento para a gravidade da espacialização das marcas do cenário de emergência humanitária de deslocamentos forçados no continente africano no ano de 2016, durante o mestrado, fez com que essa espacialização fosse pesquisada no continente americano. Nesta época, este cenário não era muito visível e tinha poucos registros espaciais desse deslocamento forçado (Anexo 4). De uma forma muito rápida, houve nos últimos anos um aumento deste cenário, com o estabelecimento de uma paisagem de emergências humanitárias mais visível, principalmente influenciado pelas migrações forçadas venezuelanas. As décadas que se passaram sem resolução destes cenários no continente africano e, principalmente, os mais de 70 anos da situação palestina no Oriente Médio, desenvolvem questionamentos sobre o futuro desta situação no continente americano também (Anexo 5). O movimento constante em busca de refúgio ou de proteção, no caso dos deslocados internos, como uma “errância sempre em busca de um lugar mais seguro” (AGIER, 2015 apud SILVA, 2016, p. 125), vagando entre a rede campos de refugiados do continente africano (Anexo 5), mesmo com suas especificidades distintas deste continente, lança preocupações sobre esses desenvolvimentos na América Latina.

A profundidade deste fenômeno entrelaça-se com as complexidades de suas causas, muitas vezes relacionadas à geopolítica mundial, com raízes profundas alimentadas por conflitos, guerras civis e grave e generalizada violação de direitos humanos.

Durante a construção do pré-projeto da tese, o conceito de lugar tinha centralidade no pensamento e no direcionamento das reflexões que deveriam ser desenvolvidas, enfatizando a busca pela possibilidade da construção de uma espacialidade das pessoas refugiadas pesquisadas a partir de traços de uma afetividade construída nos espaços urbanos brasileiros onde encontraram refúgio e resolveram se estabelecer. Esse aspecto ganhou novos contornos, principalmente, a partir da convivência com a migração venezuelana, observando que mesmo após um acolhimento e estabelecimento em uma cidade, uma parte significativa desta população continuava o movimento. Outras nacionalidades, também observadas, utilizavam este recurso, embora a representatividade delas fosse bem menor nesta observação. A construção do pensamento geográfico em relação às experiências de refúgio acompanhadas e entrevistadas foi influenciada, principalmente, pela percepção do desenvolvimento, pelos

entrevistados, de um pensamento do movimento, através de suas constantes travessias e fronteiras cotidianas vivas. Para a pesquisadora, o movimento durante a pesquisa tornou-se o oxigênio para as reflexões e para as observações, principalmente, por causa do período vivenciado da Pandemia na pesquisa, acompanhando os traços da mobilidade dos venezuelanos no Brasil, desde os encontros sem planejamento nos espaços dos aeroportos de Boa Vista (RR), com suas filas solidárias para esta população e seus embarques, e de Guarulhos (SP), e seus momentos de chegada na fronteira do Brasil ou de trânsito em Boa Vista em *hostels* da cidade ou nos abrigos na Operação Acolhida, onde a permanência muitas vezes era maior. Observações que só foram possíveis pela dinâmica da migração forçada venezuelana no Brasil.

Transpassar limites e ressignificar espaços foi pensado inicialmente para uma abordagem com diferentes nacionalidades, pela possibilidade de uma maior complexidade de experiências. Mas, uma complexidade veio também através dos diferentes contextos de deslocamento forçado dos venezuelanos. A dificuldade de classificação entre refúgio e residência é uma linha muito tênue quando se observa o inciso III da Lei do refúgio do Brasil de nº 9474 de julho de 1997, referente ao conceito de refugiado que ressalta a grave e generalizada violação de direitos humanos como fator de reconhecimento da condição de refugiado. Esse item da legislação interna aparece de forma relevante nos processos migratórios venezuelanos. Esta reflexão foi delineada através da observação durante as atividades profissionais exercidas no espaço da Casa de Direitos do Recife durante os atendimentos de pessoas solicitantes de refúgio de outras nacionalidades como a afegã, cubana, russa e egípcia. No decorrer dessa experiência de dois anos (desde julho de 2022) como profissional e inicialmente como voluntária (entre o ano de 2021 e maio de 2022) no Programa de Migração e Refúgio da Cáritas Brasileira Regional NE2 em nenhum dos atendimentos foi presenciado o *status* de refúgio reconhecido.

O estatuto do refúgio existe para lembrar ao mundo a importância não só da proteção humana, assim como a necessidade de criar novos instrumentos jurídicos de igual força constitutiva para as pessoas que se deslocam de maneira forçada, dentro ou fora de seus países, mas com realidades distintas dos bem fundados temores de perseguição: questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a grupo social ou opinião política. Os Instrumentos Regionais de ampliação na definição de refugiados já deram um passo neste caminho, ampliando a perspectiva de proteção com base nas especificidades do cenário de migração forçada do continente africano em 1969 e com a Declaração de Cartagena em 1984 na América Latina, tendo essa última inspirado a Lei de Refúgio do Brasil, com o acréscimo da grave e generalizada violação de direitos humanos. A pesquisa não identificou através dos relatos e das

experiências dos solicitantes de refúgio venezuelanos novos parâmetros destas realidades que deveriam ser considerados para ampliar a definição de Refugiado adotada pela Lei de Refúgio nº 9474 de 1997 do Brasil, mas identificou de forma significativa e preocupante, a mudança de suas solicitações de refúgio para residência. Para quem vivencia o refúgio mentalmente, seja através de recordações recorrentes ou do sentimento de perseguição dentro do solo brasileiro, a alteração de sua identificação migratória não deveria ser considerada.

Como uma reflexão final das duas experiências de refúgio venezuelanas acompanhadas, foi observada uma relação espacial marcada profundamente, apesar de fatores positivos ocorridos durante o acolhimento nas cidades do Recife e de Igarassu, pelas experiências de deslocamento forçado (tanto internamente na Venezuela quanto no Brasil). O sentimento de que ainda continua caminhando do entrevistado José Martí e de Apatridia, assim como da necessidade de um novo deslocamento de Rafael de Nogales Mendez, mostram que uma constituição significativa, tanto de percepção de vínculos com lugares ou territórios, quanto de afetividade espacial, é realizada a partir do chão do refúgio, mesmo que os dois entrevistados, não o possuam mais quando nos referimos à regularização migratória no Brasil, o Registro Nacional Migratório. O próprio processo de alteração em sua regularização migratória de solicitantes de refúgio para residência, também contribuem para as incertezas desse chão.

O trauma do refúgio, compreendido nesta pesquisa como algo formado e vivenciado no país de origem, permanece durante os caminhos percorridos nas cidades de acolhimento. Suas percepções espaciais e temporais foram alteradas. Não há mais certezas ou planejamentos a longo prazo. Essa é a face da experiência do refúgio. Mas, a luta pela sobrevivência nesse processo ganha contornos significativos quando nas cidades de acolhimento, os atos cotidianos de resistência dos entrevistados, tecem novas formas de pensar sobre essa experiência humana.

A estrutura de acolhimento em processo de construção, inclusive sem a existência de políticas públicas que poderiam não só orientar os fluxos gestores, assim como solidificar as bases de atuação, torna mais difícil o processo de integração social. Neste espaço democrático de construção de diretrizes públicas, a cooperação entre os diferentes atores que atuam nesta temática deve ser sempre ressaltada, dando ênfase e incentivo às atuações das pessoas refugiadas, assim como às diferentes populações migrantes, tendo na interculturalidade, um importante instrumento norteador.

A importância de sua constituição como fenômeno, é a urgência da reconstrução política de cooperação e ordenamento jurídico global. O refúgio e outros processos migratórios, hoje, apontam o caminho desses novos direcionamentos, com a inserção, por exemplo, cada vez mais ativa da “sociedade civil global” (ROCHA; MOREIRA, 2010, p. 28) nos processos de decisão política. O próprio processo de construção teórica de categorias

relacionadas ao tema do refúgio, por pesquisadores, são “atos políticos”, pois a observação da sociedade também contribui para a construção de sua mudança (ALLEN et al, 2018, p. 218). Nesse espaço de resoluções, em que um reequilíbrio de poder é cada vez mais necessário, existe a urgência de uma presença essencial: a dos refugiados. (SILVA, 2021b, p. 369)

As cidades são espaços importantes para o processo de integração social das pessoas refugiadas, mas como observado ao longo da história de formação desses espaços ao redor do mundo, as pessoas refugiadas e migrantes internacionais também tiveram relevância nas suas construções e em seu desenvolvimento, enriquecendo sua estrutura através da potencialidade da diversidade humana. Na cidade de São Paulo, seus recantos visíveis de memória migratória de séculos atrás, entrelaçam-se com os traços de novas realidades migratórias nos últimos anos. Outro exemplo muito significativo neste aspecto foi mencionado na pesquisa do mestrado em 2016, através da cidade de Útica, localizada no nordeste dos Estados Unidos. Com a chegada de pessoas refugiadas de 30 nacionalidades nesta cidade nas últimas décadas, houve uma dinamização da sua economia estagnada, além do aumento significativo em sua taxa de natalidade (ACNUR, 2005). Atualmente, essa diversidade é cada vez mais visível em seu cotidiano urbano e se tornou um exemplo dos aspectos positivos que a integração social desenvolve (HARTMAN, 2022).

Neste processo do doutorado, faltou fôlego para escavar e achar os incrustados das memórias urbanas deixadas nas cidades do Recife e de Igarassu, em suas camadas históricas sobrepostas ao longo dos séculos ou nas atuais superfícies destes espaços, construídas por antigos ou novos refúgios. Escavar no sentido do olhar mais incisivo do pesquisador, também se torna um convite para buscar as “suposições fundamentais sobre as relações de poder e os processos que produzem o urbano”, muitas vezes “escondidas”, encravadas em “visualizações, seja através da fotografia, cartografia ou de qualquer outra visualização do urbano” (BRENNER, 2018 apud SILVA, 2021, p. 133 e 134).

É preciso emergir...

Durante a pesquisa não foi possível permanecer na imersão fenomenológica. Os sentidos foram suspensos e alterados, não encontrando o caminho para os entrelaçamentos. Fatores externos profundos tiraram o fôlego e a inspiração. Após esse longo mergulho acadêmico (Graduação, Mestrado e Doutorado) nas realidades do refúgio ao redor do mundo, é necessário voltar à superfície para respirar e, assim, aprofundar a experiência da fenomenologia de Edmund Husserl.

Referências

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Grupo de venezuelanas se organiza para ter acesso à terra e à moradia em Roraima**. 2023. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2023/06/23/grupo-de-venezuelanas-se-organiza-para-ter-acesso-a-terra-e-a-moradia-em-roraima/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

_____. **Censo 2022 alcança 1.800 residências temporárias nos abrigos da Operação Acolhida em Roraima**. 2022. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/08/13/censo-2022-alcanca-1-800-residencias-temporarias-nos-abrigos-da-operacao-acolhida-emroraima/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

_____. La ciudad que ama a los refugiados. **Revista Refugiados**, n. 126, 2005. Disponível em: http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/Publicaciones/2006/3691#_ga=1.99087134.1474636249.1460508878. Acesso em: 15 mar. 2015.

AGIER, Michel. **Migrações, descentramento e cosmopolitismo**: uma antropologia das fronteiras. Trad. Bruno César Cavalcanti, Maria Stela Torres B. Lameira, Rachel Rocha de A. Barros. São Paulo: Ed. Unesp; Alagoas: Edufal, 2015.

_____. **Antropologia da Cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

_____. **On the margins of the world**: the refugee experience today. Malden: Polity Press, 2008.

ALBUQUERQUE, Marcos Antonio Gomes de Mattos; LUCENA, Velela Christiana. Rua Barão Rodrigues Mendes, Recife, PE: memórias de seu trajeto do século XVII ao XXI. **Revista de Arqueologia da Fundação Paranã-buc**, v. 1, n. 8, p. 3-26, 2023. Disponível em: <https://fundacaoparanabuc.org.br/edicaoAnterior.php?edicao=MjE=>. Acesso em: 10 jul. 2024.

ALLEN, Willian et al. Who Counts in Crises? The New Geopolitics of International Migration and Refugee Governance. **Geopolitics**, v. 23, n. 1, p. 217-243, 2018.

BARNES, Anne Evans. Realizing protection space for Iraqi refugees: UNHCR in Syria, Jordan and Lebanon. **New Issues in Refugees Research - United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR)**, n. 167, 2009. Disponível em: <https://www.unhcr.org/sites/default/files/legacy-pdf/4981d3ab2.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BARROSO, Gabriel Lago de Souza. Husserl e a Descoberta da Terra: Prolegômenos para uma Arqueologia do Sentido. **Ekstasis: Revista De Hermenêutica E Fenomenologia**, v. 11, n. 1, p. 198–241, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/Ekstasis/article/view/63916>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BENEZER, Gadi BenEzer; ZETTER, Roger. Searching for Directions: conceptual and methodological challenges in researching refugee journeys. **Journal of Refugee Studies**, v. 28, n. 3, p. 297-318, 2015. Disponível em: <https://academic.oup.com/jrs/article-abstract/28/3/297/1907414>. Acesso em: 5 mar. 2020.

BERQUE, Augustin. **Écoumène**: introduction à l'étude des milieux humains. Paris: Belin,

2016.

BOHR, Niels. **Física atômica e conhecimento humano**: ensaios 1932-1957. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2012.

BOOCHANI, Behrouz. **No friend but the mountains**: the true story of na illegally imprisoned refugee. Trad. Omid Tofighian. Sydney: Picador, 2018.

BORDAS, Marie Ange. **Geografias em Movimento**. São Paulo: Edições Sesc, n. 9, 2013.

BRASIL - MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Secretaria de Assuntos Legislativos. **Migrantes, apátridas e refugiados**: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Assuntos Legislativos: Ipea, 2015.

BRENNER, Neil. Observatório das Metrópoles entrevista: Neil Brenner. 05/12/2018. **Observatório das Metrópoles**. Disponível em: observatoriodasmetrolopes.net.br/wp/entrevista-com-neil-brenner-urbanizacao-planetaria-teoria-critica-urbana-e-as-redes-de-pesquisa/. Acesso em: 20 abr. 2019.

CÁRITAS BRASILEIRA. **Política Nacional para Atuação com Migrantes e Refugiados da Cáritas Brasileira**. Brasília: Cáritas Brasileira, 2021.

CHRISTOV, Luiza. Prefácio. In: A Casa Tombada (Org.). **Abrigar a impermanência**: chão e telhado para o estudo e a pesquisa. São Paulo: Diálogos Embalados, 2023, p. 7-20.

CHUOL, Bigoa. **What is Home?** 2019. 2:47 min, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BRh4vBUjW8Y>. Acesso em: 9 dez. 2019.

CIMI - CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Dossiê Terra Indígena Maratara Kaetés Povo Indígena Karaxuwanassu**. Recife, 2023. Disponível em: <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2023/01/DOSSIE-KARAXUWANASSU.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.

CORRÊA, Lobato Roberto. **Caminhos paralelos e entrecruzados**. São Paulo: Unesp, 2018.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 219-237.

CRAWLEY, Heaven; JONES, Katharine. Beyond here and there: (re)conceptualising migrant journeys and the 'in-between'. **Journal of Ethnic and Migration Studies**. v. 47, n. 14, p. 3226-3242, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/1369183X.2020.1804190?needAccess=true>. Acesso em: 15 mar. 2020.

DAMÁSIO. António. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. 2. ed. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. 3. ed. Trad. Dora Vicente, Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. Quando me perguntam qual é o maior cientista de sempre respondo: na minha área, é Shakespeare. [5 de novembro, 2017]. Lisboa: **Público**. Entrevista concedida a Rui Gaudêncio e Isabel Lucas. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/11/05/ciencia/entrevista/antonio-damasio-1791116>. Acesso em: 25 out. 2023.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DERDYK, Edith. **Caminhada como método para arte e educação**. In: A Casa Tombada (Org.). **Abrigar a impermanência**: chão e telhado para o estudo e a pesquisa. São Paulo: Diálogos Embalados, 2023, p. 79-97.

EARLY, Lucy. **City residents and urban refugees**: from shared living to shared futures. Global Compact of Refugees, 2020. Disponível em: <https://globalcompactrefugees.org/news-stories/city-residents-and-urban-refugees-shared-living-shared-futures>. Acesso em: 20 nov. 2023.

EHRKAMP, Patricia. Geographies of migration I: Refugees. **Progress in Human Geography**. v. 41, n. 6, p. 813-822, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0309132516663061>. Acesso em: 5 mar. 2020.

EPELBOIM, Solange. Identidade judaica: formação, manutenção e possível modificação à luz da Psicologia Social. **Psico-USF**, v. 9, n. 1, p. 87-97, Jan./Jun, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/3NpbwyknkydnbSTWszBvgzw/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 4 jul. 2024.

ESBELL, Jaider. Além da visualidade. [Março, 2018]. **Usina**. Disponível em: <https://revista.usina.com/2018/03/16/alem-da-visualidade-entrevista-com-jaider-esbell/>. Acesso em: 20 en jan. 2024.

GIACONI, Catia et al. Dar corpo à didática: diálogos internacionais. **Rev. CEFAC**. Campinas, v. 16, n. 1, p. 336-345, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/LVgbxTKr4S8zxH656XLZNGj/?lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2024.

GIRARDELLO, Gilka. Das lendas de cidades perdidas à escuta de histórias (quase) esquecidas. In: TIERNO, Giuliano; ERDTMANN, Liensenfeld Leticia (Orgs.). **Narra-te Cidade**: pensamentos sobre a arte de contar histórias hoje. São Paulo: A Casa Tombada, 2017. p. 253-261.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOTO, Tommy Akira. Fenomenologia, mundo-da-vida e crise das ciências: a necessidade de uma geografia fenomenológica. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 33-48, 17 nov. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12863>. Acesso em: 05 jun. 2024.

GREEN, Brian. **O Tecido do Cosmo**: o espaço, o tempo e a textura da realidade. Trad. José Viegas Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GUILLEN, Isabel. Pátio do Terço. **Blog Memoria da Escravidão e da Cultura Negra em Pernambuco**. 2017. Disponível em: <https://memoriaescravidaope.wordpress.com/2017/09/18/patio-do-terco/>. Acesso em: 28 nov. 2019.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Viver no Limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARTMAN, Susan. How refugees transformed a dying rust belt town. **The New York Times**, 3 jun. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2022/06/03/realestate/utica-burma-refugees.html>. Acesso em: 12 nov 2023.

HEISENBERG, Werner. **A parte e o todo: encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2011.

HERNANDEZ, Brainerd Miguel Mendoza. **Obrigado, Brasil: carta de um migrante**. São Paulo: UICLAP, 2024.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas: uma introdução à Fenomenologia**. Trad. Fábio Mascarenhas Nolasco. São Paulo: Edipro, 2019.

_____. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Trad. Urbano Zilles. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

_____. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia fenomenológica: introdução geral à Fenomenologia pura**. Trad. Márcio Susuki. Aparecida: Ideias & Letras, 2006a.

_____. **La Tierra no se mueve**. Trad. Agustín Serrano de Haro. 2. ed. Madrid: Editorial Complutense, 2006b.

INGOLD, Tim. Correspondences. In: INGOLD, Tim (Org.). **Knowing from the Inside**. Aberdeen: Editora da Universidade de Aberdeen, 2017. Disponível em: <https://knowingfromtheinside.org/files/correspondences.pdf>. Acesso em: 8 set. 2020.

JOHNSON, Heather L. The Other Side of the Fence: reconceptualizing the “camp” and migration zones at the borders of Spain. **International Political Sociology**, v. 7, n. 1, 2013, p. 75-91. Disponível em: <https://academic.oup.com/ips/article-abstract/7/1/75/1825789>. Acesso em: 24 jan. 2015.

KAUFMAN, Tânia Neumann. Da Península Ibérica para Pernambuco... Eles vieram para ficar. In: LEWIN, Helena, (Org.). In: **Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p. 9-20. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/583jd/pdf/lewin-9788579820182-04.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2024.

KIRSCHBAUM, Saul; WALDMAN, Berta. O teatro ídiche no Brasil: algumas considerações. **Cadernos De Língua e Literatura Hebraica**, n. 17, 2019, p. 14-26. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cllh/article/view/178527>. Acesso em: 24 jul. 2024.

KNOWLES, Caroline. **Nas trilhas de um chinelo: uma jornada pelas vias secundárias da globalização**. Trad. Angelo Martins Jr., Júlio Davies. São Paulo: Annablume, 2017.

KRENAK, Ailton. **Conversa com Bial**. 2022a. Youtube, 21 de maio de 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZHK_1iwt0gs. Acesso em: 29 abr. 2022.

_____. **Ailton Krenak em “Inspira”**. 2022b. 7 min, son., color. Prosa Press. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vigvZbI_0Jg. Acesso em: 20 dez. 2022.

_____. **Radicalmente vivos**. 2020. Youtube, 18 de março de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4NLcCm9bGrs&t=2987s>. Acesso em: 05 jun. 2023.

KWEKA, Opportuna Leo. **Rethinking the African Refugees Movements and Caring Practices in the Post Structural Adjustment Program Era**. University of Dar es Salaam Research Repository, 2007. Disponível em: <http://repository.udsm.ac.tz:8080/xmlui/handle/20.500.11810/4149?show=full>. Acesso em: 05 mai. 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LARSEN, Kjellmo Henrik; GORDON, Eleanor. Criminalising the Right to Seek Asylum. **Border Criminologies**, University of Oxford, 29 jun. 2021. Disponível em: <https://blogs.law.ox.ac.uk/research-subject-groups/centre-criminology/centreborder-criminologies/blog/2021/06/criminalising>. Acesso em: 8 ago. 2021.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2016.

LUDERMIR, Rosa Bernarda. **Um Lugar judeu no Recife: a influência de elementos culturais no processo de apropriação do espaço urbano do bairro da Boa Vista pela imigração judaica na primeira metade do século XX**. 2005. 233 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LYYTINEN, Eveliina. Informal places of protection: congolese refugees communities of trust in Kampala (Uganda). **Journal of Ethnic and Migration Studies**. v. 43, n. 6, p. 991-1008, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1369183X.2016.1207506>. Acesso em: 21 mar. 2020.

_____. Refugees Conceptualizations of Protection Space: geographical scales of urban protection and host-refugee relations. **Refugee Survey Quarterly**, v. 34, n. 2, p. 45-77, 2015. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/48503249>. Acesso em: 21 mar. 2020.

MACHADO, Lia Osório. **Fronteiras e limites: o nacional e o internacional na perspectiva geográfica**. 2022. 83 min, son., color. Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Jzci7kOUGw&t=3878s>. Acesso em: 20 jun. 2024.

_____. Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, nº 8, p. 7-23, jan./jun., 2000.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço. Uma nova Política da Espacialidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.

MBEMBE, Achille. The Great Riddance. **Mail&Guardian**, Johannesburg, 22 jun. 2018a. Disponível em: <https://mg.co.za/article/2018-06-22-00-the-great-riddance/#.WyyKncoUmfo.facebook>. Acesso em: 02 jul. 2018.

_____. África é a última fronteira do capitalismo: depoimento. [9 de dezembro, 2018b]. Lisboa: **Público**. Entrevista concedida a Miguel Manso e António Guerreiro. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/12/09/mundo/noticia/africa-ultima-fronteira-capitalismo1853532>. Acesso em: 4 mai. 2019.

_____. Existe um único mundo apenas. In: BORDAS, Marie Ange (Org.). **Geografias em Movimento**. São Paulo: Edições Sesc, n. 9, 2013, p. 43-65.

MEKDJIAN, Sarah; SZARY, Anne-Laure Amilhat. **Cartographies Traverses, des espaces où l'on ne finit jamais d'arriver**. Universidade de Grenoble, 2015. Disponível em: <<http://visionscarto.net/cartographies-traverses>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MIGNOLO, Walter. Geopolitics of sensing and knowing: on (de)coloniality, border thinking and epistemic disobedience. **Confero**, v. 1, n. 1, p. 129-150, 2013. Disponível em: <https://confero.ep.liu.se/article/view/3593>. Acesso em: 20 ago. 2017.

MIRANDA, Evaristo de. **A Geografia da Pele: um brasileiro imerso na África profunda**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MISSAGGIA, Juliana. O Conceito Husserliano de Corpo: sua dualidade e funções nas experiências perceptivas. **Problemata**, v. 8, n. 3, p. 196-208, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/33484>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MOULIN, C. **Protection and vulnerability in urban contexts: the case of refugees in Rio de Janeiro**. Humanitarian Action in Situations Other than War (HASOW), 2013. Disponível em: <http://www.urban-response.org/resource/8703>. Acesso em: 09 mar. 2017.

OIM - Organização Internacional para Migrações. **População Venezuelana Refugiada e Migrante fora de abrigos em Pacaraima**. 2024a. Disponível em: https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/2024-02/informe_populacao-venezuelana-refugiada-emigrante-fora-de-abrigos-pacaraima_jan24.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

_____. **População Venezuelana Refugiada e Migrante fora de abrigos em Boa Vista**. 2024b. Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/2024-04>

/informe_populacao-venezuelana-refugiada-emigrante-fora-de-abrigos_boavista_mar24.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

O QUE É TUDO ISSO: Edmund Husserl por Scheila Thomé. Entrevistada: Scheila Thomé. [S.l.]: LUMINÁ, 11 dez. 2019. **Podcast**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/luminapodcasts/site/episodio/ep-006-edmund-husserl-por-scheila-thome>. Acesso em: 08 nov. 2023.

PAIK, Naomi A. Create a different language: Behrouz Boochani & Omid Tofighian. **Public Books**, 14 apr. 2021. Disponível em: <https://www.publicbooks.org/create-a-different-language-behrouz-boochani-omid-tofighian/?fbclid=IwAR08ODXjRfUI8oLJ-5tPPLa1trrkWbXLMchh mwQWmRQ4V0y7tfH MVjSDFdQ>. Acesso em: 15 ago. 2021.

PARAÍSO, Rostand. **Charme e magia dos antigos hotéis e pensões recifenses**. Recife: Bagaço, 2003.

PERNAMBUCO. **Decreto 53.491, de 31 de agosto de 2022**. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/pe/decreto-n-53491-2022-pernambuco-institui-o-comite-estadual-de-politicaspublicas-para-promocao-dos-direitos-dos-migrantes-refugiados-e-apatridas-no-estado--de-pernambuco-cepmigra-pe>. Acesso em: 02 nov. 2022.

_____. **Lei Estadual 17.350, de 15 de julho de 2021**. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/pe/lei-ordinaria-n-17350--2021-pernambuco-dispoe-sobre-os-objetivos-osprincípiosas-diretrizes-e-as-aco-es-prioritarias-a-serem-observadas-na-elaboracao-das--politicas-publicas-voltadas-a-populacao-migrante-no-ambito-do-estado-de-pernambuco>. Acesso em: 02 nov. 2022.

PRAZERES, Maria Lúcia Gomes dos. **Terça Negra no Recife**: narrativas sobre dança, música, espiritualidade e sagrado. 2018. 164 f. (Dissertação em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

RECIFE. **Lei Municipal 18.798, de 20 de maio de 2021**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/2021/1880/18798/lei-ordinaria-n-18798-2021-institui-asbas-es--para-a-elaboracao-da-politica-municipal-de-promocao-dos-direitos--dos-migrantes-erefugiados-no-municipio-do-recife>. Acesso em: 02 nov. 2022.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32.

_____. Phenomenology and Geography. In: HARVEY, Milton; HOLLY, Brian (Eds.). **Themes in Geographic Thought**. London: Croon Helm, 1981.

ROCHA, Rossana Reis; MOREIRA, Julia Bertino. Regime internacional para refugiados: mudanças e desafios. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 18, n. 37, p. 17-30, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/6H5HTgLSFhc5VpTKnRbvzrd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2020.

R4V - Plataforma Regional de Coordenação Interagencial. **RNMA 2023 Análise das Necessidades de Refugiados e Migrantes**. 2023. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/document/rmna-2023>. Acesso em: 20 dez 2023.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020.

SASSEN, Saskia. **Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global**. Trad. Angélica Freitas. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.

SEAMON, David. Corpo-sujeito, rotinas espaços temporais e danças-do-lugar. Trad. Paulo Mauricio Rangel Gonçalves. **Geograficidade**, Niterói, v. 03, n. 02, p. 4-18, Inverno. 2013. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12861>. Acesso em: 19 fev. 2017.

SHIRE, Warsan. **Bendita seja a filha criada por uma voz em sua cabeça: poemas**. Trad. Laura Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SILVA, Daniela Florêncio da; RODRIGUES, Rose Michelle Araújo; ALMEIDA, Manoel Severino Moraes de. Os Desafios da Efetivação dos Direitos de Pessoas em Situação de Migração e Refúgio e seus Avanços: a experiência da Casa de Direitos no Recife-PE. In: JUBILUT, Liliana Lyra et al. (Orgs.). **Direitos Humanos e Vulnerabilidade e Cidadania**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2023. p. 459-484.

_____. Daniela Florêncio da et al. Building host spaces and visibility: the importance of the venezuelan migratory experience in the metropolitan region of Recife (Brazil). In: 19TH INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR THE STUDY OF FORCED MIGRATION CONFERENCE. **Anais [...]**. Santos: Universitária Leopoldianum, 2022. Disponível em: <http://iasfm.org/iasfm19/wp-content/uploads/sites/11/2022/12/IASFM19-Ebook-AcceptedAbstracts.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2023.

_____. Um ensaio geográfico sobre o olhar do flâneur na contemporaneidade. **Geograficidade**, Niterói, v. 11 (Especial), p. 131-141, Outono. 2021a. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/32199>. Acesso em: 15 jul. 2023.

_____. **Refugiados**. In: Dicionário de Cultura de Paz, Curitiba: CRV, v. 2, 2021b. p. 367-369.

_____. O Fenômeno dos refugiados no mundo e o atual cenário complexo das migrações forçadas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 34, n. 1, p. 163-170, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/Xf7yQhXqhY3YyRp9fZZgzwm/#>. Acesso em: 8 jun. 2024.

_____. **Das migrações forçadas à contenção territorial: as geografias do campo de refugiados de Daddab no Quênia**. 2016. 234 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SOUZA, Fabrício Toledo. O êxodo dos refugiados e o direito a resistir. **Direito e Práxis**, v. 5, n. 9, 2014, p. 101-117. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistacea/ju/article/view/12931>. Acesso em: 05 jan. 2016.

SPERANZA, Clarice Gontarski. O afluxo de refugiados e “deslocados de guerra” para as minas de carvão do Rio Grande do Sul ao fim da II Guerra. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 37, n. 74, p. 565-590, mai/ago, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/knhPLg6LGPBqcjzLFQFLCsJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SPIEGELBERG, Herbert. **Phenomenology in psychology and psychiatry: a historical introduction**. Evanston: Northwestern University Press, 1972.

SPOSITO, Eliseu Savério. **A Geografia Humana Concepções e Experiências**. Youtube, 7 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oVxqc47SHHE>. Acesso em: 07 mai. 2020.

TEIXEIRA, Rosane Siqueira. SOB A PERSPECTIVA DE UMA POLÍTICA EXPANSIONISTA: hospedarias de imigrantes de Pernambuco, 1889-1926. **Revista CLIO: Revista de Pesquisa**, Recife, v. 40, n. 2, p. 287-321, Jul-Dez, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/252527>. Acesso em: 5 out. 2023.

THOMÉ, Scheila. Cristiane. Intersubjetividade e idealismo transcendental em Husserl. **Revista De Filosofia Aurora**, v. 31, n. 53, p. 520-535, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/25242>. Acesso em: 5 jan. 2024.

TIERNO, Giuliano. Ensaio com a praça pública ou sobre o conto nas cidades complexas. In: TIERNO, Giuliano; ERDTMANN, Liensenfeld Leticia (Orgs.). **Narra-te Cidade: pensamentos sobre a arte de contar histórias hoje**. São Paulo: A Casa Tombada, 2017. p. 19-35.

TISHMAN, Shari. **Olhar Atento: como incentivar os alunos a aprender por meio da observação**. Trad. Marcos Viola Cardoso. Porto Alegre: Penso, 2024.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 4-15, inverno. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12804>. Acesso em: 9 fev. 2021.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

UNHCR - UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. **Global Trends Forced Displacement**. 2022. Disponível em: <https://www.unhcr.org/global-trends-report-2022>. Acesso em: 20 dez. 2023.

_____. **UNHCR Presence**. 2021. Disponível em: <https://www.arcgis.com/home/item.html?id=7d567cb94c10451980f839ae4ad0a221>. Acesso em: 21 jul. 2025.

_____. **The Americas - UNHCR Presence**. 2016. Disponível em: <https://data.unhcr.org/en/documents/details/80221>. Acesso em: 01 dez. 2024.

VAL, Ana Paula do. Cartografias Afetivas. In: BORDAS, M. A (Org.). **Geografias em Movimento**. São Paulo: Edições Sesc, n. 9, 2013, p. 122- 133.

ZAHAVI, Dan. The practice of phenomenology: The case of Max van Manen. **Nursing Philosophy**, v. 21, n. 2, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/nup.12276>. Acesso em: 03 jul. 2024.

_____. Fenomenologia aplicada: porque é seguro ignorar a epoché. **Rev. Abordagem Gestalt**. Goiânia, v. 25, n. 3, p. 332-341, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672019000300012. Acesso em: 06 jun. 2024.

ZETTER, Roger. A fragmented landscape of protection. **Forced Migration Review**, n. 50, p. 62-65, 2015. Disponível em: <https://www.fmreview.org/sites/default/files/FMRdownloads/en/dayton20/zetter.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ZILLES, Urbano. Prefácio. HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Trad. Urbano Zilles. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

Anexos

Anexo 1 - Registro Histórico de Deslocados de Guerra na década de 1940 em Recife (PE).

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
E SEGURANÇA PÚBLICA



ARQUIVO NACIONAL

**Serviço de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras –
FUNDO (Código do Fundo)**

Seção: Prontuários de estrangeiros

Notação: BR.DFANBSB.N6.0.PTN.PE1.735B

Título: Martha Reithler

Data: 6

Quantidade de Páginas: 14/06/1949

Observações: SEQUÊNCIA DE PRONTUÁRIOS REINICIA
NA CAIXA 331



BR DFANBSB MONT. PEI. 1350 p1/6

735

República dos Estados Unidos do Brasil

ESTADO DE PERNAMBUCO

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

DIRETORIA DO EXPEDIENTE E CONTABILIDADE

SERVIÇO
DE
REGISTO DE ESTRANGEIROS

Capa de prontuário

Nome: _____

R. 5371

BRDFANBSE M.D.PNT.MEI. 1358,22

Exmo. Snr. Dr. Diretor Geral do Departamento do Interior e
da Justiça - Ministério da Justiça e Negócios Interiores:

Rio de Janeiro:



MARTHE REITHLER, natural de Rosheim, de nacionalidade francesa, com 46 anos de idade, nascida em 23 de novembro de 1903, casada, filha de Victor Reibel e de Stephanie Weil, residente á rua Real da Torre, nº 1417, nesta Capital, Registrada no S.R.E. desta Cidade, sob nº 735, em caráter temporária, nos termos do artigo 7º, letra "A", do Decreto nº 7967, de 18/9/45, havendo desembarcado neste porto, em 14 de junho último, vem pelo presente, na forma da Portaria número 10.963/45 e com os documentos anexos, requerer a V. Excia. se digne autorizar a transformação do referido registro para PERMANENTE, Requer, igualmente, a V. Excia. que o seu pedido seja extensivos aos seus filhos menores: Marie Odile, de 14 anos; Marie Herade, de 11 anos e Jean, de 8 anos, respectivamente.

A peticionária adianta a V. Excia. que deixa de anexar autorização do seu marido para residir no Brasil, em virtude do mesmo, como componente que fôra, do Exército de França, durante a última Grande Guerra, acha-se desaparecido é - consequentemente julga-se em igualdade dos deslocados de guerra - confiante nos atos de Justiça do Governo Brasileiro.

pede deferimento.

6/9/49

FÓRMULA GRATIS

Nome MARTHA REITHLER BR DFANBSB N.º G.P.N.T. PE1 13513p4
 Nome do pai: VICTOR REIBEL
 Nome da mãe: Stephanie WEIL
 Nascido em 23/11/903 em ROSHEIM de nacionalidade FANCESA
 Profissão Secretaria trabalhando à rua _____
 n.º _____, firma _____
 Residente à Rua Tom 9-1atua, N.º 345,
 Estado civil CASADA nome da espôsa (ou marido) _____
 _____, nascid. em ____/____/____, em _____ (cidade onde nasceu)
 de nacionalidade _____, tendo _____ filhos.

FILHOS

Nome	Idade	Nacionalidade
<u>MARIE ODILE</u>	<u>14 anos</u>	<u>FEMININO</u>
<u>MARIE HERADE</u>	<u>11 "</u>	<u>"</u>
<u>JEAN</u>	<u>8 "</u>	<u>Masculino</u>

Em que data veio para o Brasil: 14 Junho 1949
 Fôrto do desembarque (1.ª vez): RECIFE
 Nome do navio em que viajou: Vapor "CANTUARIA"

— Observações —

N.º passaporte: 617 expedido pelas autoridades de: PREFEITURA 2A
HAUTE SAOIE na data de: 17/3/49 visado pela autoridade con-
 sular brasileira: em LYON na data de: 15/3/49 sob n.º 11, em cará-
 ter: TEMPORARIA nos termos do art. 7 letra 11a do dec. n.º 7967
 de 18/9/1945

Ilmo. Sr. Diretor do Serviço de Registro de Estrangeiros

BR DFAMBSB Nº 001/PT/PE1

2356 p⁵

S. R. E. de Pernambuco
Registro n.º 435
Recife, 14/6/49
<i>[Signature]</i>

Marthe Reithler de nacionalidade
Francesa requer a v. s. que se digne de mandar

Nestes termos

p. deferimento

[Signature]

Anexo 2 - Carta de um migrante colombiano.

61

Somos migrantes ^{latinos} ^{salvando} ^{meros}, cruzando
 fronteras inciertas, cruzando alambrados
 y el que se ahoga intentando cruzar los rios

Hijos de pueblos gobernados por tiranos,
 que se roban nuestros sueños y matan
 nuestras esperanzas.

Me regalos un vaso de agua que
 tengo sed? o un pedaso de pan, me
 mata el hambre;

Regalame un abrazo hermano que
 mi alma cansada, ne necesita un poco
 de aliento, para continuar este camino
 de incertidumbre.

Sabes el techo de mi morada en las
 noches, son la luna y las estrellas,
 y la lluvia me arripa con su manto
 frío, sin comprender mi desdicha.

Hoy he llegado a mi destino, pero el
 Vacío de la soledad me agobia más
 fuerte que nunca, extraño mis seres
 queridos, mi vida y lo que fui; sabiendo
 que ya nunca mas volveré a ser el mismo

Recife Brasil Abril 6 / 2024

Raul S.M.

Anexo 3 - Documento de criação do Comitê Interinstitucional de Promoção dos Direitos das Pessoas em Situação de Migração, Refúgio e Apatridia de Pernambuco.

Comitê Interinstitucional de Promoção dos Direitos das Pessoas em Situação de Migração, Refúgio e Apatridia

Termo de Cooperação Técnica para a criação do Comitê Interinstitucional de Promoção dos Direitos das Pessoas em Situação de Migração, Refúgio e Apatridia, de iniciativa das entidades abaixo indicadas e qualificadas, considerando a necessidade de uma atuação em rede para a promoção e defesa das pessoas em situação de migração internacional, apatridia e refúgio no território pernambucano, resolvem firmar o presente termo para instituírem o presente Comitê, que propõe uma nova dinâmica de atuação articulada, nos termos abaixo:

1. Apresentação

No plano institucional, a importância do acolhimento das pessoas em situação de migração, apatridia e refúgio, foi objeto de preocupação de vários Estados Nacionais que se uniram e editaram várias normas internacionais a fim de proteger os direitos dessas pessoas, tais como: Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948); Estatuto do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (1950); Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados assinada em Genebra (1951); Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas (1954); Convenção para a Redução dos Casos de Apatridia (1961) e seus protocolos; o Protocolo de 1967, relativo ao Estatuto dos Refugiados, dentre outras, que formam um conjunto de regras para cobrar e para incentivar as entidades públicas, seja de direito público interno ou internacional, e privadas, ações de efetivação de inclusão social e produtiva para as pessoas nessas situações.

Esse Comitê, portanto, é uma das respostas a essa responsabilização que, em um primeiro momento quer valorizar as ações institucionais de recepção de pessoas em situação de migração internacional, apatridia e refúgio e, designadamente, pretende contribuir para que, cada uma a partir de suas atribuições legais, enfrentem as violações de direitos porventura existentes e otimizem suas ações, evitando o retrabalho.

O fato é que já existem várias entidades atuando nessa área e com louvor; porém, quer por questões legais ou impedimentos profissionais, nem sempre conseguem dialogar com as demais em um ambiente qualificado, colaborativo e articulado. Essa é a tônica desse Comitê, ser um espaço para receber as diversas expertise sobre a temática, sem desnaturar a vocação institucional ou o entendimento pessoal de todos os seus participantes.

Essa atuação qualificada, articulada e colaborativa é necessária porque a Lei Federal Nº 9.474, de 22 de julho de 1997, que define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, bem como a Lei Federal Nº 13.445, de 24 de maio de 2017, que instituiu a nova lei de migração no Brasil, requerem uma série de atuações institucionais para o público nessas situações, pois a promoção da inclusão social dele pode se tornar complexa em virtude de várias dificuldades.

Trata-se, esse Comitê, de um espaço qualificado, articulado e colaborativo com a integração de entidades privadas e públicas, nacional ou internacional, organizações da sociedade civil e órgãos públicos para fortalecer e apoiar a divulgação de ações e práticas institucionais de promoção e de defesa dos direitos das pessoas em situação de migração internacional, apatridia e refúgio.

2. Objeto Geral - Fortalecer e apoiar o trabalho em rede das entidades privadas e públicas, nacional ou internacional, organizações da sociedade civil e órgãos públicos para a promoção e a defesa dos direitos das pessoas em situação de migração internacional, apatridia e refúgio, com a finalidade de reafirmar a importância dessas entidades por tal objetivo, bem como para aperfeiçoar o trâmite de informações e o conhecimento que sirvam para suas finalidades precípuas, além de contribuir para a construção, a execução e o monitoramento da política nacional de migração internacional.

Comitê Interinstitucional de Promoção dos Direitos das Pessoas em Situação de Migração, Refúgio e Apatridia

3. Objetivos Específicos

3.1) Elaborar e adotar estratégias conjuntas entre instituições entidades privadas e públicas, nacional ou internacional, organizações da sociedade civil e órgãos públicos, considerando os limites e as especificidades de cada entidade ou organismo participante, para a realização de ações de acolhimento, de inclusão social e produtiva, de sensibilização sobre a realidade da condição de pessoa em situação de migração internacional, apatridia e refúgio e das ações de instrumentalização para todos os profissionais que trabalham em contato com esse público;

3.2) Atuar para que as entidades e organizações participantes desenvolvam e compartilhem campanhas informativas com a finalidade de proporcionar, às pessoas em situação de migração internacional, apatridia e refúgio, informações sobre seus direitos;

3.3) Atuar para incentivar que os municípios desenvolvam projetos para incluir socialmente as pessoas em situação de migração internacional, apatridia e refúgio em seus territórios, sobretudo com apoio da União Federal e do Estado de Pernambuco;

3.4) Contribuir para o reforço dos processos de sensibilização junto à sociedade, colaborando com as ações de enfrentamento à discriminação e preconceito, principalmente através da divulgação das boas práticas apresentadas ao Comitê;

3.5) Elaborar e adotar instrumentos comuns que otimizem a circulação da notícia de ocorrência com pessoas em situação de migração, apatridia e refúgio, com vistas ao seu acolhimento adequado e apropriado, devendo todos os casos de conhecimentos das entidades participantes, respeitada a legislação sobre o sigilo, serem utilizados para fins de estudos de caso, no sentido de atualizar a rede sobre as novas formas de atuar para inclusão social das pessoas em situação de migração internacional, apatridia e refúgio;

3.6) Divulgar e manter atualizada a relação das entidades participantes deste Comitê, consignada a sua finalidade ou objetivo institucional, para ser utilizada como referência de equipamentos públicos ou privados que possam orientar, acolher ou defender os direitos das pessoas em situação de migração, apatridia e refúgio, bem como daquelas que possam promover a reconstrução dos vínculos familiares e comunitários para a concretização do processo de inclusão social;

3.7) Elaborar fluxograma de encaminhamento, entre os integrantes deste Comitê, das pessoas em situação de migração internacional, apatridia e refúgio para os serviços de apoio mais adequados dentre as instituições ou entidades com vocação para esse tipo de intervenção, levando em conta a sua localização geográfica e as necessidades específicas da intervenção;

3.8) Contribuir para a elaboração de uma metodologia de intervenção interdisciplinar e especializada, nas seguintes áreas: assistência à saúde, orientação e defesa jurídica, assistência social e estudo antropológico, respeitando o âmbito de intervenção de cada entidade, bem como propiciar o encaminhamento adequado das pessoas em situação de migração, apatridia e refúgio para outros serviços de apoio previamente identificados, integrantes, ou não, desse Comitê;

3.9) Contribuir para reduzir e prevenir quaisquer situações de revitimização das pessoas em situação de migração internacional, apatridia e refúgio.

4. Entidade Coordenadora do Comitê

4.1. As entidades participantes elegerão, para um mandato de 01 (um) ano, duas entidades, uma de

Comitê Interinstitucional de Promoção dos Direitos das Pessoas em Situação de Migração, Refúgio e Apatridia

pública e outra privada, para coordenarem os trabalhos, que assumirão a dinamização das reuniões e o acompanhamento das atividades decorrentes do presente protocolo de intenções.

4.2. As entidades coordenadoras terão como atribuições:

4.2.1. Apoiar o funcionamento do Comitê, de acordo com o plano anual de atividades, relativamente às suas reuniões e, sempre que possível, participarem das ações promovidas pelas outras entidades integrantes deste Comitê;

4.2.2. Manterem informação atualizada sobre matérias relacionadas ao direito de migrantes internacionais, apátridas e refugiados e disponibilizá-la para todas as entidades integrantes deste Comitê;

4.2.3. Prestarem às entidades integrantes deste Comitê, quando solicitado, o devido atendimento no desenvolvimento das suas atividades no âmbito da situação de migração internacional, apatridia e refúgio;

4.2.4. Elaborarem o plano anual de atividades do Comitê, bem como os termos da sua monitorização e avaliação, a ser apresentado e aprovado pelas demais entidades integrantes deste Comitê;

4.2.4. Convidarem todas as entidades integrantes deste Comitê para as reuniões mensais ordinárias, que serão realizadas, preferencialmente, na última terça-feira à tarde de cada mês.

5 DAS REUNIÕES ORDINÁRIAS E EXTRAORDINÁRIAS

5.1. As reuniões ordinárias, que terão caráter itinerante, serão realizadas nas dependências das instituições integrantes deste Comitê com o tempo máximo de duração de duas horas, devendo a pauta constar expressamente no convite, e serão realizadas, a princípio, na última terça-feira à tarde de cada mês;

5.2. O(A)s representantes das entidades coordenadoras presidirão a reunião, devendo um(a) assumir a presidência e secretaria dos trabalhos, enquanto o(a) outro(a) representante de entidade coordenadora assumirá as funções de protocolo e organização da reunião;

5.3. As reuniões serão realizadas, preferencialmente, em duas etapas:

5.3.1. A primeira parte da reunião será iniciada com a leitura da pauta, comunicações das entidades participantes, propostas de trabalho, síntese das discussões e deliberações e definição do próximo local da reunião, sendo esses os termos que integrarão a ata de reunião;

5.3.2. A segunda parte da reunião será uma apresentação sobre temas importantes para o fortalecimento dos objetivos deste Comitê;

5.3.3. Sempre que possível e em função de questões técnicas, será facultada a participação dos integrantes deste Comitê por meio de sistema informatizado do tipo “Skype”;

5.3.4. O quórum deliberativo para a primeira chamada será de 50% (cinquenta por cento) mais um dos representantes das organizações integrantes deste Comitê e, não sendo alcançado esse número, será realizada a segunda chamada 30 min (trinta minutos) após o horário marcada para o início da reunião, quando esse quórum passará a ser 50% (cinquenta por cento) mais um dos representantes presentes à reunião.

Comitê Interinstitucional de Promoção dos Direitos das Pessoas em Situação de Migração, Refúgio e Apatridia

6. Obrigações das entidades participantes – Designar, por ofício, um(a) representante para comparecer às reuniões ordinárias, extraordinária, e às atividades promovidos pelo Comitê para atuar no(a)(s):

6.1. Elaboração do plano de atividades anual, com poderes de voto na aprovação desse, no desenvolvimento das ações e atividades previstas nesse documento e na sua avaliação;

6.2. Ações de sensibilização e formação na área de migração internacional, apatridia e refúgio junto ao público previamente estabelecido, de modo a instrumentalizar diferentes interlocutores sociais para essa problemática, com o objetivo de promover a inclusão social e produtiva das pessoas nessa situação;

6.3. Colaboração entre as entidades integrantes deste Comitê para a prestação de apoio às pessoas em situação de migração internacional, apatridia e refúgio, sempre que necessário;

6.4. Casos de ocorrência de qualquer violação de direitos, mesmo que em tese, fazer a comunicação de imediato à autoridade competente, inclusive policial, levando o caso ao conhecimento do Comitê para fins de estatística.

7. Plano anual de trabalho

7.1. As entidades coordenadoras proporão o plano anual de trabalho e elaborarão o relatório anual de atividades.

7.2. O plano anual de trabalho será apresentado para as demais entidades participantes com a finalidade de análise, emendas e aprovação em reunião plenária, até a terceira reunião ordinária anual do Comitê.

7.3. As entidades coordenadoras e mais duas outras entidades participantes, escolhidas em reunião ordinária ou extraordinária, formarão uma comissão de acompanhamento dos trabalhos desenvolvidos pelas entidades coordenadoras deste Protocolo.

7.4. Todo(a)s o(a)s participantes deste Comitê podem divulgar suas atividades em curso durante as reuniões ordinárias e ainda sugerir, às entidades coordenadoras, as possíveis alterações ou melhorias dessas atividades.

8. OBRIGAÇÕES FINANCEIRAS

8.1. As entidades participantes não terão quaisquer responsabilidades de transferência financeira para com o Comitê, pois as despesas para a realização dos seus objetivos ocorrerão dentro das respectivas atribuições e competências conforme a disponibilidade orçamentária de cada uma.

8.2. A participação de qualquer pessoa natural será sempre voluntária e não gerará vínculo ou obrigação de qualquer natureza jurídica com o Comitê ou com as entidades coordenadoras.

9. Participação e Prazo

9.1. O presente Comitê tem prazo indeterminado de existência e as entidades parceiras o integrarão

Comitê Interinstitucional de Promoção dos Direitos das Pessoas em Situação de Migração, Refúgio e Apatridia

na qualidade de fundadoras e, após sua criação, as demais o integrarão por simples adesão, podendo ser desligada por comunicação escrita do signatário, ou seu representante legal, neste instrumento e encaminhada às entidades coordenadoras em exercício.

9.2. A adesão poderá ocorrer mediante ofício da entidade interessada e recebido por uma das entidades coordenadoras, com a consolidação do ato na primeira reunião, ordinária ou extraordinária, a que comparecer o representante da entidade solicitante.

9.3. Também poderão participar das reuniões do Comitê os representantes das entidades privadas e públicas, nacional ou internacional, organizações da sociedade civil e órgãos públicos que atuem nessa área, mesmo sem a adesão formal a esse colegiado.

Recife,

Entidades Fundadoras

ANEXO 4 - Mapa da Presença das Instalações do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados no continente americano no ano de 2016.

The Americas

UNHCR presence

as of 13 Jan 2016



Fonte: United Nations High Commissioner For Refugees (UNHCR, 2016).

